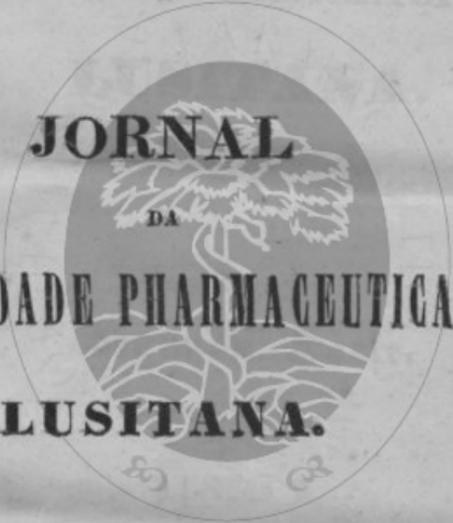






Centro de Documentação Farmacêutica  
da Ordem dos Farmacêuticos

**JORNAL**  
DA  
**SOCIEDADE PHARMACEUTICA**  
**LUSITANA.**



Centro de Documentação Farmacêutica  
da Ordem dos Farmacêuticos



Centro de Documentação Farmacêutica  
da Ordem dos Farmacêuticos

**JORNAL**  
DA  
**SOCIEDADE PHARMACEUTICA**  
**LUSITANA.**

*Magnum iter ascendo, sed dat mihi gloria vires.*  
*PROP. Lib. 4. Eleg. 10.*

**Segunda Serie.**

**TOMO I.**



Centro de Documentação Farmacêutica  
da Ordem dos Farmacêuticos

**Lisboa.**

**NA IMPRENSA SILVIANA.**

**1850.**

JORNAL

SOCIEDADE FARMACÊUTICA



Centro de Documentação Farmacêutica  
da Ordem dos Farmacêuticos

ANALYSIS

ANALYSIS

ORDER

JORNAL  
DA  
SOCIEDADE PHARMACEUTICA  
LUSITANA.

SAÚDE PUBLICA.

Do *phellandrium aquatico*; pelos Srs. J. F. Mérat e A. J. de Leus.

Este genero da familia das umbelliferas, da pentandria digynia, cujo nome, que é o mesmo que lhe deu Plinio (*lib. XXVII, c. 12*), a unica especie que encerra o *phellandrium aquaticum*, L., *cicuta aquatica*, vem de *φελλος*, cortiça; porque o seu talo grosso, leve, e fistuloso, ha sido comparado á cortiça. Esta planta encontra-se nos pantanos, logares humidos, onde se conhece pelo seu cheiro, que não é desagradavel; e assemelha-se um pouco ao do cerefolio; suas fôlhas de dous ou tres foliolos, lisas, delgadas (o que lhe dá a denominação de *funcho aquatico*); os foliolos lacimados, obtusos, um pouco ovaes; as umbellas terminaes em raios eguaes, cujo involucro é nullo ou d'um foliolo, e o involucello de 6 — 8; as flôres brancas, cujas petalas são cordiformes, teem o fructo ovoide-oblongo, não estriado, coberto pelos dentes do calice, que são finos e em numero de cinco. Quando maduras suas sementes, a unica parte da planta que hoje se emprega, são mais grossas, d'um cheiro mais forte, e d'um amarello-esverdeado. Steiner, Pharmaceutico em Franc-

fort, observa que, na Alemanha, as pessoas encarregadas da colheita d'estas sementes, as apanham antes de estar maduras, pondo-as em monte para fermentar; o que lhes dá a côr escura que apresentam nas boticas (*Bull. des sc. méd.*, de Férussac, IV, p. 292). Estas sementes produzem, pela distillação, oleo essencial, d'um amarello-desmaiado, e d'um cheiro penetrante; fornecendo 16 onças d'ellas, tractadas pela agua e alcohol, uma onça d'extracto aquoso, onça e meia d'extracto alcoholico, e d'este tres partes de resina pura.

A planta verde é muito nociva aos animaes, por suas qualidades deletereas; Linneo julgou que os accidentes, que n'elles se produziam, tinham origem no gorgulho paraplectico, *curculio paraplecticus*, L., que se nutre da medulla das suas hastes, que os quadrupedes engolem; o que especialmente lhes causa uma especie de paralytia, segundo se tem visto desinvolver nos cavallos; é este um prejuizo que existe na Suecia; mas nem Gmelin, nem Bulliard (*Plantes vénen.* p. 312), teem podido encontrar semelhantes insectos nas hastes, referindo Degeer que sahem por um furo que practicam na membrana das mesmas hastes, antes da dessecação: entretanto, depois de sêcca, esta planta não é prejudicial, segundo o proprio testemunho de Linneo.

Ernsting considera-a como appetitiva, diuretica, diluente, lithonriptica, anti-escorbutica, &c., e a emprega contra os lobinhos, esplenites, obstrucções do figado do mesenterio, &c. (Coste et Willemet. *Mat. méd. ind.*, p. 136); elogiando principalmente suas propriedades febrifugas, que affirmam, com Lange, serem superiores ás da quina. Diz-se que o seu uso, contra o escorbuto, era em outro tempo tão frequente na Belgica e Ducado de Brunswick, que ja se não encontrava nos vastos brejos d'estes paizes.

As sementes d'esta planta teem sido muito recommendadas na tísica pulmonar, por grande numero de Medicos Alemães, taes como Stein, Hertz, Schermann, Struve, Lange, &c., e sobretudo na tísica mucosa. Tomson, Me-

dico Dinamarquez, que publicou um trabalho sôbre este objecto, diz que estas sementes obram sôbre os pulmões como calmantes e expecturantes, tendo chegado mesmo a reconhecer, nos escarrhos dos individuos que d'ellas fazem uso, o cheiro que lhes communicam; não curam, continúa o mesmo Auctor, a tísica confirmada, mas atalham os seus progressos, diminuindo os symptomas, taes como a tosse e a expecturação, &c. (*Journ. d'E'dimbourg*, VI, 381). O Professor Hufeland observa que ellas conveem, como preservativo e curativo, junctamente com o musgo islandico, na tísica chronica, particularmente na de natureza mucosa, e na que succede ao sarampo; que tambem são palliativos na tísica purulenta, junctamente com outros meios (*Journ. d'Hufeland*, veja-se *Bibl. méd.*, XXXI, 122). Bertini refere o caso d'uma consumpção pulmonar, chegada ao ultimo periodo, curada pelo uso d'estas sementes; a diarrhea e os escarrhos diminuíram sensivelmente no fim de cinco dias, e melhorou em geral o estado do doente: tomadas gradualmente desde alguns grãos até dous escropulos, depois oitava e meia em 24 horas, a febre dissipou-se, assim como a tosse, a expecturação, e a diarrhea; as funcções se restabeleceram, e, no fim de dous mezes e meio, o enfermo sahiu do hospital com perfeita saúde (*Revue médicale*, II, 477).

O uso das sementes do phellandrio, deve ser precedido do tractamento antiphlogistico, e muitas vezes se lhe associa os balsamicos resolutivos, taes como as flôres d'arnica, as folhas d'hyssopo, ou os tonicos energicos, como a quina.

Estas sementes, que se administram em pó, por meio d'um vehiculo apropriado, são applicadas na dose de quatro a seis grãos, muitas vezes por dia; pode-se tomar uma oitava em 24 horas (*Ann. pratiques de Montp.*, p. 64, fevereiro de 1808); e Ernsting tem-nas dado nas febres intermitentes até meia onça por dia: administra-se tambem em tinctura (*Bull. de pharm.*, IV, 271).

O abuso d'este medicamento, segundo se diz, causa vertigens, hemopthisia, auçiedade, espasmos, &c.; sen-

do todavia certo que um de nós não observou, até hoje, vantagens ou inconvenientes no emprêgo d'estas sementes. O Doctor Huning publicou a historia d'uma caria escrophulosa com amollecimento dos ossos, em um menino de sete annos, curado por virtude das referidas sementes (*Bibl. méd.*, XLI, 404), e ao seu uso cedeu igualmente uma ulcera do pe, muito rebelde, conforme o testemunho de Schuurman. Trad. por J. D. Corrêa.



PHARMACIA.



Falsificação do kermes mineral.

Lês-se no *Jornal de Pharmacia e Chymica de Paris*, que, em algumas boticas da mesma Cidade, se encontrou o kermes de muito bom aspecto, quasi completamente constituido por per'oxydo de ferro.

Para contestar esta fraude, recommenda o Auctor do artigo lançar em um pequeno tubo de vidro, ou em um matraz, uma gramma proximamente do kermes suspeito, e 5 a 6 centimetros cubicos d'acido chlor'hydrico puro e concentrado. Aquecendo-se o vaso, se o kermes é puro, ha desinvolvimento de gaz sulphydrico, o liquido é leitoso, e deixa depositar um pouco de enxôfre; fazendo-o server para expulsar todo o sulphydrico, e filtrando-o, o liquido passa incolor.

No caso de estar o kermes falsificado com o per'oxydo de ferro, desinolve-se muito pouco ou quasi nenhum sulphydrico, deposita-se muito enxôfre, e o liquido filtrado, em vez de ser incolor, é amarello, e tanto mais carregado de côr quanto mais ferro contém.

Em ambos os casos se dilue o liquido em 4 ou 5 vezes o seu volume d'agua, tendo cuidado d'ajunctar uma porção d'acido tartarico que se oppõe á precipitação do antimonio; porque d'outro modo formar-se-hia um pre-

cipitado de po d'algaroth (oxy-chlorureto d'antimonio). No liquido diluido n'agua lança-se *prussiato de potassa*, que origina um precipitado azul muito abundante, quando o kermes contém ferro.

Não se tendo lançado bastante acido tartarico, formar-se-ha, pela addição do *prussiato de potassa*, um precipitado branco azulado, que se dissolve n'um excesso d'acido tartarico; se porém, á dissolução no acido chlor'hydrico, se junctar sufficiente quantidade d'acido tartarico, o ferro é precipitado no estado d'azul de Prussia.

O precipitado azul abundante, que se forma quando o kermes contém ferro, não se pode confundir com a côr azul que se nota quando nas dissoluções muito acidas se manifesta quando se lhes lança o *prussiato de ferro*.

J. J. S. Telles.



CHYMICA.

**Relatorio da primeira parte dos trabalhos da Comissão especial, encarregada da Analyse das Aguas-Mineraes do Reino. (\*)**

SENHORES! — A Comissão especial, encarregada da Analyse das Aguas-Mineraes do Reino, vem hoje dar-vos conta dos seus trabalhos; e se no desempenho d'esta tarefa não andou tão breve como ambicionava e era para desejar, muitos e diversos embaraços lhe contrariaram a vontade: porque, quando tomou posse do gabinete, instrumentos, e apparatus da antecedente Comissão, recebeu tudo amontoado, e muitos d'aquelles objectos em mau estado, effeito da arrebatada mudança d'esta Sociedade para o Edificio em que se acha; porque lhe foi preciso concertar muitos dos ditos instrumentos, comprar ap-

(\*) Os Membros d'esta Comissão, são: os Srs., José Dionysio Corrêa, *Director e Relator*; João José de Sousa Telles, *Vice-Director*; Izidoro da Costa Azevedo; Anacleto Antonio Rodrigues d'Oliveira; e Pedro Ferreira Norberto.

*Os Redactores,*

parelhos, arranjar de novo o seu gabinete, preparar e analysar os reagentes; e, finalmente, porque a maioria dos Vogaes da Commissão, foram successivas vezes impossibilitados e interrompidos nos seus arduos trabalhos, não so por doença, mas tambem por pertencerem a outras Commissões d'esta Sociedade, e por vós incumbidos de trabalhos especiaes.

Senhores, em cumprimento da Lei de 31 de Julho e Portaria do Ministerio do Reino de 3 d'Outubro de 1839 (1), occupava-se ainda esta Sociedade da analyse das tres Aguas das Alcaçarias d'esta Cidade; quando Sua Magestade ElRei O Senhor D. Fernando II, nosso Augusto Protector, mostrou desejos de que fosse analysada a Agua da Fonte dos Passarinhos, existente no seu Real Palacio e Quinta do Castello da Pena na Serra de Cintra, dever a que a vossa Commissão não podia deixar egualmente de satisfazer, porque o era tambem de toda a Sociedade Pharmaceutica Lusitana.

Pareceu á Commissão que, segundo o espirito e letra da citada Portaria, não devia limitar-se ao exame analytico das aguas que faltavam analysar, mencionadas na vossa Representação ao Governo de Sua Magestade, datada de 20 de Setembro de 1839 (2), mas que tambem lhe cumpria tomar conhecimento das demais aguas potaveis e mineraes existentes no districto das ditas aguas analysadas.

Dos seus usos e virtudes medicinaes, a Commissão expõe somente o que achou escripto; não se devendo por consequencia inferir, que ella pretenda julgar-se competente n'este ramo da Arte de Curar.

Para maior regularidade, dividiu esta Commissão os seus trabalhos analyticos em duas partes. A primeira, comprehende as analyses qualitativa e quantitativa das Aguas das Alcaçarias, do Duque, de D. Clara, e do Doctor; e as qualitativas das Aguas, do Arco da Senhora da Conceição, do Chafariz d'ElRei, do Tanque das Lavadeiras d'Alfa-

(1) Jornal d'esta Sociedade, 1.<sup>a</sup> Serie, tomo 2.<sup>o</sup> pag. 427.

(2) Jornal d'esta Sociedade, 1.<sup>a</sup> Serie, tomo 2.<sup>o</sup> pag. 335.

ma, do Chafariz de Dentro, do Chafariz da Praia, e do Chafariz da Bica do Sapato, em Lisboa: a segunda tracta das analyses qualitativa e quantitativa da *Agua da Fonte dos Passarinhos*, e d'algumas experiencias chymicas feitas nas da *Fonte de Santa Eufemia*, e das ferreas, da *Serra do Duque de Cadaval*, e da *Quinta do Thomazini*, em Cintra. E occupando-se ja da primeira parte, em breve espera submeter a segunda á vossa consideração.

### AGUAS DAS ALÇAÇARIAS.

As alçaçarias, são os banhos situados em Lisboa, ao N. da Rua do Terreiro do Trigo, defronte d'este Estabelecimento e no Bairro d'Alfama.

Consultando esta Commissão, o Capitão Luiz Marinho d'Azevedo (3), diz este Escriptor, que *Alfama* fôra o sitio antigo de Lisboa (4), descendo do Castello pela Porta d'Alfôfa (5) até á de Ferro (6), e d'esta á Mizericordia, voltando ao longo do mar; e do Chafariz d'ElRei subindo ao Arco de S. Pedro (7), continuando até á Porta do Sol (8), e acabando no mesmo Castello, como se deprehende dos antigos muros.

(3) Fundação, antiguidades, e grandezas de Lisboa, 2 vol. 1652.

(4) Na mesma obra citada, diz: « Foi Lisboa conhecida dos antigos com diferentes nomes, variedade causada da corrupção dos tempos, ou da lingua dos seus conquistadores. Chamou-se primeiro ELYSEA, e successivamente ULISSEA, ULISSIPOLIS, ULYSIPO, FELICITA JULIA, OLISIPONA, EXUHONA, LISIBO, ultimamente LISBOA. » Lisboa é a primeira Cidade e a Capital do Reino; a séde do Districto Administrativo da mesma denominação, o qual tem 39 Concelhos e 223 Freguezias, com 104.105 fogos e 402.341 habitantes.

(5) PORTA D'ALFÔFA, foi situada ao cimo da Calçada de S. Crispim, na Rua do Milagre de S. Antonio, proxima ao logar aonde existiram dous nichos: o do lado do S., representando o dito Milagre em azulajo, e no do lado do N. havia uma Cruz.

(6) PORTA DE FERRO OU ARCO DA CONSOLAÇÃO, ficava correspondente á porta principal da Igreja da Sé, e contigua á Igreja de S. Antonio; e tinha por cima a antiquissima Capella de Nossa Senhora da Consolação.

(7) ARCO DE S. PEDRO, existiu defronte da porta principal da antiga Igreja de S. Pedro d'Alfama; onde se achava situada a PORTA D'ALFAMA, hoje loja de barbeiro na Rua da Adiça n.º 113, que confina com a Rua de S. João da Praça, do lado de Leste.

(8) PORTA DO SOL, ficava contigua á Igreja de S. Braz da Ordem de Malta, hoje de Santa Luzia.

O Padre D. Raphael Bluteau (9) descreveu *Alfama* ou *Alama*, o mais antigo bairro de Lisboa, contendo ruas estreitas, casas pequenas, e povoado de pescadores. E Francisco Solano Constancio (10) diz que este bairro tomou semelhante nome, por ter sido *mouraria*, ou refugio dos Mouros, que alli foram obrigados a morar, como os Judeos em Roma, &c.; e deriva-o do Arabe *al hama*, que significa *refugio*.

Este bairro conserva vestigios da sua mui remota antiguidade; ruas estreitas e sombrias, muitas casas pequenas, outras feitas e reformadas modernamente: mas desde o anno de 1834, que a Ex.<sup>ma</sup> Camara Municipal de Lisboa lhe tem mandado fazer muitos melhoramentos, não so para o seu aformoseamento, mas tambem para que os seus moradores gozem de maior salubridade; encontrando-se-lhe hoje muitas ruas bem calçadas, com desaguedouros e cannos geraes, cannos parciaes em muitos dos edificios, continuada limpeza de ruas, &c. &c.

As Alcaçarias, como diziamos, são tres banhos conhecidos com o titulo do *Duque*, de *D. Clara*, e do *Doctor*.

Diz-nos Luiz Marinho d'Azevedo, no anno de 1652, fallando das Alcaçarias, que «o banho de agoa quente, « está em huã alcaçaria de Alfama nas casas de Francisco » Estudenduli, que foi mercador Veneziano, juncto ao arco » da lauagem:» o que nos faz crer que este *banho* é o que hoje denominamos do Duque; e que o *arco da lauagem* é o arco que existe proximo ao tanque aonde muitas mulheres costumam lavar roupa; sendo a entrada pelo Bêcco d'Alfama, que separa os Banhos do Duque dos de D. Clara, ficando aquelles a L., e estes a O. do dito Bêcco, e cujo tanque é conhecido por *Tanque das Lavadeiras d'Alfama*.

Bluteau, fallando das Alcaçarias, diz: « que antigamente erão Palacios de Mouros; aonde hoje em Lisboa (1712) se curtem todo o genero de pèlles. » O que é cer-

(9) Vocabulario Portuguez e Latino, 9 vol. 1712.

(10) Novo Diccionario critico e etymologico da Lingua Portugueza, 1 vol. 1836.

to é, que antigamente, n'este mesmo local, havia uma fabrica de curtir pelles; como o attestam Antonio de Moraes Silva (11), Francisco Solano Constancio (12), e outros Escriptores: hoje não existe similhante fabrica, havendo apenas uma de fazer papel.

Antes porém d'entrarmos na descripção e analyse das Aguas dos Banhos das Alcaçarias, seja-nos permittido fazer primeiramente a narração das que se acham nas circumvisinhanças d'estes banhos; e bem assim offerecer as descripções e considerações de Escriptores Respeitaveis, que esta Commissão consultou.

Além das tres aguas dos Banhos das Alcaçarias, começando do lado do O., da Rua dos Bacalhoeiros em seguida á beira-mar e para L. até ao Caes do Tojo, que fica proximo a Santa Apollonia, existem as aguas seguintes: 1.<sup>a</sup>, a *do Arco da Senhora da Conceição*; 2.<sup>a</sup>, a *do Chafariz d'El Rei*; 3.<sup>a</sup>, a *do Tanque das Lavadeiras d'Alfama*; 4.<sup>a</sup>, a *do Chafariz de Dentro*; 5.<sup>a</sup>, a *do Chafariz da Praia*; 6.<sup>a</sup>, a *do Tanque de Lavagem juncto ao Tojo*; 7.<sup>a</sup>, a *do Poço no Bêcco de Pena-Boquel*; e 8.<sup>a</sup>, a *do Chafariz da Bica do Capato*.

#### AGUA DO ARCO DA SENHORA DA CONCEIÇÃO.

Este arco fica ao N. da Rua dos Bacalhoeiros, e a L. da casa denominada *dos bicos*, pertencente á Freguezia da Sé, que contém 476 fogos e approximadamente 2:300 habitantes, ao 3.<sup>o</sup> dos Bairros (o do Rocio), em que administrativamente está dividida a Cidade, e ao 2.<sup>o</sup> Districto Criminal.

A agua é salobra, corre em direcção da Sé, atravessando a Rua do Almarge até a um pequeno tanque que fica á entrada d'uma porta situada a O. da escadaria de pedra do dito arco, subindo-se os primeiros quatorze degraus. N'este pequeno tanque divide-se a agua para tres encanamentos, com direcções para a Alfandega Grande, Arsenal da Marinha, e Largo do Corpo Santo.

(11) Dictionario da Lingua Portugueza, 2 vol. 1831.

(12) Novo Dictionario acima citado (vide a nota 10<sup>a</sup>).

Para a Alfandega Grande, segue do arco o encanamento pela Rua dos Bacalhoeiros, volta pela dos Arameiros em direcção ao Tejo, e entra pela porta de ferro da mesma Alfandega, que está situada ao L. do jardim do lado do Caes, e se divide para dous pontos. No primeiro, corre constantemente por quatro bicas de bronze, para um tanque de cantaria, construído em 1837, de forma circular, que está no centro do pateo da mesma Alfandega; no segundo, por uma bica com torneira de bronze, que deita agua para um pequeno tanque de pedra, concavo, situado no Caes da dita Alfandega, e que olha ao S. Juncto a esta bica ha mais duas torneiras tambem de bronze, que deitam para tanques de cantaria, de forma quadrilonga, cuja agua serve para a rega do mencionado jardim.

Para o Arsenal da Marinha, vae do mesmo arco por um dos ditos encanamentos, que segue pelas Ruas, dos Bacalhoeiros, Confeiteiros, Magdalena, e d'Alfandega Grande, Praça do Commercio, e Rua do Arsenal; e é introduzida no sitio onde esteve por muitos annos a Bica n.º 7, defronte do Edificio do Banco de Portugal, proximo ao Largo do Pelourinho.

Dentro do referido Arsenal, e juncto ao primeiro telheiro proximo á Ponte, sae a dita agua, em uma fonte com uma bica de bronze, cahindo n'um pequeno tanque de cantaria, de forma semi-circular; a qual olha a O.

Para o Largo do Corpo Santo, é levada pelo encanamento que, do mesmo Arco da Senhora da Conceição, segue pelas mesmas ruas que para o Arsenal da Marinha, continuando pela Rua do Arsenal, de L. para O.; o qual encanamento vae por baixo dos lagedos dos passeios da dita rua e lado do S.

E' pois a Bica n.º 7, de que acima fallámos, e que por muitos annos esteve proxima ao Largo do Pelourinho, que hoje se acha encostada ao muro do Arsenal da Marinha, e a L. do Largo do Corpo Santo, que pertence á Freguezia de Nossa Senhora dos Martyres, mui proximo ao Tejo; cuja obra e mudança é devida á Ex.<sup>ma</sup> Camara Municipal de Lisboa.

Esta agua corre por dous tubos de ferro, e é alli mandada buscar pelos moradores visinhos, que d'ella se servem para lavagens; cabindo a maior porção para um grande tanque de cantaria. N'esta fonte está gravada, em pedra, a inscripção seguinte:

CAMARA  
MUNICIPAL  
DE  
LISBOA.  
ANNO DE  
1844.

Submettida esta agua, tanto no local do Arco como no Laboratorio, a varias observações e analyses; deu os resultados seguintes:

*Propriedades physicas.*

- 1.º Limpida.
- 2.º Cór.....
- 3.º Cheiro..... } nullos.
- 4.º Sabôr — d'agua salobra ou não potavel.
- 5.º A temperatura, observada no tanque ás 5 horas da tarde do dia 7 de Maio de 1849, era de  $+19^{\circ},5$ , sendo a do ar atmospherico de  $+18^{\circ},5$ , e á pressão de  $739^m,13$ .
- 6.º A densidade apreciada no Laboratorio, está para um equal volume d'agua distillada ::  $1,105:1,000$ , á temperatura de  $+17^{\circ}$ , e á pressão de  $736^m,59$ .

*Ensaio chymico feito juncto ao Arco.*

- 1.º Agitada — produziu bôlhas que se destruíram com facilidade.
- 2.º Com o alcoholado de tornasol — insensível; mostrando não conter acido livre.
- 3.º Com o hydrolado calcico — precipitado branco, insolúvel no excesso da mesma agua; accusando não conter acido carbonico livre.
- 4.º Com o acetato plumbico — precipitado branco, que

não ennegreceu; mostrando a não existencia de gaz sulphydrico ou sulphuretos.

5.º Com o alcoholado de sabão — precipitado branco abundante; indicando conter muita quantidade de saes calcicos ou magnescicos.

6.º Com o alcoholado de pau de Campêche — côr violeta; accusando a existencia de bi-carbonatos.

7.º Com o chlorureto calcico — insensivel; indicando a não existencia de bi-carbonatos alcalinos.

8.º Com o sulphyrato ammonico — insensivel; designando não conter saes metallicos.

### TRABALHOS FEITOS NO LABORATORIO.

#### *Analyse qualitativa.*

1.º Um litro d'esta agua submettida á ebullição, e recolhidos os gazes produzidos para uma campanula, deu 26 centimetros cubicos dos ditos gazes; á temperatura de + 22º,5, e á pressão de 759<sup>m</sup>,45.

2.º Tractados estes gazes pela potassa caustica, deixaram 16 centimetros cubicos d'ar atmospherico.

3.º Outro litro da mesma agua, evaporada a calor brando, até á secura, em uma capsula de platina; produziu substancias fixas 1<sup>gr</sup>,07.

4.º Tractado este residuo da evaporação pela agua distillada, e filtrada a parte soluvel; deu o seguinte:

#### *A. Parte soluvel na agua distillada.*

5.º Acidulada com acido azotico e tractada pelo azotato argenticco — precipitado branco, soluvel na ammonia; mostrando haver chloruretos.

6.º Acidulada com acido chlor'hydrico e tractada com o chlorureto barytico — precipitado branco; accusando conter sulphatos.

7.º Acidulada com acido sulphurico em excesso e tractada com o sulphato ferroso — coloração purpurea; indicando a existencia de nitratos.

8.º Com o hydrolado d'amydo e agua recentemente oxygenada, pelo processo do Sr. Alvaro Reynoso — não deu coloração azul; accusando não conter iodo (13).

9.º Com o chlorureto e oxalato ammonicos — precipitado branco muito abundante; mostrando a presença de grande quantidade de saes calcicos.

a. Separado este precipitado pela filtração, o liquido foi dividido em duas porções; uma d'ellas tractada:

10.º Com o phosphato ammonico — precipitado branco; indicando a existencia de saes magnésicos.

b. A outra porção do liquido filtrado a, evaporado até á seccura, e calcinado até serem decompostos os saes ammonicos; foi em seguida dissolvido em agua distillada, e precipitada a magnesia e o acido sulphurico pela agua de baryta.

c. Filtrado este precipitado, e eliminado o excesso da baryta pelo carbonato ammonico; foi novamente filtrado, e o liquido evaporado até á seccura e calcinado.

d. Este residuo calcinado, dissolvido em agua distillada, foi tractado:

11.º Com o bi-chlorureto platinico e alcohol de 36º — insensivel; accusando não conter saes potassicos.

12.º Com o antimoniato potassico granuloso recentemente solvido n'agua distillada — precipitado branco crystallino; indicando a presença de saes sodicos.

#### B. Parte insolúvel na agua distillada.

13.º Com o acido chlor'hydrico dissolução incompleta com effervescencia.

e. A parte soluvel no acido chlor'hydrico, e neutralizado o seu excesso pelo ammoniaco, foi depois tractada pelos reagentes seguintes:

14.º Com o oxalato ammonico — precipitado branco

(13) A Comissão preferiu o recente processo do Sr. Reynoso, cuja sensibilidade foi verificada pelo nosso Consocio o Sr. José Alexandre Rodrigues, como denotando a presença do iodo na proporção de  $\frac{1}{10000}$ ; por isso que, o processo do hydrolado d'amydo e mui pequena addição de chloro liquido, offerece na practica alguns inconvenientes.

muito abundante; mostrando a presença de grande quantidade de saes calcicos.

f. Filtrado este precipitado, o liquido restante tractado:

15.º Com o phosphato ammonico — precipitado branco; indicando conter saes magnesicos.

16.º Com o cyanureto ferroso-potassico — não deu coloração azul; designando a não existencia de saes ferricos.

C. Parte insolúvel na agua distillada e no acido-chlor'hydrico.

17.º Com um soluto de carbonato potassico, tractado a quente e filtrado, este liquido produziu, com o chlorureto barytico, precipitado branco; e o residuo que ficou no filtro, tractado pelo acido chlor'hydrico, dissolveu-se em parte com effervescencia: neutralizado o excesso do acido pelo ammoniaco, e tractado com o oxalato ammonico — deu precipitado branco; accusando tudo isto a presença de sulphato calcico.

g. A outra parte insolúvel do residuo (17.º) reconheceu-se ser formada de silica e materia organica.

A Commissão pois, em presença das observações e analyses a que acaba de submeter esta agua, e pela grande proporção de sulphato calcico que apresentou; é de parecer que a agua é salobra ou não potavel, e impropria para alimentação. E como esta agua seja bebida por muitas pessoas que frequentam a Alfandega Grande e o Arsenal da Marinha; propõe esta Commissão que a Sociedade leve ao conhecimento das Auctoridades d'aquelles Estabelecimentos, que sendo a referida agua de tão má qualidade, prohibam que d'ella se faça uso para beber, pelo damno que pode causar á saúde. (Continúa.)

Do emprêgo do phosphato de prata sesqui-basico, na analyse mineral e organica, para decompôr os chloruretos alcalinos e terrosos; pelo Sr. J. L. Lassaigue.

A acção decomponente que o phosphato de prata hydratado e sesqui-basico exerce sôbre os chloruretos alcalinos e terrosos, levaram Lassaigue a ensaiar este sal: 1.º, para isolar certos nitratos dos chloruretos alcalinos e terrosos; 2.º, para separar os principios assucarados, misturados com o chlorureto de sodio, como se encontram em certos productos organicos.

Fazendo a analyse d'uma agua d'um poço, e desejando conhecer a relação do *azotato de magnesia* e do *chlorureto de magnesia*, em uã mistura obtida pelo alcohol do residuo da mesma agua, ensaiou o emprêgo do phosphato de prata hydratado sôbre a solução d'estes dous saes. Empregando um brando calôr, observou que o *chlorureto de magnesia* se tinha transformado completamente em chlorureto de prata e em sub-phosphato de magnesia, insolúvel n'agua; ficando o azotato em solução, e se separava pela evaporação da solução. Este methodo é aconselhado pelo Auctor para muitos casos, e entre elles para a mistura de *azotato de cal* e *chlorureto de calcio*. Na agua fica sempre dissolvida uma pequena quantidade de phosphato de cal, por causa do azotato alcalino; porém não so a quantidade d'elle é muito diminuta, mas pode n'uma analyse quantitativa calcular-se com facilidade. Para separar um azotato terroso d'um chlorureto, é necessario evaporar até á seccura a solução, na qual se diluiu um excesso de phosphato de prata hydratado, e tractar o residuo pela agua distillada fria, para isolar pela filtração os productos formados insolúveis.

Lassaigue empregou tambem o phosphato de prata para separar o assucar da canna e das uvas, misturados a uma pequena quantidade de chlorureto de sodio. Estas duas substancias, soluveis no alcohol, encontram-se algumas vezes misturadas em alguns productos organicos. O phosphato de prata sôbre uma solução d'estes productos forma, á tem-

peratura ordinaria, chlorureto de prata insolúvel, e phosphato de soda solúvel, que fica misturado com o assucar. Filtra-se o liquido, evapora-se até á seccura, e tracta-se pelo alcohol de 88° que dissolve o assucar.

Extr. pelo Sr. J. J. S. Telles.

**Modificação do emprêgo do amydo, para descobrir  
qualquer vestigio de iodo; pelo Sr.  
M. L. Thorel.**

A presença d'uma pequena quantidade d'iodo, não é sempre tão facil de reconhecer, como geralmente se pensa, mormente quando elle se acha unido a certas substancias. Em um acto de visita, eu o achei facilmente em alguns medicamentos, tanto que em outros affirmaria que o não havia, depois mesmo de ter ensaiado um grande numero de reagentes pelos meios indicados.

De todos os reactivos, o amydo é, sem contradicção, o mais sensivel; a maneira de o empregar, e a addição de tal ou tal agente, podem apenas fazer variar os resultados.

A calcinação arrastra consigo, necessariamente, a perda de uma notavel quantidade d'iodo, e não se encontraria nenhum caso que a mistura contivesse pouco.

O precipitado obtido pelo azotato argéutico, insolúvel no ammoniaco em excesso, o indica tambem; não obstante convém verificar, pela fecula, a sua exactidão. Uma lamina de prata, immersida em um liquido suspeito, addicionado d'algumas gottas de chloro, se manchará; porém é necessario que no liquido exista uma certa quantidade.

O emprêgo do amydo, em um liquido que contenha pouco iodo e addicionado d'algumas gottas de chloro, não se colora sempre; ou porque a quantidade é excessivamente pequena, ou por se achar retido por uma força maior.

O meio que eu emprego sempre, fundado sôbre a sensibilidade do amydo, não differe do até agora seguido, senão pelo modo d'applicação e os agentes empregados, pa-

ra pôr o iodo em liberdade. Metto, em uma pequena garrafa de medicina, 50 a 60 grammas do liquor suspeito, (se em seu lugar for um corpo solido, divido-o em uma pouca d'agua), deito-lhe em cima 6 gottas d'acido azotico puro; depois cubro de amydo, um pouco humedecido, um pequeno quadrado de papel, que uno ao orificio da garrafa, e a aqueço. Se o liquor contém iodo livre, ou no estado de sal (iodureto ou iodato), o papel toma immediatamente uma côr azul-violeta, — mais ou menos intensa.

O acido azotico põe o iodo em liberdade, e decompõe os ioduretos, se alli existem: o acido chlor'hydrico substitue-se ao iodo e o decompõe se estiver no estado d'iodato.

Se o papel se não cora, no momento da ebullição, ajuncta-se-lhe egual quantidade dos dous acidos, agitando vivamente. Um instante depois ver-se-hão apparecer as manchas, e augmentar progressivamente a camada do iodo. Apesar da ausencia da coloração, não se deverá concluir que não haja iodo; porque elle não será decomposto nem o papel manchado, se estiver misturado com certas substancias organicas. Foi o que me aconteceu com o iodo dissolvido, e misturado com o melasso; caso se obtenha um resultado negativo, pela experiencia precedente, far-se-ha uma segunda, ajunctando ao liquor 10 a 20 centigrammas de tartarato de potassa dissolvido em uma pouca d'agua. Aquece-se um instante antes d'ajunctar os acidos, que esta vèz serão em maior quantidade, 8 ou 10 gottas d'acido azotico, e 4 d'acido chlor'hydrico. Depois d'esta ultima prova, somente, será permittido pronunciar-se com certeza.

Operando assim, pode-se accusar a presença do iodo, em uã mistura que contenha apenas 3 a 4 milligrammas. Com uã mistura de 20 milligrammas de iodo e 200 grammas de sal, tenho obtido manchas mui intensas.

Tenho pedido descobrir, facilmente, o iodo na esponja; 2 grammas foram bastantes, para obter manchas mui vivas; n'este caso porém observei que era preciso um pouco mais d'acido, para pôr em liberdade o iodo.

Este processo tem a vantagem de ser mui simples e

prompto; é inutil recorrer a outro meio para obter novas provas: a presença do iodo, fica sufficientemente provada pelas manchas violetas, que nenhum outro corpo produz.

(*Répertoire de Pharmacie.*)

Trad. pelo Sr. H. J. S. Telles.

## DIREITO PHARMACEUTICO PORTUGUEZ.

Chronologia de todas as Leis, Decretos, Alvarás, e Portarias, relativas aos Pharmaceuticos, desde a Fundação da Monarchia Portugueza; contendo alguns Arestos de Legislação sobre Medicina e Cirurgia — tudo extrahido por Certidão do Real e Nacional Archivo da Torre do Tombo; continuada do T. V. da 1.<sup>a</sup> Serie, pag. 473.

N.<sup>o</sup> 54.

Eu elRei faço saber aos que este alvara virem que avendo Respeito ao que na petição aqui junta disem os moradores da villa de Caminha e seu termo e vista a enformação que se ouve do provedor da comarca da villa de Viana foz do lima ei por bem que se não cumpra e guarde nem aja effeito a provisão que mandei passar a instancia dos officiaes da Camara da dita Villa para se lançarem trinta mil reis mais em cada hum anno no encabeçamento das Sisas della para pagamento do Boticario e Medico com que os ditos officiaes da camara se concertarão para averem de asestir na dita villa de caminha e o dito Medico curar os enfermos d'ella porque havendo Respeito a pella dita enformação constar que a dita villa esta carregada na Sisa em mais contia que todas as outras da Comarca e por justos Respeitos que me a yssso movem o ei assy por bem e mando ao dito provedor e as mais Justiças a que o conhecimento disto pertencer que cumpram e guardem este alvara como se nelle contem o qual se Registara no Livro da camara da dita Villa e o proprio se tera no Cartorio della em toda boa guarda. Sebastião pereira o fez em Lix-

boa a vinte de Agosto de mil seis centos e dez João da Costa o fez escrever.

(Livro 18.º da = Chancellaria de FILIPPE II. = a folhas 164.)

N.º 55.

Eu elRei faço saber aos que este Alvara virem que os officiaes da camara da villa de figueiros dos vinhos me emviarão dizer per sua Carta que na dita villa era muito grande e tinha muitos vezinhos e alem disso avia nella dous mosteiros hum de Religiosos carmelitas descalços e o outro de Religiozas da Ordem de Sam francisco cõ medico que curava os emfermos para Remedio dos quaes comvinha e era necessario que ouvesse butica pela nam aver se nam na cidade de Coimbra e villa de thomar distantes seis e sete legoas da dita villa e sem partido nam achavam buticario que ahi quizesse estar com sua butica pedindo-me fose servido que das Remdas do Concelho que erão bastantes se pudesse para este effeito dar a hum boticario vinte cruzados Visto seu Requerimento cõ a diligencia que a serqua disso per meu mandado fez o provedor da Comarqua da dita Villa de thomar e me emviou com seu parecer porque constou da muita Rezão que avia para se deferir a esta petição dos officiaes da camara da dita villa de figueiros por ter povo de muito numero de vizinhos com os ditos dous mosteiros de Religiosos e Religiosas pobres e ser muito bom Sirurgião e buticario que tinhão tomado que tambem era necessario para curar os pobres o que custava muito ir buscar mezinhas a dita Cidade que erão sete legoas e por bem que os officiaes da dita camara posão dar sinco mil reis cadanno a hum buticario exeminado que queria Regidir e estar na dita villa com sua botica e boas meisinhas como se Requere para usar de seu officio os quaes lhe serão paguos das ditas Rendas do Comselho não tendo nelles a minha terça sem se poderem despender em outra alguma cousa com declaração que o dito boticario sera obriguado a dar de graça as mezinhas necessarias aos emfermos pobres que

não tiverem possebilidade para lhas pagar sem por isso lhes levar couza alguma e mando aos ditos officiaes da camara e ao provedor da dita Comarca que ora são e ao diamte forem que constandolhe que o dito buticario sastifas a sua obriguação e que se guardou em tudo a forma deste Alvara lhe farão pela dita maneira fazer bom pagamento do dito ordenado e o leve em conta com seus conhecimentos e o cumprão inteiramente como nelle se contem e sera registado no Livro da dita camara e o propio se pora no Cartorio dela em toda a boa guarda para sempre se saber que o ouve eu asi por bem e quero que este valha e tenha força e vigor como se fosse Carta começada em meu nome por mi assinada e aselada com o meu selo pendente sem embargo da ordenação do Livro segundo titulo quarenta que em contrario, pero de Seixas o fez em Lixboa a vinte e seis de Novembro de mil seis centos e dez. (Livro 3.º de = Privilegios de FILIPPE II. = a folhas 220.)

N.º 56.

Eu ElRei faço saber aos que este alvara virem que por mo enviarem pedir por sua Carta os Officiaes da Camara da Villa de Cezimbra e visto a informação que se ouve pelo provedor da Comarca da villa de Setuval per que constou aver na dita Villa e seu termo mais de seis centos vesinhos aos quaes fui servido conceder que pagos a minha fazenda du-sentos mil reis cada anno para a fabrica da fortaleza que nela tenho ouvesse hum medico que os curava por ordinaria na Renda da Imposição quarenta mil reis hum sururgião de-saseis e hum boticairo oito e por se não poderem susten-tar os boticairos com o dito ordenado por parecer pequeno se lhes forão ja da terra no que o povo e moradores Re-cebião grande vexação por ficarem quatro e sinquo Legoa desta Cidade de Lixboa e da dita Villa de Setuval e o boticairo avia mister para seu officio cabedal de mesinhas o que não concorria no medico e sururgião ei por bem que alem do dito ordenado se possão mais lançar daqui em diante por ordinaria cada anno quatro mil reis na dita

Renda da Imposição para o boticairo que Residir na dita villa de Cezimbra e assentar botica com boas mesinhas sendo examinado como se requiere para usar de seu officio sem se poderem despender em outra algũa cousa por outro si constar por informação que por o boticairo que ao presente tinham Diogo preto ser natural da terra bastavão os ditos quatro mil reis mais e isto nam prejudicando este acrescentamento aos duzentos mil reis applicados a dita fabrica da fortaleza e com declaração que o boticairo a que se assi der o dito ordenado sera obrigado a dar de graça as mesinhas necessarias aos Enfermos pobres que não tiverem possibilidade para lhas pagar sem por isso lhes levar cousa alguã e de cumprir as mais condições da provisão do dito ordenado dos oito mil reis porque com todas as declarações obrigações clausulas della me praz que aja lugar o dito acrescentamento dos quatro mil reis e não em outra forma e mando aos officiaes da dita Camara e ao provedor da dita Comarca que hora são e pello tempo forem e a quaiquer outras justicas officiaes e pessoas que pella dita maneira fação fazer bom pagamento ao boticairo e o levem em conta com seus conhecimentos de como os recebo constandolhe que satisfaz em todo a sua obrigação na forma d'este alvara e o cumprão e fação inteiramente cumprir como nelle se contem o qual se Registrara no Livro da despesa do thesoureiro da dita imposição pello Escrivão de seu Cargo e assi no Livro da dita Camara e o proprio se pora no cartorio em toda a boa guarda e quero que valha posto que seu efeito haja de durar mais de lã anno sem embargo da ordenação em contrario. Alberto dabreu o fez em Lixboa a vinte e oito de junho de mil e seis centos e onze. Pero de Seixas o fez escrever.

*Livro 21.º da = Chancellaria de FILIPPE II. = a folhas 183 v.)* (Continúa.)

# HISTORIA DA PHARMACIA

E DAS  
SCIENCIAS ACCESSORIAS.

## Reforma Pharmaceutica em Hespanha. (\*)

Attendendo ao que me representou o meu Ministro do Commercio, Instrucção e Obras Publicas, sôbre a conveniencia de facilitar, sem prejuizo do ensino, a carreira de Pharmacia; ouvida a Secção quinta do Real Conselho de Instrucção Publica, e de accôrdo com o Parecer do Conselho de Ministros, Hei por bem Decretar o seguinte:

Art.º 1.º Poderão ser admittidos á matricula de primeiro anno nas Faculdades de Pharmacia, desde o curso proximo, não somente os Bachareis em Philosophia que tiverem provado o anno de estudos preparatorios, segundo o plano vigente, senão tambem os que provarem ter estudado em estabelecimentos approved pelo Governo, as materias seguintes:

Logica;

Elementos de Arithmetica, Algebra e Geometria;

Elementos de Historia-Natural;

Elementos de Physica e Chymica.

Art.º 2.º Os que se apresentarem a seguir o primeiro curso da carreira de Pharmacia sem o Grau de Bacharel em Philosophia, e so com os estudos notados no artigo anterior, subjeitar-se-hão nas mesmas faculdades a um exame d'aquellas materias e de Latinidade, no qual deverão dar provas de possuirem os conhecimentos precisos para o aproveitamento nos estudos pharmaceuticos.

Art.º 3.º Approved n'este exame, ser-lhes-ha expedido o Titulo de Bachareis em Sciencias Naturaes, e po-

(\*) Por Portaria de 23 de Setembro do mesmo anno, foi revogado este Decreto na parte que diz respeito a preparatorios, e ficando tudo conforme se achava antes da publicação do mesmo; isto é, requer-se ter recebido o Grau de Bacharel em Philosophia, em conformidade com o regulamento vigente. Os Pharmaceuticos devem ter 22 annos completos, antes de sua approvação final.

Nota do Traductor.

derão matricular-se no primeiro anno da carreira de Pharmacia.

Art.º 4.º Os estudos proprios da carreira de Pharmacia, serão :

1.º A Mineralogia, e Zoologia applicada, e sua materia pharmaceutica correspondente.

2.º A Botanica applicada, e a materia pharmaceutica vegetal.

3.º A Pharmacia Chymico-inorganica.

4.º A Pharmacia Chymico-organica.

5.º A Pharmacia operatoria, e as noções elementares de analyse.

Art.º 5.º As materias de que tracta o artigo antecedente, serão ensinadas por cinco Professores, em cinco cursos escolares.

Art.º 6.º Nos exames do curso, assim como em tudo quanto diz respeito á ordem e methodo de ensino, observar-se-ha o que se acha prescripto no plano de estudos.

Art.º 7.º Além dos cinco annos escolares, expressos no artigo 5.º, exigir-se-ha, para obter o Diploma de Pharmaceutico, certidão de dous annos solares de practica em officina publica; os quaes poderão frequentar simultaneamente com o quarto e quinto os annos da carreira.

Art.º 8.º Provados os cinco annos de carreira e os dous solares de practica, poderão os alumnos ser admittidos ao exame final (acto), e receber, sendo approvados, o Titulo de Pharmaceuticos.

Art.º 9.º O exame, para obter o Titulo de Pharmaceutico, terá logar em inteira conformidade com o que se acha prevenido no plano de estudos para o exame do Grau de Licenciado em Pharmacia.

Art.º 10.º Os que obtiverem o Titulo de Pharmaceuticos por este modo, poderão exercer a Pharmacia em todos os meus Dominios, excepto na Côrte e Capitaes de Provincia; e so terão direito a ser nomeados para o desempenho de destinos Civis e Militares de qualquer Classe,

quando não houver Licenciados ou Doctores em estado de podêl-os desempenhar.

Art.º 11.º Os Graus de Licenciado e Doctor em Pharmacia so poderão obter-se, seguindo a carreira tanto preparatoria como facultativa, estabelecida no plano de estudos; e so estes poderão exercer a profissão na Córte e Capiteas de Província, e optar aos destinos Civis e Militares.

Art.º 12.º Os alumnos da Faculdade de Barcellona que tenham o Grau de Licenciado, poderão seguir o curso dos estudos superiores, e ser admittidos a exame para o Grau de Doctor, na mesma faculdade; para cujo objecto um dos Cathedraticos será encarregado de dar-lhes prelecções de analyse.

Art.º 13.º Os Licenciados em Pharmacia que provarem ter exercido a profissão em botica publica, ja como proprietarios d'ella ou ja como primeiros regentes por espaço de quatro annos, poderão aspirar ao Grau de Doctor; sem necessidade de seguir o curso de estudos superiores, com tanto que fiquem approvedos n'um rigoroso exame, que devem fazer sôbre a doctrina e practica da analyse, e sôbre a litteratura pharmaceutica. Approvedos n'este exame, serão admittidos a outro, para obter o Grau de Doctor.

Art.º 14.º Os Pharmaceuticos que tiverem o Grau de Bachareis em Philosophia, poderão ser admittidos a exame para obter o Grau de Licenciado; sempre que provem ter exercido a profissão em Officina publica durante oito annos.

Dado em S. Ildefonso, em 30 de Agosto de 1849.  
Está rubricado por S. Magestade. O Ministro de Commercio, Instrucção e Obras Publicas, *Juân Brabo Murillo*.

Trad. pelo Sr. *J. M. Ogando*.

## PEÇAS OFFICIAES.

### Extracto das Actas das Sessões Litterarias.

Acta n.º 386, de 8 de Novembro de 1849.

Presidencia do Sr. J. D. Corrêa.

Às 6 horas da tarde, e havendo numero legal de Socios, declarou o Sr. Presidente aberta a Sessão.

Foi lida e approvada a Acta da Sessão antecedente, com duas emendas propostas pelo Sr. H. J. S. Telles.

Seguidamente leu-se a Acta da Sessão extraordinaria do Conselho Administrativo, contendo o Parecer da Comissão de Redacção acerca dos melhoramentos da segunda serie do Jornal. Houve alguma discussão, em que tomaram parte os Srs., J. Tedeschi, Telles Senior e Junior; deliberando a Sociedade que o dito Parecer fosse adoptado, e registrado no Livro das Actas do mesmo Conselho.

O Sr. 1.º Secretario, deu conta da correspondencia e dos objectos doados.

O Sr. Gomes, agradeceu á Sociedade os seus cuidados durante a sua doença.

Entrou em discussão o seguinte quesito « *Ha plantas cujas sementes sejam fecundadas sem a concorrência do pollen?* »

O Sr. Telles Junior, disse que este quesito não tinha interesse algum, para o que fez differentes considerações scientificas, e concluiu pedindo que fosse retirado. A Sociedade assim decidiu.

O Sr. Presidente, convidou os Socios a apresentarem questões scientificas, e os Srs. Directores de Comissões alguns Pareceres.

Sendo 7½ horas da noute fechou-se a Sessão.

*Acta n.º 387, de 29 de Novembro de 1849.*

Presidencia do Sr. A. Carvalho.

Pelas 6 horas da tarde, e havendo numero legal de Socios, abriu o Sr. Presidente a Sessão.

Foi lida e approvada a Acta da Sessão antecedente.

O Sr. 1.º Secretario, deu conta da correspondencia e dos objectos doados.

O Sr. J. D. Corrêa, fez uma proposta de Candidato para Membro Correspondente Nacional; e, fundando-se em motivos justos, pediu que a Sociedade dispensasse as formalidades do Regimento. A Sociedade decidiu affirmativamente; e, procedendo-se á votação por espheras, foi plenamente admittido o Sr. Mauricio d'Andrade, Pharmaceutico na Ilha da Madeira.

O Sr. J. F. Silva, por parte do seu Mano o Sr. P. F. Norberto, apresentou uma proposta para que a Sociedade offerstasse, para a Exposição da Industria Nacional, uma collecção dos Jornaes, para servir de premio na Loteria que alli hade ter logar a beneficio do Asylo de Mendicidade. *Approvado.*

O Sr. A. Carvalho, como Director da Commissão de Direito-Pharmaceutico, apresentou e leu seis Pareceres sôbre diferentes objectos. Ficaram para segundas leituras.

O Sr. J. D. Corrêa, pediu que se discutisse hoje o Parecer da Commissão de Direito, que tracta da sua proposta para a admissão de Membros Honorarios.

O Sr. Oliveira, combateu o pedido do Sr. Corrêa.

O Sr. J. D. Corrêa, disse que havia uma deliberação da Sociedade para que se sobr'estivesse a respeito d'estas propostas; e, por motivos que ponderou, pediu que a Sociedade, a exemplo do que ja tem practicado, suspendesse para esta sua proposta a deliberação tomada.

O Sr. J. Tedeschi, fez uma proposta para que a Sociedade fixe o numero de Membros Honorarios, e as con-

dições que devem ter os Candidatos para esta Classe; por ignorar o fim que tinha tido uma semelhante proposta do Sr. J. A. Rodrigues.

O Sr. J. A. Rodrigues, declarou que a proposta estava em seu poder, e que a Comissão de Direito-Pharmaceutico lh'a remettersa, pedindo-lhe que apresentasse as condições necessarias; e que nunca mais soubera que a Comissão se reunisse para este fim.

O Sr. J. Tedeschi, expoz que a sua proposta fôra somente para evitar uma decisão contraria á que a Sociedade, em outro tempo, havia tomado; e por julgar que a do Sr. J. A. Rodrigues se tinha desencaminhado.

Os Srs., Telles Senior, J. Tedeschi, J. A. Rodrigues, e J. D. Corrêa, ainda tornaram a fallar sobre este assumpto; e a Sociedade decidiu convidar o Sr. Tedeschi para retirar a sua proposta, e remetter-se a do Sr. J. A. Rodrigues para a Comissão de Direito-Pharmaceutico, a fim de dar sobre ella o seu Parecer.

As' 8 horas da noute levantou-se a Sessão.

*Acta n.º 388, de 13 de Dezembro de 1849.*

Presidencia do Sr. A. Carvalho.

Sendo 6 horas da tarde, e reunido o numero legal de Socios, foi aberta a Sessão.

Lida a Acta da ultima Sessão, foi approvada com uma pequena emenda do Sr. Alves.

O Sr. 1.º Secretario, deu conta da correspondencia e dos objectos doados; e, em seguida, apresentou duas propostas de Candidatos para Membros Correspondentes, Nacional e Estrangeiro. A primeira foi approvada, e admitido o Sr. José Ribeiro de Carvalho Reis, Pharmaceutico no Porto; e a segunda foi remettida para a Comissão de Direito-Pharmaceutico.

O Sr. J. A. Rodrigues, deu differentes explicações ácerca de varios trabalhos a cargo da Comissão de Chymica, e fallou com especialidade da Agua d'Alpedrinha, que se dizia ser sulphurosa, cuja natureza parecia ser mais

alcalina, pelos resultados que tinha apresentado; manifestando apenas pequena quantidade d'enzôfre no sulphydrometro, devido isto talvez ao pessimo modo da sua colheita, e tambem ao mau transporte: circumstancias que o obrigavam a lembrar á Sociedade a confecção de um *directorio*, que devia ser remettido aos Delegados da Sociedade, para ser observado quando colhessem Aguas-Mineraes para a Sociedade analysar.

O Sr. J. D. Corrêa, depois de ter elogiado a Commissão de Chymica pela sua assiduidade, não se conformou com a opinião do Sr. Rodrigues, pela difficuldade da existencia d'instrumentos proprios nas respectivas localidades; parecendo-lhe antes mais conveniente (sempre que possa ter logar) que uma Commissão do interior da Sociedade seja incumbida de ir proceder áquelles trabalhos, juncto ás fontes ou vertentes das aguas.

O Sr. J. A. Rodrigues, disse que todos desejavamos o credito da Sociedade, o bem da Sciencia e o seu adiantamento; mas que as Commissões não podiam ir a todas as localidades, pela distancia que muitas vezes existe: convindo em que os Delegados, que a Sociedade nomear, sejam individuos aptos, remettendo-se-lhes os necessarios instrumentos, ou elles os comprem á sua custa; e a Sociedade, expedindo-lhes o *directorio*, tem cumprido com o seu dever, visto não ser possivel fazer mais.

O Sr. J. D. Corrêa, requereu que fosse convidada a Commissão de Chymica a fazer o *directorio*, e apresental-o á Sociedade. Foi approvedo.

Teve segunda leitura o Parecer da Commissão de Direito-Pharmaceutico, ácerca dos quesitos do Sr. J. D. Corrêa, apresentados durante a discussão da proposta do Sr. Telles Junior para a confecção d'uma Pharmacoepia.

O Sr. J. D. Corrêa, concordou com o Parecer da Commissão, para o que fez algumas observações; dizendo que a Sociedade não estava auctorisada para fazer um Codigo Pharmaceutico, o que pertencia á Universidade de Coimbra.

O Sr. J. Tedeschi, foi d'opinião contraria, porque ain-

da que os Estatutos da Universidade determinam que a esta pertence fazer o Codigo Pharmaceutico, entretanto não ha Lei que prohiba que qualquer faça uma Pharmacopeia, porque a legalidade d'ella é um acto secundario; porém o que via era a impossibilidade de, na Sociedade, haver quem podesse fazer similhante trabalho, pelo immenso tempo que era preciso empregar, que os affazeres dos diferentes individuos que compõem a Sociedade não permitem; que combinava com a ideia de pedir-se ao Governo um outro Codigo, mas não indicando os individuos que o devem fazer.

O Sr. H. J. S. Telles, concordou com as opiniões do Sr. J. Tedeschi.

O Sr. J. A. Rodrigues, depois de ponderosas considerações, propoz « que se nomeasse uma Commissões especial, para apresentar os fundamentos do pedido da Sociedade, e bem assim indicar os meios e condições necessarias para o levar a effeito. »

Foi approvada a proposta do Sr. Rodrigues, e a Commissão que seja composta de tres Vogaes e um Substituto. Pelas 8<sup>h</sup> horas da noute fechou-se a Sessão.

*Acta n.º 389, de 27 de Dezembro de 1849.*

Presidencia do Sr. J. D. Corrêa.

Às 6 horas da tarde, e havendo numero legal de Socios, foi aberta a Sessão.

Foi lida e approvada a Acta da Sessão antecedente.

O Sr. 1.º Secretario, deu conta da correspondencia e dos objectos doados.

O Sr. J. D. Corrêa, propoz um Candidato para Membro Correspondente Nacional. Depois de corrida a cedula, e votação por espheras, foi admittido o Sr. Antonio Eduardo dos Reis, Primeiro Pharmaceutico da Provincia d'Angóla.

Em seguida foi este novo Socio considerado Delegado da Sociedade n'aquella Possessão.

Procedeu-se á eleição da Commissão especial, ordenada na ultima Sessão, e para o fim designado na proposta do Sr. J. A. Rodrigues. Ficaram apurados os Srs., J. J. S. Telles, A. G. Alves, e J. N. Barbosa, para Vogaes; e para Substituto o Sr. J. Q. Avellar.

Teve segunda leitura o Parecer da Commissão de Direito-Pharmaceutico, ácerca da pergunta do nosso Consocio, o Sr. F. J. Faure, do Torrão « se estava em vigor o Alvará de 5 de Novembro de 1808, mandado observar por Decreto de 30 de Dezembro de 1833. » Depois d'algumas observações do Sr. H. J. S. Telles, foi o Parecer approvedo; o qual é pela affirmativa.

Egualmente teve segunda leitura outro Parecer da dita Commissão de Direito, sôbre o conteúdo d'um Officio do nosso Consocio o Sr. Clamopin Durand. Fallaram os Srs., Telles Junior e Senior, Norberto, e Oliveira; decidindo a Sociedade que fôsse ouvida outra vez a mesma Commissão.

Sendo 8 horas da noite fechou-se a Sessão.

Antonio Joaquim d'Almeida,

2.º Secretario.

## DIVERSIDADES.

# Centro de Documentação Farmacêutica

Vida de Nicolau Lémery. Memoria do Sr. P. A. Cap., coroadá pela Academia Real de Ruão, na sua Sessão Publica de 9 d'Agosto de 1838; continuada do T. V. da 1.ª Serie, pag. 600.

Uns marchavam sôbre os vestigios dos Arabes e dos Chymicos da idade precedente, proseguíam na Sciencia com fim fantastico e imaginario; eram os *Alchymistas*. Os outros seguiam uma linha mais racional, não procurando alli senão factos positivos e uteis applicações; eram os Chymicos Philosophicos ou Medicos Chymicos.

Os primeiros, preocupados na investigação da Pedra Philosophal, na transformação dos metaes, e na descoberta do remedio universal, entregavam-se a trabalhos immensos com um zêlo, uma perseverança, e uma applicação, que so podiam sustentar paixões ardentes, como a cobiça, o amor da vida, e o desejo de possuir conhecimentos sôbrenaturaes. Conceberam quanta circumspecção e mysterio exigiam taes indagações. Eguamente os adeptos não trocavam seus pretendidos segredos senão com a maior desconfiança. Sua linguagem era enigmatica, seu estylo cheio de metaphoras, sua maneira de dogmatisar obscura e incomprehensivel.

O mais das vezês enganavam-se uns aos outros, ja para fazer novos enganões, ja para dissimular sua ignorancia ou suas proprias fraudes. A obscuridade da sua linguagem vinha egualmente da impossibilidade em que estavam de dar aos factos chymicos uma explicação satisfatoria, e retencias que guardavam sempre com o receio de divulgar os segredos que elles queriam possuir.

Pouco ciosos todavia, de descobertas que attribuiam ao acaso e que julgavam estranhas ao objecto especial de suas investigações, elles as publicavam sem reserva, contribuindo assim voluntariamente a augmentar as riquezas d'Arte. Caprichosa cegueira que lhes fexava os olhos ás verdades uteis, para não os abrir senão ao êrro, e que concorria aos progressos da Sciencia e trabalhos que so o zêlo desembaraçado das paixões humanas teria comprehendido.

Ao mesmo tempo os Philosophalistas proseguiam com obstinação sua deploravel chimera, outros Sabios desdinhavam as illusões da Chymica occulta, reuniam factos uteis, e augmentavam seu numero pelo trabalho bem dirigido, procurando ligal-os por analogias; em uma palavra esforçavam-se em fazer entrar a Sciencia n'um caminho verdadeiramente philosophico. D'esta multidão confusa de factos importantes, d'investigações obstinadas, de caprichosas theorias, começaram a surgir com o seculo 17º algumas generalidades, que, dispostas n'uma ordem methodica, tomaram pouco e pouco a forma d'uma doctrina. Um

grande numero de Sabios de Nações diversas, uns por suas descobertas, outros por seus escriptos ou por seu ensino, concorreram igualmente a esta obra da regeneração da Sciencia. Todavia horrorosos tropeços deviam ainda oppôr-se por algum tempo á sua marcha rapida e franca. Bacon de balde tinha revelado o methodo d'estudar a natureza e fazer conhecer os verdadeiros meios de penetrar seus segredos; em vão Descartes se tinha esforçado libertar a razão das subtilezas da Eschola; a Physica estava tambem nas subtilezas, nas disputas, nas questões sôbre a essencia da materia; a Arte das experiencias nascia apenas. Dissertava-se sôbre os phenomenos naturaes em vez d'os explorar attentamente; involviam-se os factos d'explicações hypotheticas, em vez d'os atacar directamente pela observação, experiencia, e calculo.

Nas Escholas, o ensino tinha ainda prejuizos populares e subtilezas methaphysicas; a Universidade oppunha-se á introdução de novas doutrinas; o Parlamento prohibia, debaixo das penas as mais severas, sustentar opiniões contrarias ás dos Auctores antigos e approvados; e o Clero oppunha-se tambem á propagação de certas verdades physicas que se julgava em opposição aos dogmas. As perseguições porque tinham passado, Galileu na Italia, e Descartes na Holanda, impunham muitas vezes silencio aos Sabios que procuravam entrar com elles nos caminhos da innovação. Por isso se encontravam principalmente, entre os sectarios da reforma religiosa, a maior parte dos homens que tinham a coragem de combater em favor da nova Philosophia, e, para citar so um pequeno numero, entre os Chymicos os mais distinctos d'este periodo, Bernard Palissey, N. Lefebvre, Boyle, Baccher, Charas, Honeberg, Duclos, e Lémery tinham nascido protestantes.

Entretanto os segredos das officinas e dos laboratorios principiaram a espalhar-se. As Artes Chymicas se iam aperfeçoando todos os dias; Sabios cheios de ardor e de zêlo percorreram a Europa, recolheram processos, compraram receitas e arcanos, pagavam uma confidencia por outra, depois consignavam todas as suas riquezas em col-

lecções que faziam publicar, preferindo a honra de servir a Sciencia ao orgulho de saber o que outros ignoravam, e á pueril vaidade de valer-se d'ellas.

Ao mesmo tempo ricos particulares erigiram-se em protectores da Sciencia, fundaram Escolas, crearam Cadeiras publicas, abriram aos jovens sabios seus Gabinetes e Laboratorios, e tendo conferencias que se tornaram o foco e o ponto de partida do progresso scientifico, até ao momento em que a fundação das Academias veio dar-lhes um novo impulso e uma actividade, que depois d'esta epocha não se tem jamais afrouxado.

É no meio d'estas circumstancias, todas favoraveis á elevação eminente da Sciencia, que appareceu Nicolau Lémery.

Dotado d'um espirito justo e recto, d'uma elocução clara e facil, apaixonado pela Chymica que havia apprendido quasi so, á força de rasgar os véos em que estava involvida, veio segundar esta revolução, prestando-lhe o apoio do seu zelo, de sua palavra, de seus conhecimentos adquiridos por estudos serios e por longas viagens. A Chymica até alli *demonstrada*, como se dizia então em algumas Escolas raras, para uns não era mais do que uma Sciencia occulta mui analoga á Astrologia, para outros um ramo da Pharmacia applicado ao estudo dos medicamentos tirados do Reino Mineral.

Pouco procurada dos Sabios, desprezada dos Medicos, desconhecida de todos, ella não era cultivada senão por um pequeno numero d'adeptos, fanaticos ou de boa fe, que a indifferença publica confundia debaixo do nome de *Soprador* ou *Alchymista*. Lémery appareceu ás conferencias de Bourdelot. Em algumas lições expoz os principios da Sciencia e os apoiou sôbre experiencias impressivas, e, apoderando-se do espirito do seu auditorio, o fez logo voltar de suas prevenções e do seu desprezo.

Os Sabios fôram admirados de vêr desinvolver á sua vista maravilhas, cuja causa elles não comprehendiam « e » o publico, como diz Voltaire, ficou admirado de vêr

» uma Chymica, em que se não procurava nem a grande obra, nem a arte de prolongar a vida, além dos limites da natureza.»

A Cadeira de Lémery devia fazer epocha nos fastos da Sciencia, porque contribuiu principalmente a tornal-a popular.

Se elle se tivesse limitado a escrever e a publicar as suas descobertas, a elevação da Chymica na França poderia ser retardada um meio seculo: prova incontestavel da superioridade do ensino oral sôbre o ensino escripto, ao menos para a propagação das Sciencias. Os livros raramente são lidos com applicação seguida, para deixar no espirito ideias completas e uma impressão duradoura.

Pelo contrario, nos cursos, o prestigio ligado á reputação do Professor, sua palavra que provoque directamente o auditorio e tenha a sua attenção sem respiro, attrahido ás experiencias e demonstrações sempre apoiadas sôbre provas sensiveis, arrebatando igualmente a imaginação e a memoria, e tornar o estudo tanto mais proveitoso quanto elle tem de mais animado e de mais dramatico. Lémery foi o primeiro que soube habilmente aproveitar-se de todas essas vantagens, e por isso uma fama, até então desconhecida, se uniu logo ás suas lições. Os Sabios, os Seculares, disputavam aos estudantes o logar do seu auditorio; e, logo passados dous annos de Professor, publicou o seu Curso de Chymica, ja sua fama era immensa, e a fortuna de seu livro era segura.

Este livro offerece, com effeito, o exemplo d'um successo talvez unico na historia da Sciencia. A pesar das imperfeições que elle encerra, e que dependem da epocha em que appareceu, foi auctorizado em Chymica pelo espaço de mais de cem annos. Reimpresso vinte vezes na França, traduzido na maior parte das linguas modernas, foi o guia, o Codigo, o Manual obrigatorio dos Chymicos do seculo 18.º; e mesmo, depois do restabelecimento da Sciencia, depois da admiravel reforma que marcou o fim d'este periodo, procuraram, muito tempo tambem no Livro de Lémery, os processos, os detalhes practicos que não se

encontravam em outra parte, e que são tão preciosos por sua clareza como por sua precisão e certeza.

Esta obra não é todavia senão um Curso de Chymica Medica, não um tractado completo das Sciencias Chymicas, no estado em que ellas então se achavam. Destinado sôbre tudo aos estudantes em Medicina e em Pharmacia, descrevia especialmente todas as preparações proprias ao uso Medico, e um mui pequeno numero d'aquellas podiam applicar-se ás Artes. Foi sem razão a censura que lhe fizeram da sua reserva sôbre este ultimo ponto, porque o titulo do seu Livro não promettia outra cousa senão o que elle encerra (1).

Todavia a Sciencia não estava ainda assaz adiantada para se prestar ao estabelecimento d'um systema geral, e a criação d'altas theorias não era do character e genio de Lémery. Obrigado a dispôr os factos em uma certa ordem, e reunil-os o mais das vezes por generalidades que não lhe pertenciam, e ás quaes não dava senão uma mediocre importancia. Seu espirito, recto e logico, fez um bom andamento de theorias, que não repousavam sôbre factos demonstrados.

Os principios, que estabeleceu no começo do seu Livro, são os de Van-Helmont, modificados por Lefebvre, e que elle tambem modificou, sem todavia dar muita crença a uns nem outros; porque depois de os haver exposto d'uã maneira rapida, se adianta em exprimir as suas duvidas a seu respeito, e não diz mais uma palavra em todo o resto da sua Obra. D'esta maneira encontra o principio universal de Paracelso mui metaphysico, e censura-lhe de não cahir debaixo do sentido. Dos cinco principios admitidos pela mesma Eschola, a phlegma, o espirito, o oleo, o sal e a terra, acha que se escusava bem o espirito que elle olha « como uma chimera, propria somente a confundir os espiritos, e tornar a Chymica difficil a comprehender. » Quer convir que o oleo existe, mas julga que é de tantas formas que esse principio poderia bem ser

(1) Curso de Chymica, contendo a maneira de fazer as preparações que são em uso na Medicina, por um methodo facil, &c., &c.

complexo. Quanto á flegma, que uns põem no numero dos principios activos, outros entre os passivos, elle olha para esta questão como problematica e mui pouco importante.

(*Continúa.*)

Trad. pelo Sr. F. B. Santos.

**Bibliographia.**

*Compendio d'Introduccão á Historia Natural*, por João José de Sousa Telles. — Vae começar a publicar-se, em o proximo mez de Janeiro, a parte Botanica d'este Compendio, illustrado com figuras entrecaladas no texto.

Constará de doze fôlhas (proximamente), que se publicarão semanalmente.

Preço avulso 30 rs. — Para os Srs. Assignantes 20 rs.

Os Srs. Assignantes das Provincias terão a bondade de enviar o importe de doze fôlhas, em carta franca ao Auctor, Rua do Moinho de Vento n.º 26, Lisboa.

As fôlhas serão enviadas para os Srs. Assignantes livres de porte.

**SUMMARIO.**

Do phellandrio aquatico, pag. 6. — Falsificação do kermes mineral, 8. — Relatorio da primeira parte dos trabalhos da Commissão especial, encarregada da Analyse das Aguas-Mineraes do Reino, 9. — Aguas das Alcaçarias, 11. — Agua do Arco da Senhora da Conceição, 13. — Do emprêgo do phosphato de prata sesqui-basico, na analyse mineral e organica, para decompôr os chloruretos alcalinos e terrosos; pelo Sr. J. L. Lassaigne, 19. — Modificação do emprêgo do amydo, para descobrir qualquer vestigio de iodo; pelo Sr. M. L. Thorel, 20. — Chronologia (continuação) de todas as Leis, Decretos, Alvarás, &c., 22. — Reforma Pharmaceutica em Hespanha, 26. — Extracto das Actas das Sessões Litterarias, 29. — Vida de Nicolau Lémery (continuação), 34. — Compendio d'Introduccão á Historia Natural, por J. J. S. Telles, 40.

## PHARMACIA.

**Observações apologeticas ácerca dos xaropes; pelo Membro Benemerito o Sr. Henrique José de Sousa Telles.**

Tendo-se principiado a discutir, na Sociedade, a questão dos xaropes, publicaram-se em o nosso Jornal umas observações, que ácerca d'elles haviamos feito, e que ha muito tempo existiam na pasta da redacção.

A coincidencia d'este facto, e a insufficiencia d'aquelle trabalho, em relação ao assumpto, constituiu-nos na obrigação de tractar esta materia em maior escala, desinvolvendo mais aquellas ideias, e tocando alguns pontos que, na supradicta discussão, foram um pouco controversos. Estabeleceremos alguns principios, para d'elles tirarmos as necessarias consequencias.

*Os xaropes não são os melhores preparados pharmaceuticos, nem os mais indispensaveis; no primeiro caso, porque se alteram facilmente, no segundo, porque podem ser commodamente substituidos.*

Sem atacarmos opinião alguma, exporemos mui simplesmente a nossa. Se a facil alteração dos xaropes constituisse a sua pouca importancia, nenhuma, por certo, deveriam ter as geléas, o acido hydro-cyanico, e outros muitos preparados, entre os quaes citou o Sr. Alexandre Rodrigues, muito a proposito, os vinhos medicinaes, e os preparados gordos; porém, nem os xaropes, sendo bem preparados, se alteram tão facilmente, nem esta circumstancia pode derogar a sua importancia e validade: aliás muitas substancias e productos naturaes, de reconhecida utilidade e apreço, estariam sujeitos ao mesmo anathema pela unica causal de se alterarem e arruinarem com facilidade.

Quanto mais que, a alteração dos xaropes, ainda a despeito de muitas causas que as promovem, e que mencionaremos, está na razão directa da sua boa ou má preparação; isto é, depende muito da pericia do manipula-

dor, e da observancia de varias regras e preceitos, que a sciencia e a practica ensinam e recommendam. Removida esta difficuldade, que é a objecção mais ponderosa, ainda a pezar d'ella, os xaropes não são *preparados pouco importantes*, mui principalmente em relação aos fins para que se destinam.

Elles, como mui bem ponderou o Sr. Costa Azevedo, offerecem ao Clinico meios faceis d'applicar, aos seus enfermos, medicamentos *agradaveis*, e menos *repugnantes*, circumstancia a que muito se attende; offerecem, como observou Telles Junior, os meios de ter sempre, em disponibilidade, substancias que do contrario não podem haver, senão de certos em certos periodos; e servem, finalmente, como ponderou o Sr. Alexandre Rodrigues, para se poderem transportar para maiores distancias, medicamentos uteis e agradaveis, que não é facil preparar em todas as localidades e tempos.

*Elles podem ser substituidos sem inconveniente.* Nós tambem assim o intendemos, n'um grande numero de casos, e a respeito de muitos dos xaropes, mas esta circumstancia não se dá ácerca de outros mui importantes; o mesmo se pode dizer, sobre a ideia de se prepararem no momento, queremos dizer, extemporaneamente, e a respeito do que mais adiante faremos as nossas reflexões.

¿Será pois conveniente, á Pharmacia, *banir d'ella os xaropes*, e por causas taes? Intendemos que não; nem nos persuadimos que fosse este o pensamento dos nossos Collegas, se intende d'aquelles que pareciam partilhar esta opinião; antes acreditamos que elles queriam impugnar, unicamente, o facto de nos obrigarem a ter, effectivamente, um grande numero d'elles, cuja existencia se não conforma hoje com a simplicidade que alguns systemas teem introduzido na praxe clinica, e n'este caso nós concordamos perfeitamente, no mais não.

Sem sermos egoistas, nem ambiciosos, digamos com franqueza, quanto mais se simplificarem, ou restringirem os pedidos, mais se hão de prejudicar os interesses dos

Pharmaceuticos, que pouco lhes falta ja para um completo naufragio; e não seremos nós que subscrevamos para o apressar.

É verdade que, se nós tivéssemos os necessarios conhecimentos, para compôr uma Pharmacopeia, e d'isso fossemos incumbidos, resumiríamos bastante a tabella dos xaropes; lançaríamos mão dos mais recommendados, e d'aquelles cujas formulas podessem servir para typos; mas nunca indicariamos a necessidade de os proscreever, e mórmente pela causal da sua facil alteração: medicamentos ha mui alteraveis, e ninguem se lembrou de propôr o seu abandono, mas sim os meios de os conservar, e de evitar a sua ruina; convém pois, no presente caso, practicar-se o mesmo. Quaes são as causas, que influem nas alterações dos xaropes? São muitas; entre outras apontaremos, com especialidade e como mais proximas, a pouca pureza dos vehiculos ou menstros, a má qualidade do assucar, a pouca cautela na fixação do ponto conveniente, que deve variar segundo a estação; a limpeza e secura dos vasos em que se arrecadam, o grau de calor, que muitas vezes é imperceptivel, mas assás sufficiente para formar as vegetações na superficie, como notou o Sr. Alexandre Rodrigues, mui principalmente se as garrafas não ficam cheias; o calor eleva, pela falta de pressão, pequenos vapôres aquosos, que, volvendo a precipitar-se sobre a superficie do xarope, e não se podendo tornar a combinar, estacionam-se, decompõem-se, e formam, com alguma porção organica que contém, aquella vegetação, communmente chamada bolôr, sem contudo prejudicar o xarope. São causas proximas tambem os movimentos tumultuosos, que muitas vezes soffrem os xaropes, quando dão as garrafas em mãos pouco cautelosas; o ficar n'elles alguma porção d'albumina, &c. &c.

Além d'estas, ha outras bem sabidas; as temperaturas mui elevadas, a luz, a electricidade, e as más localidades de alguns laboratorios.

As primeiras, porque, rarefazendo os liquidos, diminuem a cohesão, elevam alguma quantidade vaporosa, que de-

siquilibra a harmonia da gradação, e predispõem lentamente o xarope para a fermentação.

A segunda, porque obra, sobre muitos preparados, por uma acção particular, e ainda não bem definida, mas que effectivamente os damnifica.

A terceira, por isso que sendo um agente invisivel, mas bem conhecido pelos effectos, exerce, quasi que sobre todos os corpos, uma influencia caracteristica, e que raras vezes deixam de se resentir d'ella.

Nem se diga que esta influencia é neutralizada, pela propriedade isolante do vidro; nós temos visto, muitas vezes, liquores bem translucidos, e passarem, segundo o estado electrico da atmosphera, a uma perturbação exponentanea, e ás vezes tumultuosa, readquirindo, todavia, ao depois o seu primeiro estado. Tivemos mesmo a descripção de um barometro, que consistia n'um tubo de vidro de 12 pollegadas de comprimento, e 12 linhas de diametro, contendo uma mistura que agora nos não occorre, mas que, apezar do tubo que a continha estar fechado hermeticamente, annunciava, por movimentos diversos, e diversas mudanças e alterações, a proximidade das tempestades, tornando, depois, a flear reduzido ao seu estado primitivo.

As localidades, tambem influem bastante, quando n'ellas se experimenta constantemente a mudança das temperaturas, pela presença de um calor forte, e pela sua ausencia simultanea, segundo as circumstancias que occorrem, e que modificam ou ampliam o seu estado permanente.

Quanto á humidade do ar, pouco pode ella influir na alteração dos xaropes, o que so podia ter logar, quando está mui sobrecarregado de humidade; porém o pouco tempo que pode estar em contacto um com o outro, torna bem nulla a sua acção, e se o ar é sêcco e frio, longe de lhe causar algum damno, favorece antes a sua conservação, não so contrahindo-o pelo frio, e augmentando-lhe a força de cohesão, mas neutralizando um principio calorifico assás influente no desinvolvimento fermentescivel;

tanto assim, que, muitas vezes, convêm dar-lhe um pequeno accesso a esse mesmo ar, destapando as garrafas, ou cobrindo-lhes os boccaes com um papel crivado de pequenos buracos, para darem sahida a gases elasticos, que se accumulam e pervertem os xaropes, e até para dissipar uns vapôres imperceptiveis, que a temperatura faz elevar, desligando-os do assucar.

Se, não obstante todas estas cautelas, o xarope dá indicios d'alteração, perturbando-se a sua transparencia, se é de natureza de a ter, apresentando, na circumferencia da sua superficie, alguma espuma, &c.; uma ligeira fervura o restitue ao seu estado primario, e n'este caso fica de maior duração, por ter sido destruido o principio fermentescivel; a não ser que o principio de alteração se adiantasse tanto, que o xarope se tornasse acido, n'este caso deve-se inutilisar.

Suscitou-se alguma questão ácerca do xarope de dormideiras: este xarope deve ser banido, absolutamente, não so porque o *Codigo Legal* o não menciona, mas, e mui principalmente, pelos motivos que todos conhecem mui bem.

Similhantermente diremos, sobre a questão de substituir o assucar com o mel, na expectativa de ser este um melhor preservativo da alteração dos xaropes, ainda que a este respeito se argumenta com um facto, não podemos admittil-o; o mel, como se observou na discussão, por ser de uma composição mais complexa do que o assucar, e mesmo como igualmente observou o Sr. Rodrigues, por possuir um principio azotado, é mais fermentescivel do que o assucar, mas ainda que esta razão não fosse sufficiente, nunca poderíamos convir na substituição; não so porque os xaropes não ficariam tão agradaveis, mas pela repugnancia que muita gente tem ao mel, e ainda mui principalmente por falta de auctoridade, e consenso medico, que reputa o mel como nocivo, em muitos casos, e para muitos temperamentos, que se comportam bem com o assucar.

Diremos ainda alguma cousa ácerca da gradação dos xaropes, por ser ponto importante, e ter sido objecto so-

bre que se questionou. E' practica mui aconselhada empregar duas partes d'assucar para uma de liquido, nos xaropes que não devem ferver, e ainda mesmo nos cosidos, porque, evaporado o liquido, elles ganham a mesma densidade; esta regra porém não é geral para os primeiros, em razão de se empregar, algumas vezes, um vehiculo ja de sua natureza mais denso como no de gomma arabica, infuso ou macerado d'althea, liquidos vinhosos, cumos acidos, &c. Ora sendo o assucar a peso tambem o deve ser o liquido, e não medido, porque então seria desequilibrar a relação de um para outro. Deixando nós de parte a experiencia de uma longa practica, devemos, para maior segurança, empregar o peso-xaropes, mormente para os que devem ter mais duração, e n'este caso ainda temos a attender ás estações. Soubeiran marca aos xaropes fervendo 30°, e no estio 30°  $\frac{1}{3}$  para depois de frios marcarem 35° no areometro; marcando o thermometro 105°, e esta doutrina é commum, diminuindo, algumas vezes, a porção do assucar, segundo fica observado.

Restá-nos mais duas observações a fazer; a primeira é ácerca da possibilidade de fazer a frio, em todos os xaropes, a solução do assucar, e a segunda, a de se formalisar uma tabella que comprehenda, ou designe as porções d'extractos, que correspondam a uma onça de cada um d'elles, para se prepararem extemporaneamente; quanto á primeira ja principiámos os nossos ensaios, nos xaropes de flor de laranjeira, de casca da mesma, de balsamo peruviano, dos citratos de magnesia e de potassa, dos macerados d'althea e d'avenca &c.; calculando, para os xaropes dos citratos, menor porção, e deitando, para os outros, duas partes d'assucar mui puro para uma de liquido, mexendo com espatula de pau, por espaço de dez a doze minutos; o xarope, ficando em repouso por algumas horas, reune em cima uma pequena crusta de espuma saccharina, que se lhe separa com uma colher, e o resto torna-se limpido, e translucido, como se fosse clarificado; e isto tanto mais, quanto o macerado estiver mais purificado, e o assucar for mais claro e puro.

Parece-nos que este methodo reúne algumas vantagens; a primeira, economia de trabalho; a segunda, não se desperdiçam os principios medicamentosos das substancias que constituem a parte principal dos xaropes, e que podem ser arrastados por uma longa evaporação, ou ebullicão; e a terceira, finalmente, por nos parecer que ficam estés preparados menos sujeitos a alterarem-se, o que estamos observando com os nossos ensaios: e ainda achamos outra conveniencia, e é, podêrem-se preparar, mesmo em pequenas porções, com maior facilidade.

A segunda observação está quasi comprehendida na opinião do Sr. Ogando, ou pelo menos proporciona o meio de levar a effeito um seu pensamento. Havendo uma tabella das quantidades, bem calculadas, dos diversos extractos que correspondam a uma dada porção de xarope, não haveria inconveniente, para muitos d'elles, de se fazerem extemporaneamente, como se practica com os de morfina, de lactucario, &c.

Em vista pois do que deixamos expellido, poder-se-hão desinvolver mais e melhor as nossas ideias, sujeitando-as a um prudente criterio, e procedendo, como convêm, aos necessarios calculos e ensaios practicos.

**Pomada da Viuva Farinier; em Bouchardat.**

R.º Manteiga de vacca mui fresca.....	2 onças.
Minio. ....	18 grãos.
Acetato de chumbo crystallizado.....	54 „

F. S. A.

A pomada da Viuva Farinier, de Bordeos, convém particularmente nas conjunctivitas e keratitas chronicas, nas inflammções dos folliculos palpebraes, nas keratitas ulceradas chronicas, nas manchas da cornea. Comtudo, succede algumas vezes aproveitar nas diversas inflammções no estado agudo; e seu uso, como os demais topicos oculares, deve ser subordinado aos resultados que se obtiver em cada caso particular do ensaio que d'ella se fizer. D'aqui se segue que, quando este meio, pôsto em uso, augmente

continuadamente o mal, em lugar de o diminuir, passados oito ou dez dias, é mais prudente abandonal-o, que teimar a usar d'elle (*Gerdy*).

Trad. pelo Sr. *L. A. Corrêa*.

**Formulas extrahidas das Pharmacopcias estrangeiras.**

*Papel anti-rheumatico de STEEG.*

Gomma ammoniacca .....	250 gram.	= 8 onças.
Terebinthina de Veneza .....	60 „	= 15 oitav.
Sebo .....	30 „	= 7½ „
Cera amarella .....	30 „	= 7½ „

Funde-se e cõa-se com expressão a massa liquidada, e ajuncta-se sobre nove partes :

Tartarato de potassa e d'antimonio em po fino 1 parte.

Estende-se a mistura sobre papel pouco gommado.

A applicação d'este topico pode ser util no rheumatismo, como em todos os casos onde uma irritação local ou uma revolução na pelle se tornam necessarias.

Elle faz experimentar á parte, sobre a qual se applica, uma ligeira sensação d'ardor, e determina ou produz umas pustulas sorosas que pouco depois desaparecem. Conserva-se até que se desapegue expontaneamente.

*Pomada de STEEGE contra a alopecia.*

Pomada de cacau (preparada

com manteiga de cacau 2 partes e azeite 1 parte)...

60 gram.	= 15 oitavas.
Tannino .....	0,80 centigr. = 16 grãos.
Quinina .....	0,40 „ = 8 „

Dissolve-se em

Alcoholato aromatico. .... 8 gram. = 2 oitavas.

M. S. A.

Usa-se pela manhã e á noute; esta pomada serve para obstar a que caia o cabello.

*Balsamo vulnerario inglez.*

Mastic (almecega da India)....	1 gram.	= 18 grãos.
Estoraque em lagrimas .....	20 „	= 5 oitav.

Benjoim . . . . .	8	„	= 2 oitav.
Myrrha . . . . .	1,20 centig.		= 22 grãos.
Azevre succotrino . . . . .	2 gram.		= 36 „
Balsamo do Perú . . . . .	2	„	= 36 „
Raiz d'angelica . . . . .	4	„	= 4 oitava.
Espirito de vinho . . . . .	250	„	= 8 onças.

Digire-se por alguns dias, e filtra-se.

*Electuario anti-rheumatico (Chelsea pensioner's electuary).*

Resina de guayaco . . . . .	30 gram.		= 7½ oitavas.
Rhuibarbo em po . . . . .	8	„	= 2 „
Flôr d'enxófre . . . . .	60	„	= 15 „
Bi-tartarato de potassa pulverisado	30	„	= 7½ „
Gingibre em po . . . . .	30	„	= 7½ „

Mel q. b. para fazer electuario.

*Dose.* Duas colheres de cha pela manhã e á noute.

*Poção anti-asthmatica.*

Raiz d'enula campana	30 gram.		= 7½ oitavas.
— de lirio florentino	15	„	= 3 oitavas e 5¼ grãos.

Infunde-se em quantidade sufficiente d'agua para obter 300 gram. (9 onças e 5 oitavas).

Ajuncta-se

Gomma ammoniaca dissolvida em quantidade sufficiente de vina- gre scillitico . . . . .	12 gram.		= 3 oitavas.
Xarope de polygala de Virginia . . . . .	30	„	= 7½ „

*Misture.*

Quatro ou seis colheres por dia, na dyspnea polyblenica.

*Elixir de Hufeland contra o catarrho bronchico.*

Hufeland usava para combater as tosses rebeldes, que ficavam muitas vezes depois da gripe, da preparação seguinte :

Extracto de cardo santo . . . . .	4 gram.		= 1 oitava.
— de doc'amarga . . . . .	1,20 centig.		= 22 grãos.

Agua de funcho..... 30 gram. = 7½ oitavas.  
— de loureiro-cereja..... 4 „ = 1 oitava.  
Toma-se 60 gottas, 4 vezes por dia.

*Poção anti-eserofulosa de HUFELAND e de CRAWFORD.*

Chlorureto de baryo..... 2 gram. = 36 grãos.  
— de ferro..... 2 „ = 36 „  
Agua de canella..... 30 „ = 7½ oitavas.  
Xarope de casca de laranja.... 30 „ = 7½ „

Misture.

20 a 30 gottas de tres em tres horas.

*Po anti-catarrhal.*

Enxôfre dourado d'antimonio } aa 0,05 centigr. = 1 grão.  
Extracto de meimendro... }  
— aquoso d'opio..... 0,03 „ = 3/5 „  
Eleo-saccharo de funcho..... 1,20 „ = 22 „

Misture e reduza a po.

Toma-se antes de recolher.

*Poção do Dr. SCHNEIDER contra a sciatica.*

O Dr. Schneider, d'Offenbourg, empregava com bom successo, nos casos de sciatica e de coxalgia inveteradas, o preparado seguinte:

Essencia de terebinthina. } aa 8 gram. = 2 oitavas.  
Gomma arabica em po. }  
Agua de hortelã..... 125 „ = 4 onças.  
Assucar branco..... 15 „ = 3 oit. 54 gr.  
Xarope d'hortelã apimentada..... 30 „ = 7½ oitavas.

Duas colheres de sopa tres vezes por dia.

É preciso ao mesmo tempo practicar, varias vezes por dia, fricções sobre as partes affectadas, com o linimento seguinte:

Essencia de terebinthina, 1 parte.

Linimento volatil camphorado, 2 partes.

*Poção aluminosa contra a tosse convulsa.*

Em o hospital dos infantes, em Londres, se tem applicado com feliz resultado, em dose de 2 a 10 grãos, de quatro a seis horas, aos infantes de um a dez annos, affectados de bronchites espasmodicas.

A formula, ordinariamente empregada, é a seguinte:

Sulphato d'alumina e de potassa	1,25 centigr.	= 23 grãos.
Extracto de cicuta	0,60 „	= 12 „
Xarope de papoulas vermelhas	8 gram.	= 2 oitavas.
Agua de funcho	90 „	= 2 onç. 6½ oit.

Misture. Toma-se uma colher de sopa de seis em seis horas.

*Pos contra a tosse convulsa.*

Tannino	} aa	0,10 centigr.	= 2 grãos.
Acido benzoico			
Gomma arabica em po.		4 gram.	= 1 oitava.

Misture e divida em 12 papeis, para tomar um de duas em duas horas diluido em agua.

(*Bull. de Thér.*)

Trad. pelo Sr. H. J. S. Telles.

Observações geraes sobre os preparados de musgo islandico, pelo Sr. Bouchardat.

O musgo islandico, em relação a suas applicações, pode ser considerado debaixo de dous differentes pontos de vista; como substancia alimenticia, ou na qualidade de medicamento.

Se se tracta de preparar o musgo, para o empregar como alimento, não ha que hesitar sobre as manipulações a que devemos submettel-o. Encontram-se com effeito, n'este vegetal, dous principios dominantes; a materia amarga, e a substancia amylacea ou nutriente: esta é o amydo, contribuindo o principio amargo (cetrarina) para so-

mente dar a todos os preparados alimenticios do musgo um sabor muito desagradavel, sem vantagem digna d'apreço: d'aqui resulta a necessidade de o eliminar, o que facilmente se consegue pelo processo do Sr. Berzelio; que consiste, como se sabe, em cortar meudamente o musgo, e conserval-o por vinte e quatro horas em agua, á qual se juncta pequena porção de potassa do commercio — o alcali dissolve o principio amargo. Lança-se o musgo n'um panno, faz-se escorrer, e se lava muitas vezes pela maceiração, em quanto estiver amargo e alcalino; não devendo espremer-se o musgo, nem mesmo agitar-se muito n'agua, porque uma grande parte do amydo se separaria em pequenos grumos transparentes, e seria levado pela agua da lavagem.

Quando queremos empregar o musgo como medicamento, cumpre-nos então seguir principios inteiramente differentes. Com effeito, a cetrarina é a materia verdadeiramente util, não sendo o amydo senão uma substancia assaz indifferente, se bem que a maior parte dos Pharmacologistas modernos estejam longe de partilhar esta crença, esforçando-se por eliminar, em todos os preparados d'este vegetal, o seu principio amargo, que consideram como prejudicial; para somente conservarem a *materia adoçante*, segundo pretendem, do musgo. Para cabalmente atacar esta opinião, em quanto a nós errada, limitar-nos-hemos a fallar das applicações therapeuticas do musgo, na hypothese de se acreditar na utilidade do principio amylaceo ainda melhor demonstrado — refiro-me ás affecções do peito em geral, e á tísica pulmonar em particular.

Na actualidade, em que conhecemos a verdadeira composição chymica do musgo, e ainda melhor o effeito de cada principio immediato no acto da digestão, ninguém, segundo creio, se abalará a attribuir propriedades especificas ao amydo do musgo. Assimilhando-se elle com todas as materias feculentas, não é preciso procurar-lhe outras propriedades; e, com tudo, numerosos factos parecem claramente estabelecer a proficuidade do musgo no começo da tísica pulmonar. Se negamos a efficacia do amy-

do, é forçoso conceder, que so a cetrarina obra utilmente: esta asserção não deve maravilhar, pois ja la vae o tempo em que se admittia a influencia curativa, das substancias succulentas ou mucilaginosas, no tractamento da tísica; antes ao contrario, ninguém duvida de que as substancias, que são proprias para reanimar as funcções digestivas sem grande excitamento, se tornam extremamente vantajosas no começo d'esta terrivel molestia.

E na verdade, os accidentes que sobrevem ao aparelho respiratorio são, em quanto a mim, inteiramente secundarios, cumprindo por consequencia procurar, no aparelho digestivo, o principio d'aquella doença; sendo certo que, se procedermos a attentas observações, quasi sempre encontraremos que a tísica pulmonar tem, por causa essencial; ou um achaque nas funcções digestivas, ou uma aberração em assimilação. Postos estes principios, naturalmente se conclue que uma substancia, tal como a cetrarina, que é um verdadeiro amargo, sem mistura de principios adstringentes ou materias estimulantes, pode ser extremamente proveitosa no caso de que se tracta; eis o segredo da utilidade do musgo na tísica. Assim, é claro que quasi todos os preparados de musgo dos nossos dispensatorios, devem ser reformados, visto que a maior parte dos Pharmacologistas, guiados por uma falsa ideia, tem á porfia procurado eliminar este principio amargo; que, em quanto a nós, é o unico corpo que eleva o musgo ao grau dos medicamentos uteis. Examinemos agora rapidamente os principaes preparados a que o musgo serve de base.

*Po de musgo islandico.*

O musgo raras vezes é receitado sob esta forma; e todavia é uma boa maneira de administrar o seu principio activo, quando ha cuidado de o não privar, conforme ordena o *Codex*, do seu principio amargo. Com o dito po, e algumas gottas de xarope simples, se prepara um electuario, que pode administrar-se na dose de 4 a 10 grammas (1 a 2 $\frac{1}{2}$  oitavas) por dia.

*Tisana de musgo islandico.*

Muitas vezes se prescreve o musgo sob esta formula, e com tudo o *Codex* não a contém.

Tomam-se geralmente 8 grammas (2 oitavas) de musgo, privado do seu principio amargo, fazendo-se ferver na quantidade d'agua sufficiente, para se obter um litro (32 onças) de tisana. Julgo conveniente reduzir a dose do musgo a 2 ou 4 grammas (4 a 1 oitava), e de não o despojar previamente do seu principio amargo.

*Saccharolado de musgo islandico.*

Empregam-se partes eguaes d'assucar e musgo despojado do principio amargo, e se fazem repetidas decoçções para purificar o musgo do seu principio gelatinoso; passa-se espremendo, ajuncta-se mais assucar, e se evapora a banho-maria, evaporação que poderá concluir-se na estufa. Béal precipita o decocto do musgo pelo alcohol, espreme o coagulo, mistura-lhe duplicado pêsso d'assucar, e o faz seccar na estufa.

O saccharolado de musgo não é somente receitado; serve tambem para preparar, d'ua maneira prompta, a geléa e pastilhas.

*Geléa de musgo islandico.*

É um medicamento muitas vezes prescripto como alimento, aliás muito agradavel quando bem preparado. Fervem-se, por espaço d'uma hora, em vaso de barro tapado, 64 grammas (2 onças) de musgo privado da cetrarina, passa-se espremendo, ajunctam-se 64 grammas (2 onças) d'assucar no decocto decantado; evapora-se a fogo brando, até que a materia se gelatinise pelo resfriamento; tira-se-lhe a pellicula, e se cõa n'um vaso contendo algumas gottas de tinctura de limão e de laranja.

O *Codex* prescreve a junção de 4 grammas (1 oitava) de ichtyocolla, mas é inutil; contém egualmente uma for-

mula de *geléa de musgo em quina*, que se prepara substituindo o assucar por 200 grammas (6 onças e 2 oitavas) de xarope de quina.

Certos praticos preparam a geléa de musgo com 40 grammas (10 oitavas) de saccharolado de musgo, 500 (16 onças) d'assucar, e 200 (6 onças e 2 oitavas) d'agua; fazendo ferver o misto, até ficar reduzido a 250 grammas (8 onças). Este processo é de rapida execução e bello effeito.

Alguns Pharmaceuticos substituem o saccharolado pela *gelatina sécca de musgo*. Berzelio lança, sobre um panno a geléa formada pela evaporação e resfriamento, deixa coar o liquido, e d'este modo fica sécco o principio gelatinoso. Coldefy coagula a geléa, pondo-a a seccar n'um vaso chato, aquecido com precaução. Zier precipita a geléa pelo alcohol, espreme-a, e a faz seccar na estufa.

Para preparar a geléa de musgo com a gelatina, Coldefy emprega 8 grammas (2 oitavas) de gelatina sécca, 120 grammas (3 onças e 6 oitavas) d'assucar, e 200 (6 onças e 2 oitavas) d'agua; ferve até uma evaporação conveniente, para obter 250 grammas (8 onças) de geléa.

#### *Pastilhas de musgo islandico.*

Extractam-se, por meio de reiteradas decocções, 500 grammas (16 onças) de musgo, dissolvem-se 2500 (80 onças) de gomma, e 2000 (64 onças) d'assucar no decoccto; cõa-se e evapora-se até á consistencia de pasta. Nos Hospitaes de Paris ajunctam-se 2  $\frac{1}{2}$  centigrammas ( $\frac{1}{2}$  grão) d'extracto d'opio para 30 grammas (7  $\frac{1}{2}$  oitavas).

Trad. por J. D. Corrêa.

CHYMICA.

Relatorio da primeira parte dos trabalhos da Commissão especial encarregada da Analyse das Aguas-Mineraes do Reino; continuado de pag. 18.

**AGUAS DO CHAFARIZ D'EL-REI.**

Este chafariz, que tem o n.º 18, fica a O. dos Banhos das Alcaçarias, no Largo do Caes de Santarém, lado do N. Este local pertence á Freguezia de S. João da Praça, que consta de 470 fogos, e approximadamente 2:000 habitantes, ao 3.º Bairro (o do Rocio), e ao 2.º Districto Criminal.

Conforme nos descreve o Dr. Francisco da Fonseca Henriques, natural de Mirandella, e Medico d'El-Rei D. João V. (14), este chafariz tinha seis bicas, e hoje nove, que correm para um tanque de cantaria, que fica inferior á rua perto de 10 palmos; descendo-se para elle por sete degraus de pedra, e pelos lados O. e L.

A agua que corre das sete bicas (n.ºs 1 a 7) que ficam ao lado de O., é diferente da das ultimas duas bicas (n.ºs 8 e 9) da parte de L.

Obtida a permissão da Ex.<sup>ma</sup> Camara Municipal, a Commissão entrou no aqueducto d'este chafariz para o observar.

A agua que corre das duas bicas da parte de L., borbulha proxima ao fundo d'um deposito, que fica na parede anterior ao mesmo chafariz; entrando pelo Bêcco das Moscas, situado a O. do chafariz. O deposito é d'abobada, recebe muita claridade, e é bem arejado.

A agua das sete bicas do lado de O., borbulha em diferentes partes d'um reservatorio que existe na Rua de S. João da Praça, da parte do S. da mesma rua; á qual fica inferior perto de 24 palmos, e contém na parte superior uma lanterneta com ventiladores semi-circulares. En-

(14) Aquilegio Medicinal, 1 vol. 1726.

tra-se para este reservatorio por um postigo ao lado do N. do Bêcco da Silva, e a L. do Bêcco das Moscas, sobre o qual postigo existe uma pedra quadrilonga, em que se acha gravada a inscripção seguinte:

AO PE DES  
TE ESTA A  
BOCA DA  
MINA DO  
CHAFARI  
S 1700.

D'este reservatorio vae a agua para o chafariz por uma calha de pedra, que atravessa por baixo dos predios e Bêcco da Silva, seguindo por cima do deposito da agua das duas bicas, até á sahida nas sete bicas.

As aguas de que se tracta, posto ja fossem analysadas por esta Sociedade em o anno de 1835 (15), julgámos todavia conveniente proceder a nova analyse qualitativa, attendendo a terem ja decorrido 11 annos, e á possibilidade d'algumas alterações.

Juncto ás bicas d'este chafariz, bem como no Laboratorio, foram submettidas estas aguas a varias observações e analyses; cujos resultados são os seguintes:

AGUA DAS 7 BICAS A OESTE DO CHAFARIZ.

*Propriedades physicas.*

- 1.º Limpida.
- 2.º Cór . . . . . } nullos.
- 3.º Cheiro . . . . . }
- 4.º Sábör — d'agua potavel.
- 5.º A temperatura, observada nas sete bicas ás 5 horas da tarde do dia 30 d'Abril de 1847, era de + 24<sup>c</sup>,5, sendo a do ar atmospherico de + 16<sup>c</sup>, e á pressão de 741,<sup>m</sup>67.
- 6.º A densidade, apreciada no Laboratorio, está para

(15) Jornal d'esta Sociedade, 1.<sup>a</sup> Serie, tomo 1.<sup>o</sup> pag. 122.  
2.<sup>a</sup> Serie, T. I. — N.<sup>o</sup> 2.

um egual volume d'agua distillada : : 1,079 : 1,000, á temperatura de + 13,<sup>c</sup>5, e á pressão de 779,<sup>m</sup>77.

*Ensaio chymico feito juncto ao Chafariz.*

1.<sup>o</sup> Agitada — produziu bôlhas que se destruíram com muita facilidade.

2.<sup>o</sup> Com o alcoholado de tornasol — insensível; mostrando não conter acido livre.

3.<sup>o</sup> Com o hydrolado calcico — precipitado branco, insolúvel no excesso da mesma agua; accusando não conter acido carbonico livre.

4.<sup>o</sup> Com o acetato plumbico — precipitado branco, que não ennegreceu; mostrando a não existencia de gaz sulphúrico ou sulphuretos.

5.<sup>o</sup> Com o alcoholado de sabão — ligeira turvação branca; indicando conter pequena porção de saes calcicos ou magnésicos.

6.<sup>o</sup> Com o alcoholado de pau de Campêche — côr violeta; accusando a existencia de bi-carbonatos.

7.<sup>o</sup> Com o chlorureto calcico — insensível; indicando a não existencia de bi-carbonatos alcalinos.

8.<sup>o</sup> Com o sulphurato ammonico — insensível; designando não conter saes metallicos.

#### TRABALHOS FEITOS NO LABORATORIO.

##### *Analyse qualitativa.*

1.<sup>o</sup> Um litro d'esta agua submettida á ebullição, e recolhidos os gazes produzidos para uma campanula, deu 31 centimetros cubicos dos ditos gazes; á temperatura de + 19,<sup>c</sup> e á pressão de 751,<sup>m</sup>83.

2.<sup>o</sup> Tractados estes gazes pela potassa caustica, deixaram 22 centimetros cubicos d'ar atmospherico.

3.<sup>o</sup> Outro litro da mesma agua, evaporada a calor brando, até á seccura, em uma capsula de platina; produziu substancias fixas 0,<sup>gr</sup>.5.

4.<sup>o</sup> Tractado este residuo da evaporação pela agua distillada, e filtrada a parte solúvel; deu o seguinte:

*A. Parte solúvel na água destillada.*

5.º Acidulada com ácido azótico e tractada pelo azotato argéutico — precipitado branco, solúvel na amónia; mostrando haver chloruretos.

6.º Acidulada com ácido chlor'hydrico e tractada com o chlorureto barytico — precipitado branco; accusando conter sulphatos.

7.º Acidulada com ácido sulphurico em excesso e tractada com o sulphato ferroso — ligeira coloração purpúrea; indicando a existencia de nitratos.

8.º Com o hydrolado d'amydo e água recentemente oxygenada, pelo processo do Sr. Alvaro Reynoso — não deu coloração azul; accusando não conter iodo.

9.º Com o chlorureto e oxalato ammonicos — precipitado branco abundante; mostrando a presença de saes calcicicos.

*a.* Separado este precipitado pela filtração, o liquido foi dividido em duas porções; uma d'ellas tractada:

10.º Com o phosphato ammonico — ligeira turvação branca; indicando vestigios de saes magnésicos.

*b.* A outra porção do liquido filtrado *a*, evaporado até á seccura, e calcinado até serem decompostos os saes ammonicos; foi em seguida dissolvido em água destillada, e precipitada a magnesia e o ácido sulphurico pela água de baryta.

*c.* Filtrado este precipitado, e eliminado o excesso da baryta pelo carbonato ammonico; foi novamente filtrado, e o liquido evaporado até á seccura e calcinado.

*d.* Este residuo calcinado, dissolvido em água destillada, foi tractado:

11.º Com o bi-chlorureto platinico e alcohol de 36º — insensível; accusando não conter saes potássicos.

12.º Com o antimoniato potássico granuloso recentemente solvido n'água destillada — precipitado branco crystallino; indicando a presença de saes sódicos.

*B. Parte insolúvel na agua distillada.*

13.º Com o acido chlor'hydrico — dissolução incompleta com effervescencia.

*e.* A parte solúvel no acido chlor'hydrico, e neutralizado o seu excesso pelo ammoniaco, foi depois tractada pelos reagentes seguintes:

14.º Com o oxalato ammonico — precipitado branco abundante; mostrando a presença de saes calcicos.

*f.* Filtrado este precipitado, o liquido restante tractado:

15.º Com o phosphato ammonico — ligeira turvação branca; indicando vestigios de saes magnesicos.

16.º Com o cyanureto ferroso-potassico — não deu coloração azul; designando a não existencia de saes ferricos.

*C. Parte insolúvel na agua distillada e no acido chlor'hydrico.*

17.º Com um soluto de carbonato potassico, tractado a quente e filtrado, este liquido produziu, com o chlorureto barytico, precipitado branco; e o residuo que ficou no filtro, tractado pelo acido chlor'hydrico, dissolveu-se em parte com effervescencia: neutralizado o excesso do acido pelo ammoniaco, e tractado com o oxalato ammonico — deu diminuta porção de precipitado branco; accusando tudo isto vestigios de sulphato calcico.

*g.* A outra parte insolúvel do residuo (17.º), reconheceu-se ser formada de silica e materia organica.

A Commissão, em presença d'estes trabalhos, é de parecer que esta agua é potavel d'inferior qualidade; e propria para os usos domesticos, em que se costumam empregar as aguas potaveis.

**AGUA DAS 2 BICAS A LESTE DO CHAFARIZ.**

*Propriedades physicas.*

1.º Limpida.

2.º Cór. . . . . } nullos..

3.º Cheiro. . . . . }

- 4.º Sabor — d'agua potavel.
- 5.º A temperatura, observada nas duas bicas ás 5  $\frac{3}{4}$  horas da tarde do dia 30 d'Abril de 1847, era de + 18º, 5, sendo a do ar atmospherico de + 16,º e á pressão de 741,º67.
- 6.º A densidade, apreciada no Laboratorio, está para um egual volume d'agua distillada : : 1,046 : 1,000, á temperatura de + 13,º5, e á pressão de 779,º77.

*Ensaio chymico feito juncto ao Chafariz.*

- 1.º Agitada — produziu bôlhas, que se destruíram com muita facilidade.
- 2.º Com o alcoholado de tornasol — insensivel; mostrando não conter acido livre.
- 3.º Com o hydrolado calcico — precipitado branco, insolúvel no excesso da mesma agua; accusando não conter acido carbonico livre.
- 4.º Com o acetato plumbico — precipitado branco, que não ennegreceu; mostrando a não existencia de gaz sulphydrico ou sulphuretos.
- 5.º Com o alcoholado de sabão — ligeira turvação branca; indicando conter pequena porção de saes calcicos ou magnescicos.
- 6.º Com o alcoholado de pau de Campêche — côr violeta; accusando a existencia de bi-carbonatos.
- 7.º Com o chlorureto calcico — insensivel; indicando a não existencia de bi-carbonatos alcalinos.
- 8.º Com o sulphurato ammonico — insensivel; designando não conter saes metallicos.

**TRABALHOS FEITOS NO LABORATORIO.**

*Analyse qualitativa.*

- 1.º Um litro d'esta agua submettida á ebullição, e recolhidos os gazes produzidos para uma campanula, deu 23 centímetros cubicos dos ditos gazes; á temperatura de + 22,º, e á pressão de 739,º13.

2.º Tractados estes gazes pela potassa caustica, deixaram 18 centimetros cubicos d'ar atmosferico.

3.º Outro litro da mesma agua, evaporada a calor brando, até á seccura, em uma capsula de platina; produziu substancias fixas 0,57-3.

4.º Tractado este residuo da evaporação pela agua distillada, e filtrada a parte solúvel; deu o seguinte:

*A. Parte solúvel na agua distillada.*

5.º Acidulada com acido azotico e tractada pelo azotato argéutico — precipitado branco, solúvel na ammonia; mostrando haver chloruretos.

6.º Acidulada com acido chlorhydrico e tractada com o chlorureto barytico — precipitado branco; accusando conter sulphatos.

7.º Acidulada com acido sulphurico em excesso e tractada com o sulphato ferroso — insensível; indicando a não existencia de nitratos.

8.º Com o hydrolado d'amydo e agua recentemente oxygenada, pelo processo do Sr. Aivaro Reynoso — não deu coloração azul; accusando não conter iodo.

9.º Com o chlorureto e oxalato ammonicos — precipitado branco; mostrando a presença de saes calcicos.

a. Separado este precipitado pela filtração, o liquido foi dividido em duas porções; uma d'ellas tractada:

10.º Com o phosphato ammonico — ligeira turvação branca; indicando vestigios de saes magnésicos.

b. A outra porção do liquido filtrado a, evaporado até á seccura, e calcinado até serem decompostos os saes ammonicos; foi em seguida dissolvido em agua distillada, e precipitada a magnesia e o acido sulphurico pela agua de baryta.

c. Filtrado este precipitado, e eliminado o excesso da baryta pelo carbonato ammonico; foi novamente filtrado, e o liquido evaporado até á seccura e calcinado.

d. Este residuo calcinado, dissolvido em agua distillada, foi tractado:

11.º Com o bi-chlorureto platinico e alcohol de 36º — insensivel ; accusando não conter saes potassicos.

12.º Com o antimoniato potassico granuloso recentemente solvido n'agua distillada — precipitado branco crystallino ; indicando a presença de saes sodicos.

*B.* Parte insoluvél na agua distillada.

13.º Com o acido chlor'hydrico — dissolução incompleta com effervescencia.

*e.* A parte soluvél no acido chlor'hydrico, e neutralisado o seu excesso pelo ammoniaco, foi depois tractada pelos reagentes seguintes :

14.º Com o oxalato ammonico — precipitado branco ; mostrando a presença de saes calcicos.

*f.* Filtrado este precipitado, o liquido restante tractado :

15.º Com o phosphato ammonico — ligeira turvação branca ; indicando vestigios de saes magnesticos.

16.º Com o cyanureto ferroso-potassico — não deu coloração azul ; designando a não existencia de saes ferricos.

*C.* Parte insoluvél na agua distillada e no acido chlor'hydrico.

17.º Com um soluto de carbonato potassico, tractado a quente e filtrado, este liquido produziu, com o chlorureto barytico, precipitado branco ; e o residuo, que ficou no filtro, tractado pelo acido chlor'hydrico, dissolveu-se em parte com effervescencia : neutralisado o excesso do acido pelo ammoniaco, e tractado com o oxalato ammonico — deu diminuta porção de precipitado branco ; accusando tudo isto vestigios de sulphato calcico.

*g.* A outra parte insoluvél do residuo (17º), reconheceu-se ser formada de silica e materia organica.

A Commissão, em presença d'estes trabalhos, é de parecer que esta agua é potavel de boa qualidade ; e pro-

pria para todos os usos domesticos, em que se costumam empregar as aguas potaveis.

Consultando, esta Commissão, alguns Escriptores, ácerca das virtudes das aguas do Chafariz d'El-Rei, passa a relatar-vos o que se segue:

O Capitão Luiz Marinho d'Azevedo (16), diz: « Tem » esta agoa do chafariz alguãs propriedades occultas; pre- » serua dos catarros, & serrações do peito que causão » outras, não fazendo abalo nos farasteiros, que vindo a » Lisboa a bebem logo. . . . Tem mais huã calidade mara- » uilhosa, & he ser cauza das boas vozes dos muzicos » naturaes de Lisboa, ou que nella morarão, que tanto » lustrão em sua Real Capella, & na da Corte de Ma- » drid, Conuentos, & . . . »

O Dr. Fonseca Henriques (17), diz que « desta agoa » bebo a mayor parte das duas Lisboas: e foy sempre » muy estimada, em quanto não houve o Chafariz da praya » . . . . He esta agoa boa para o cosimento de estamago, » e digestão do alimento; para os que costumão ter ca- » tarros, &c. &c. »

Luiz Mendes de Vasconcellos (18), além do que refe- re Luiz Marinho d'Azevedo, accrescenta: « . . . . Querendo » Vitruvio mostrar, qual he a melhor agoa, diz ha algu- » mas fontes quentes, das quaes sahe agoa tão suave no » beber, que se não deseja a das fontes Camenas, nem a » corrente Marcia. Desta qualidade he a agoa de Lisboa, » de que commummente se bebe, correndo copiosamente » na antiga fonte, a que chamamos chafariz d'El-Rei: » porque quando sahe traz huma suave quentura gostosa, » e proveitosa a quem bebe, e he claro argumento » da sua perfeita natureza, que sendo ordinario fazerem » catarro as agoas não costumadas, nunca desta se quei- » xou nenhuma pessoa, que de novo viesse a Lisboa; . . . » . . . . »

(16) Obra citada (vide a nota 3ª).

(17) Obra citada (vide a nota 14ª).

(18) Do Sitio de Lisboa, sua grandeza, povoação, e commercio, 1  
vol. 1786.

O Dr. Francisco Tavares (19), exprime-se assim : « Des-  
» ta agua faz-se uso ordinario assim em bebida como de  
» cozinha, e ainda que afora a differente temperatura,  
» com que nasce e a caracteriza de mineral, disto mesmo  
» sejam testemunhos os contentos salinos analogos aos das  
» Alcaçarias, que nella se encontrão, falta-lhe com tudo  
» a porção de gaz, que mineralisa estas; ou ao menos tu-  
» do, o que contém, he tam escaço, que não deixa a agua  
» de ser de grande consumo nos usos da vida assim eco-  
» nomico como Medico. » (Continúa.)

**Fabricação do sulphato de quinina sem alcohol.**

O privilegio obtido em 1833 pelo Sr. Thiboumèry, para esta fabricação, acaba de terminar e de ser publicado. Eis o processo que se funda sobre a substituição do alcohol pelos oleos fixos ou volateis.

Depois de tractar a quina pelos acidos, e de haver precipitado a quinina pela cal, pulverisa-se o precipitado calcareo, e tracta-se diversas vezes pela essencia de terebinthina, ou pelo oleo que se obtém da distillação do carvão de pedra. Separa-se o liquido, por decantação ou pela filtração do precipitado.

Se se emprega um oleo fixo, separa-se logo a cal, que forma com elle um sabão insolavel. N'este caso dissolve-se o precipitado em um acido, e precipita-se, a quinina bruta, pelo ammoniac.

É neste estado que se tracta a quente pelo oleo, que dissolve a quinina, sem tocar na materia parda com que estava unida.

A quinina, assim obtida em dissolução oleosa, tracta-se pela agua acidulada por um acido, capaz de formar com ella saes soluveis; e como os dous liquides teem um peso especifico mui differente, separam-se por meio d'um siphão.

(19) Instrucções e cautelas practicas sobre Aguas Mineraes, 2 vol. 1810.

A quinina é, seguidamente, precipitada por um alcali, e retomada pelo acido sulphurico, para se obter no estado de sulphato.

(*J. de Pharm. et de Chimie.*)

Trad. pelo Sr. *H. J. S. Telles.*

## HISTORIA NATURAL.

### Bolbo anormal.



A estampa proxima representa fielmente um bolbo do *allium sativum*, que nos foi enviado do Algarve. Semelhante aos bolbos ordinarios do alho, na grandeza e na forma, tinha de notavel o seguinte: Da parte superior do disco sahia um prolongamento solido e branco, que, atravessando pelo centro dos bolbos (dentes), terminava na parte superior por tres pequenos bolbos, perfeitamente organizados, e assentes sobre um disco semelhante ao de donde partia o prolongamento. Segundo cremos, d'aquelles bolbos desenvolver-se-hiam folhas como indicava o seu aspecto externo, e viria a produzir-se uma nova planta sobre a primeira que se nutriria como parasita.

*J. J. de Sousa Telles.*

PEÇAS OFFICIAES.

*Ministerio da Marinha e Ultramar. — Secção do Ultramar.*

Sendo acertado proceder aos ensaios proprios, para se conhecer a natureza de uma agua mineral achada na Ilha de S. Thomé; e Confiando, Sua Magestade A Rainha, que a Sociedade Pharmaceutica Lusitana se prestará, em beneficio publico, a dar uma nova demonstração do seu amor á sciencia e ao bem geral, practicando a conveniente analyse: Manda pela Secretaria d'Estado dos Negocios da Marinha e Ultramar remetter, á mesma Sociedade, um caixote com garrafas da mencionada agua; e Espera que a Sociedade, depois dos necessarios trabalhos, dará conta do resultado d'elles, junctando quaesquer considerações que lhe pareçam uteis. Paço das Necessidades, em 12 de Janeiro de 1850. — *Visconde de Castelloens.*

*Extracto das Actas das Sessões Litterarias.*

*Acta n.º 390, de 10 de Janeiro de 1850.*

Presidencia do Sr. J. D. Corrêa.

Pelas 6 horas da tarde abriu o Sr. Presidente a Sessão.

Foi lida e approvada a Acta da Sessão precedente.

O Sr. 1.º Secretario, deu conta da correspondencia e dos objectos doados; e bem assim participou haver fallecido o nosso Cousocio o Sr. J. J. Clamopin Durand. A Sociedade recebeu esta participação com bastante sentimento.

O Sr. A. E. Reis, agradeceu á Sociedade havel-o admittido para Socio, bem como nomeado seu Delegado na Provincia d'Angóla; e prometteu satisfazer os seus deveres.

Tiveram segundas leituras varios Pareceres de Commissões.

O Sr. J. J. S. Telles, disse que tinha apresentado uma Memoria sobre a necessidade de confeccionar uma Pharmacopeia verdadeiramente Portugueza, e que houve uma serie de circumstancias, que deu logar a não se saber qual tinha sido o fim da sua proposta; fallou da utilidade das questões scientificas, e ter-



Sociedade troque alguns numeros do Jornal da Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa por outros nossos. Deu-se a auctorisacão precisa, intendendo-se o Sr. Bibliothecario com o Sr. 1.<sup>o</sup> Secretario da Sociedade das Sciencias Medicas.

O Sr. A. Carvalho, como Director e Relator da Commissão de Direito Pharmaceutico, leu dous Pareceres; que ficaram para segunda leitura.

Foi lido, para entrar em discussão, o quesito:

« O que se intende por uma *Pharmacopeia* verdadeiramente Portuguesa? »

O Sr. J. J. S. Telles, disse que não se achando presente o nosso Consocio o Sr. J. D. Corrêa, e tendo-lhe dito este Sr. que desejava entrar na discussão, requeria o seu adiamento. Assim se decidiu.

Pelas 8  $\frac{1}{4}$  horas da noute se fechou a Sessão.

Antonio Joaquim d'Almeida,

2.<sup>o</sup> Secretario.



DIVERSIDADES.

Vida de Nicolan Lémery. Memoria do Sr. P. A. Cap.;  
continuada de pag. 40.

Em fim, quanto á terra ou *caput mortuum* que se chamava tambem *terra damnada*, longe de a considerar como morta e como inutil, accrescenta « podia-se ser mais caritativo com esta pobre terra, e não amaldiçoar tão facilmente. Mas por certo, a origem d'esta denominação vem d'algum Alchymista de mau humor, que não tendo achado o que procurava na terra e nós mistos, deu-lhe a sua maldição. »

A *Physica* de Lémery, é a da sua epocha. Elle a admittia provavelmente sem convicção, porque dizia em certa parte. « Todas essas bellas imaginações dos Philosophos, » a respeito dos principios da *Physica*, elevam o espirito » para grandes ideias, mas nada provam demonstrativamente. »

Estimulava-se algumas vezes, encontrar ao lado d'essas experiencias, tambem descriptas, tão exactas, tão

faceis a repetir, explicações assaz estranhas e mui hypotheticas.

Por mais bizarras, que todavia nos pareçam hoje estas doutrinas d'acção reciproca dos alcalis e dos acidos, estés formados de pontas mais ou menos penetrantes, aquelles munidos de poros mais ou menos abertos, aos quaes os primeiros se unem, se enfraquecem ou se destroem; é preciso convir que alli havia alguma cousa d'engenhoso e assaz crível no estado em que se achava então a Sciencia.

As theorias as mais certas são ellas outra cousa mais que a explicação a mais provavel, no momento dos phenomenos aos quaes ellas se applicam? Mas se nos apartamos d'esta doutrina menos singular, e o que é preciso admirar-a sem restricção no Curso de Chymica, é este o caminho que o Auctor soube escolher para ensino d'uma Sciencia, até então cheia d'irregularidades e ideias erroneas; e á sua linguagem simples e exacta, e jamais diffusa, sempre intelligivel, o cuidado que tinha em descrever as operações da maneira a mais clara, a mais exacta a dar os verdadeiros processos practicos, sem obscuridade, sem reticencias, a circundal-os de todos os detalhês que podessem esclarecer a sua execução. E' á critica subtil e espirituosa, com a qual bate os erros e enganos dos Alchymistas, são as reflexões judiciosas, em ajuda das quaes elle fazia justiça a certos medicamentos então muito em uso; dos quaes o emprego lhe parecia inutil ou aliás funesto.

« Não ha somente integridade d'espirito, disse Fontenelle, ha uma sorte de grandeza d'alma, despojada » assim d'uma falsa dignidade da Sciencia que se pro- » fessa. »

A fortuna e a gloria de Lémery, seguindo um curso rapido no tempo dos acontecimentos, cuja applicação é do alcance da historia, vieram detel-o na sua carreira. Seus Cursos publicos foram interrompidos por ordem. Continuou-os todavia em segredo, por algum tempo, e os estudantes se davam tanto mais ás suas lições, quanto elles receiavam de as vêr mais cedo ou mais tarde suspen-

didas irrevogavelmente. Foi com effeito o que logo aconteceu.

Proscripto, fugitivo, obrigado a abandonar o seu paiz que elle illustrava, seu ensino que aproveitava tão altamente á Sciencia, sua familia que deixava sem protecção e sem recursos; não voltou á França senão depois de muitos annos de desterro, e so encontrou mais tarde o socego de que tinha precisão para tornar aos seus trabalhos. Em fim melhores dias tinham voltado, reabriu seus estudos, que foram seguidos com uma ancia, que sua ausencia e suas desgraças não fizeram mais que excital-o; e, professando a Sciencia, exercendo a Medicina, practicando a Pharmacia, é que recolheu laboriosamente os materiaes de duas grandes obras: a *Pharmacopeia Universal* e o *Diccionario de Drogas simples*, que appareceu um anno de distancia um do outro, e que veio pôr o remate á sua reputação.

Estas duas obras formam com tudo uma so. O *Diccionario de Drogas* não é senão a quinta parte d'um *Curso geral de Pharmacia*, do qual as quatro primeiras partes compoem a *Pharmacopeia Universal*. Reunidos ao *Curso de Chymica*, publicado vinte e dous annos antes, mas que as edições successivas tinham cultivado instantemente ao Auctor os progressos da Sciencia, elles representam o quadro exacto e completo do estado dos conhecimentos chymicos e pharmaceuticos no fim do seculo 17.<sup>o</sup>

A *Pharmacopeia Universal* encerra não somente as Preparações Pharmaceuticas as mais respeitadas n'esse tempo em França, mas tambem a maior parte das melhores formulas contidas nas *Pharmacopeias Estrangeiras*. Cada uma d'estas formulas é examinada, e ratificada quando isso tem logar, comparada com formulas analogas e submettidas a observações practicas, relativas á sua execução. A longa experiencia do Auctor permittiu-lhe determinar, d'uma maneira exacta, as doses dos ingredientes, e os meios de tornar a preparação mais perfeita. Indica as misturas incompativeis, ou que possam dar logar a reacções chymicas entre os corpos componentes. Simplificou as

composições philopharmacas, e apartou d'ellas as drogas inuteis.

O primeiro, entre os Pharmacologistas, rejeitou o escrupulo deploravel, que até alli fazia conservar formulas evidentemente defeituosas ou irracionaes, em respeito e auctoridade dos antigos. Em fim, Lémery, que era tambem Medico, subjeitava as formulas a um novo exame, debaixo da relação da influencia medica, e assim dava ao seu livro um grau d'utilidade e importancia, que explica o prodigioso successo que o acolheu á sua apparição, e a auctoridade que conservou por um periodo tão extenso.

Se, para o fim do seculo seguinte, os progressos da Chymica e os da Arte Pharmaceutica deixaram um pouco atrasadas as duas primeiras Obras de Lémery, não aconteceu o mesmo a respeito do seu *Diccionario Universal de Drogas simples*. Este livro, fructo d'immensos estudos, resumia da maneira a mais feliz tudo que os escriptos que o haviam precedido, tudo que as relações dos Viajantes e trabalhos dos Naturalistas tinham produzido até alli, de mais importante sobre a historia das substancias medicinaes.

Não nos deve admirar pois o ver conservar uma ordem eminente entre obras analogas, ainda hoje que os trabalhos de primeira ordem teem elevado o conhecimento das drogas acima de todos os ramos da Historia Natural.

A Obra de Lémery é e será sempre procurada pelos homens que, da Materia Medica, fazem o objecto d'um estudo serio e profundo.

Centro de Documentação Farmacêutica  
da Ordem dos Farmacêuticos

SUMMARIO.

Observações apologeticas ácerca dos xaropes; pelo Sr. H. J. S. Telles, 41. — Pomada da Viuva Farinier, 47. — Formulas extrahidas das Pharmacopeias estrangeiras, 48. — Observações geraes sobre os preparados de musgo islandico; pelo Sr. Bouchardat, 51. — Relatorio da primeira parte dos trabalhos da Commissão especial encarregada da Analyse das Aguas Mineraes do Reino (continuação), 56. — Aguas do Chafariz d'El-Rei, 57 e 60. — Fabricação do sulphato de quinina sem alcohol, 65. — Bolbo anormal; pelo Sr. J. J. S. Telles, 66. — Portaria do Ministerio da Marinha e Ultramar, convidando a Sociedade a analysar uma agua-mineral achada na Ilha de S. Thomé, 67. — Extracto das Actas das Sessões Literarias, 67. — Vida de Nicolau Lémery (continuação), 69.

## SAÚDE PUBLICA.

### Remedio contra a chlorosa.

D'esde algum tempo, que certos praticos de Paris, empregam, e com muito bom exito contra a chlorosa, um methodo de tractamento particular, communicado por um Medico de Provincia á Academia Real de Medicina.

Este tractamento, bastante simples, e que parece reunir illimitada maioria de casos (ao menos o que a observação tem mostrado aqui), consiste na administração das pilulas seguintes:

Sub-carbonato de potassa. . . . . 2 oitavas = 8 grammas.

Sulphato de ferro em crystaes bem

puros. . . . . 2 „ = 8 „

Trituram-se junctos estes dous saes, e fazem-se, segundo a arte, quarenta e oito pilulas bem eguaes e praticadas.

Dar-se-ha logo uma d'estas pilulas de manhã e outra de tarde, e continuar-se-ha a tomar successivamente tres, quatro, e cinco por dia; mas nunca deve exceder aquelle numero. Por cima de cada pilula, os doentes beberão uma chicara d'um ligeiro infuso de gomos de pinheiro manso do Norte.

A quantidade d'estes gomos, que deve ser empregada durante a administração das quarenta e oito pilulas, é de meia onça somente.

De ordinario este tractamento não precisa continuar mais do que trinta dias; e este tempo é sufficiente para desaparecer totalmente a enfermidade. Do que fica dito se vê quanto esta nova maneira de medicar é preferivel a todas quantas se teem pôsto em uso até aqui.

Mas uma observação muito essencial tenho a fazer, e é que, na preparação das pilulas, exige-se um cuidado especial da parte do Pharmaceutico. Os dous saes, triturados um com o outro, liquidam-se de prompto, em razão

da dobrada decomposição que tem lugar; o acido carbonico, do sub-carbonato, passa para o oxydo de ferro do sulphato, e forma um carbonato de ferro insolavel, em quanto que o acido sulphurico se une á potassa para dar principio a um sulphato. Mas este ultimo sal não pode absorver toda a agua da crystallisação que primitivamente continham as duas substancias misturadas; e então resulta um liquido abundante que precisa da addição de grande quantidade de po absorvente (alcaçús, althea, gomma arabica), se houvermos de querer immediatamente dividir o medicamento.

D'esta maneira as pilulas ficam volumosas, o que não convém; por isso é indispensavel proceder de outro modo na sua preparação. Consegue-se dissipar a agua em excesso por uma prolongada trituração, d'uma hora a uma e meia pouco mais ou menos; e, logo que a massa se approxime á consistencia desejada, ajuncta-se-lhe 18 grãos (1 gramma) de gomma arabica em po (para as porções acima indicadas); mistura-se, e, intimamente ligados, se divide em pilulas, que se pratearão immediatamente, porque, demorando-se esta ultima operação, é difficiloso o fazerem-se, por causa da dureza que de prompto adquire a massa pilular.

Procura-se substituir esta preparação por as pilulas preparadas directamente com o carbonato de ferro e o sulphato de potassa, em proporções semelhantes; mas os resultados therapeuticos teem sido todos differentes. ¿ A que será isto devido? Nós não o sabemos; a experiencia o decidirá.

#### *Correspondencia.*

Beaucaire, em 1832. — Meu Senhor e honrado Collega. — Se bem que, desde pouco tempo subscriptor do vosso excellente Jornal, todavia quero rectificar um artigo inserido em o numero do mez de Janeiro de 1832, a pagina 25, relativo a um remedio contra a chlorosa.

Ex-aqui, Senhor, como o Auctor formúla o seu medicamento:

Sub-carbonato de potassa..... }  
Sulphato de ferro perfeitamente } ãa 1 onça = 32 gram.  
pulverisado .....

Trituram-se, em um almofariz de marmore, com mão de pau, estas duas substancias, e pouco e pouco junctase uma pequena quantidade de mucilagem de gomma alcatira, continuando a triturar fortemente. A decomposição dos dous saes tem logar, e resulta que a agua da crystallisação amollece a massa pilular, mas que desaparece em pouco mais ou menos de meia hora de trituração. Divide-se então esta massa em noventa e seis pilulas eguaes, que se cobrem levemente de po d'alcaçús, para impedir que ellas se reunam. Depois d'um ensaio que fiz creio que é difficil o prateal-as.

Vós, Senhor, vêdes que a dose, por cada pilula, foi diminuida em metade pelo vosso collaborador; a dose diaria tambem está na mesma proporção, pois que pensaes que se não deve exceder o numero de cinco pilulas, taes como as formulaes; em quanto que, a dose aconselhada pelo Auctor, é gradualmente augmentada até nove por dia, tanto quanto eu mesmo tenho prescripto, sem que jamais tenha sobrevindo algum inconveniente.

Em resultado vós não aconselhaes senão a quarta parte da dose, e facilmente podeis avaliar a diminuição dos effeitos que se deve esperar d'esta maneira de medicar.

Demais, este remedio heroico, que seu Auctor, o Sr. Blaud, Medico n'esta Cidade, emprega ha mais de tres annos sem experimentar um so inconveniente, e que em uma viagem que fez a Paris o communicou a muitos distinctos Practicos da Capital, e que sempre tem produzido prosperos effeitos, foi submettido á Academia Real de Medicina, em os mezes de Novembro e Dezembro de 1831, pelo Sr. de Lens, com uã Memoria, em a qual o Auctor desinvolveu as suas ideias sôbre as affecções chloroticas, e sobre o emprego do seu remedio.

Esta Memoria está registrada em a Revista Medica do mez de Março de 1832. Facil vos será, Senhor, verificar a exactidão das minhas rectificações.

O Sr. Blaud, escreveu do mesmo modo ao Redactor do Boletim Geral de Therapeutica Medica e Cirurgica, uma carta que está inserida em o numero do dia 15 do mez de Março de 1832; a fim de rectificar um artigo do Sr. Cottureau, impresso a pagina 290 do primeiro volume d'esta collecção.

O infuso de gomos de pinheiro manso do Norte, não é aconselhada pelo Auctor. O medicamento tem uma acção tão prompta, que é inutil dar-lhe um auxiliar.

O tempo que deve durar o tractamento não foi determinado de um modo fixo.

O Sr. Blaud recommenda a continuação do emprego das pilulas, tanto tempo quanto convier para obter uma cura perfeita, diminuindo todavia as doses da maneira que elle indica na Memoria de que eu vos fallei acima. É este o unico meio de evitar recalidas que necessitam d'um novo tractamento e muito prolongado. Sobre grande numero d'observações, o tractamento que mais tem durado, não tem excedido de trinta e cinco a quarenta dias.

No ultimo paragrapho do vosso artigo pergunta-se, por que razão as pilulas, preparadas com o carbonato de ferro e o sulphato de potassa, não produzem os mesmos effectos. Não haverá, Senhor, n'esta maneira de formular, uma dobrada decomposição em sentido contrario d'aquella que tem lugar em a formula que indiquei no principio da minha carta, e por consequencia a formação do sub-carbonato de potassa e do sulphato de ferro? Ou antes, não será aquillo devido a não ser o carbonato de ferro assim administrado, depois de todo formado, tão dividido, tão absorvente, em uma palavra, a não ter todas as propriedades que aquelle que é formado instantaneamente por a mistura das substancias indicadas em a formula?

Creio, Senhor Redactor, que será util que vós deis conhecimento d'estas observações aos numerosos leitores do vosso Jornal, para que os bons effectos d'este tractamento em um genero de enfermidade, que resiste quasi sempre a todos os esforços d'arte, sejam bem conhecidos de todos os Medicos.

Dignai-vos, Senhor Redactor, desculpar a extensão ex-

cessiva da minha carta, e acolher os sentimentos distinctos com os quaes eu tenho a honra de ser — O vosso todo dedicado Collega. — *Thiophilo Guet*, D. M.

Em o *Journal des Connaissances Usuelles*, deparámos com as duas cartas que damos traduzidas, por tractarem da preparação das pilulas de sulphato de ferro e de carbonato de potassa de Bland. Depois do que, a respeito d'aquellas pilulas, mui judiciosamente se tem publicado no *Jornal da Sociedade Pharmaceutica Lusitana*, com a publicidade das cartas não temos outra cousa em vista senão, o dar mais alguma noticia do que, ácerca d'aquelle medicamento, tem dito alguns Escriptores.

*A. de Sousa Dias.*

**Efficacia da tinctura de digitalis, em altas doses, em certos casos de tísica pulmonar; pelo Sr. Faure.**

Refere-nos, o Sr. Faure, duas curas de tísica pulmonar, nas quaes se principiou a administração da tinctura de digitalis, na dose de 20 gottas em duas onças de julepo, tomadas em 24 horas, e augmentando successivamente 10 gottas por dia, áquella dose, chegando um enfermo a tomar 200, e outros 240; de modo que, o primeiro, usou da tinctura pelo espaço de 28 dias, e o segundo 32. Em ambos elles desappareceram os phenomenos morbosos, notaveis pela febre continua com accrescimos, suores nocturnos, necessidade de estar de cama, e outros symptomas de tísica adiantada.

O regimen foi tão reparador, como o podia supportar o estomago; bom caldo, aves, carne assada, e vinho aguado.

A tinctura de digitalis não produziu accidente algum, e o appetite se restabeleceu promptamente.

A primeira cura, conta ja quatro annos de data, e a segunda dezoito mezes; sem que os pacientes tenham apresentado o menor symptoma de tísica, circumstancia que comprova serem aquellas curas positivas.

Magennis, foi o primeiro, se bem nos recordamos, que

fallou da tinctura de digitalis em 1799; e Bayle, sob sua auctoridade, a prescreveu na alta dose, de 180 gottas diarias, e ainda maior, queremos dizer, até causar vertigens e nauseas.

A digitalis, em substancia, tem sido empregada em pequenas doses, como sedativa da circulação, por Frank e Ferriar; sem embargo, os Medicos italianos, tiraram d'ella grandes vantagens em altas doses, como contra-estimulante. Warin, Beddoes, Drak, e Darwin, Vithe-ring, a teem empregado tambem nas hydropisias e anasarca. Hufeland, Quarin, e Baumes, a recommendaram como anti-escrophulosa; e Scott, de Liverpool, como anti-epileptica.

(*El Telégrafo Medico de Barcelona.*)

Trad. pelo Sr. H. J. S. Telles.

*Nota do Traductor ao artigo supra.*

«Digitalis purpurea ou dedaleira, é uma planta mui recommendavel na Therapeutica; pertence á didynamia angiospermia, e á familia das escrophularias. Para que se não invalidem as suas heroicas virtudes, illudindo a expectativa dos practicos, convém que se tenha toda a cautela com a epocha da sua colheita, methodo de seccação e conservação, e mesmo redução a po; devendo empregar so as folhas privadas de toda a parte lenhosa.

A formula da tinctura, usada entre nós, é a de Darwin; as gottas podem ser mais ou menos volumosas, segundo o diametro da bocca do vidro de que se tiram.

Todas estas precauções, e tudo quanto ha de mais preciso acerca d'este importante medicamento, e mesmo sobre a sophisticação da digitalis, se acha mui bem exarado no 1.º tomo da Pharmacoopia das Pharmacoopias, pag. 486, e seguintes. E' uma doutrina que todo o Pharmaceutico deve sempre trazer decorada: em todos os medicamentos, mormente os heroicos, deve o Pharmaceutico ter muita vigilancia; aliás o Clinico nunca poderá contar com os resultados de suas boas applicações, e o doente perecerá victima da nossa ignorancia.»

## PHARMACIA.

**Reflexões crítico-pharmaceuticas, ácerca da possibilidade que pode dar-se de alterar a natureza de um medicamento, querendo, pela associação de certos agentes, e disfarçar-lhe o sabor desagradavel; pelo Membro Benemerito o Sr. Henrique José de Sousa Telles.**

Ha questões mais ou menos scientificas, e pelas quaes passamos, algumas vezes, em nossos estudos demasiadamente apressados. Mesmo em as nossas conferencias e discussões de momento, aliás tão interessantes e instructivas como costumam ser, nem sempre se esclarece sufficientemente o espirito, por isso que tem de abranger, em sua comprehensão, muitas e variadas especies, que lhe escapam muitas vezes nas bellezas da elocução, e até porque a nossa intelligencia nem sempre está disposta a abraçar opiniões, sobre que não tem podido meditar bastante, submittendo-as a uma prudente definição. É preciso, e mui conveniente, em materias controversas, pensar no remanso do espirito, fora do movimento exaltado e tumultuoso das questões, e analysar mesmo o objecto, cuja verdade intrinseca pertendemos penetrar. So assim as nossas ideias, livres, francas, e explicitas, poderão caminhar conscienciosas, e attingir, com assisada e judiciosa critica, o objecto em questão. Isto supposto, entraremos no assumpto das nossas observações.

Entre os muitos medicamentos de que a Therapeutica, hoje em dia, pode dispôr, encontram-se alguns de mais relevante merecimento, e de indispensavel applicação em varios casos, mas cujo sabor desagradavel os torna mui repugnantes aos enfermos; occasionando, por certo modo, bastante embaraço aos Clinicos em sua practica.

Alguns Auctores procuraram indagar os meios de modificar, e tornar mais practicaveis, aquelles medicamentos, corrigindo ou disfarçando o seu dissabor, para que mais commodamente se podessem aproveitar os seus beneficios.

Ora, como n'estes casos senão tracta de simples correctivos, mas sim de pôr em contacto agentes que parecem obrar uns sobre os outros, de uma maneira particular, e mesmo por factos que adiante se expõem; occorreu-nos que, aquellas modificações que assim produziam, nos corpos modificados, um sabor differente, podiam tambem mudar, ou pelo menos attenuar as propriedades medicamentosas do preparado, em relação á molestia para que se applica, pela possibilidade, aliás mui provavel, de uma ou mais reacções, que podem formar algum precipitado, ou mesmo novos compostos, cujo sabor seja realmente distincto do primeiro. Por quanto não podêmos nem devemos admittir, que elle seja o effeito de um novo machinismo ou arrançamento molecular, cuja mudança impreccione diversamente o paladar cujas sensações, n'este caso, deviam variar segundo as superficies que tocassem a sua séde.

Nem podêmos convir que, se um corpo, d'antes amargo, apresenta depois um sabor differente, seja porque a sua organização physica tenha mudado; e por isso opere sobre os órgãos diversas sensações mechanicas. A Chymica, em suas leis, ensina-nos o contrario; e, tão claramente, que seria loucura duvidal-o.

A doutrina em questão, podia talvez reputar-se um pouco relacionada com a Physiologia; porém, o que a este respeito nos dizem, Milne Edwards, Adelon, e outros Auctores, refere-se aos actos de sensibilidade organica, que nada dependem da forma dos corpos, nem de suas moleculas: logo, na mudança tão sensivel do sabor, em algumas substancias, pelo contacto immediato d'outras, deve necessariamente influir uma razão chymica, cujas analogias, e o simples raciocinio, podem, até certo ponto, guiar-nos, em quanto as experiencias assim nos não confirmam.

É verdade que, pequenas modificações, como as que produzem alguns correctivos, não podem influir mudanças sensiveis, nem parecem, *por em quanto*, estar sujeitas, ou serem o effeito de reacções sobre o objecto modificado;

e, por consêguinte, ficam, com justa razão, muito áquem do predomínio, mais ou menos dubio, que se pode attribuir aos agentes d'uma acção mais particular, e que não podem perder um sabor que lhes é proprio, sem que um outro agente reaja sobre elle, de maneira particular, e propria a effectuar aquella mudança.

Observamos tambem que, o Sr. Ludomir Combes, fazendo profiosos estudos para alcançar o meio de tirar, ao sulphato de magnesia, o sabor amargo, achou no infuso do café, e mesmo no tannino propriamente dito, o fim e conclusão dos seus desejos; e accrescenta que conhecera, por suas experiencias, que o sal não perdia alguma de suas propriedades, nem soffria decomposição alguma, parcial ou total, por quanto diz elle: *sendo a acção mais physiologica do que chymica, o amargo do sal apenas se acha tão somente disfarçado pelo sabor do tannino.* (\*) O mesmo Sr. Ludomir, quiz provar aquella asserção com um facto mencionado no citado artigo, e que parece destruir a ideia da formação de um tannato.

Os Srs., Desportes e Constancio, obtiveram sobre o sulphato de magnesia as mesmas vantagens, junctando, a um soluto d'aquelle sal, tanto carbonato da mesma base quanto elle pôdesse dissolver, e nós confirmamos pessoalmente, um e outro facto, porque os realisámos.

No primeiro caso não conhecemos o sabor amargo do sal, nem o adstringente do tannino que poderia ter o café, e que o Sr. Ludomir diz que encubria aquelle sabor, mas notamos um gosto dubio, ou neutro, entre ambos, em que a adstringencia do tannino podia ser disfarçada pelo assucar; o certo é que, o sabor predominante, não era lisonjeiro, por isso que se tornava ou pouco nauseabundo quanto aos effeitos, foram os que se podiam esperar de uma onça de sulphato, que foi a quantidade empregada, e não houve irritação alguma.

Quanto ao segundo, sendo o carbonato de magnesia tão pouco soluvel em agua, ficou mui pequena quantidade

(\*) Vide. o n.º 3.º do tomo 5.º da 1.ª Serie do Jornal da Sociedade, pag. 55 e seguintes.

d'elle no soluto, mas effectivamente estava bastante em suspensão, porque coámos e não filtrámos o liquido. O sabor era menos repugnante, e os effectos foram identicos. Ora, não tendo o carbonato sabor algum, que encobrisse o do sulphato, como o tannino no primeiro caso, parece que razoavelmente podêmos convir, em que o sal, n'um e n'outro caso, soffre alguma modificação chymica ou mechanica, pelo menos parcial e temporaria, ainda que ella não altere sensivelmente a composição chymica; a não admittirmos uma modificação operada pela mistura, nos *orgãos da gustação.*

Estes mesmos factos se podem dar ácerca d'outros preparados; tanto assim, que, o Sr. Estanislau Martins, publicou um pequeno artigo no Jornal de Chymica Medica de Pharmacia e Toxicologia, no qual mostra que: *o sulphato de quinina, posto em contacto com o infuso do café, soffre uma alteração que deve modificar suas propriedades medicinaes.*

Tendo o Sr. Desvouvers, diz elle, demonstrado que a adição d'um infuso aquoso de café torrado, destrua o sabor amargo ao sulphato de quinina (propriedade que parece ter ja sido conhecida na Corsega, e na Martinica), não podem os practicos admittir este meio, sem que primeiro se certifiquem se o sal soffre, pura ou simplesmente, uã modificação de sabor, sem perder alguma de suas propriedades febrifugas; por quanto, alguns ensaios que haviamos feito a similhante respeito, me fizeram reconhecer que, quando se deita o sulphato em po n'um infuso aquoso de café, se opera no mesmo instante uma reacção; parte da quinina forma, com o tannino do café, uma combinação insolúvel, e outra parte do sal fica encoberta no liquido, pelo oleo graxo e o extractivo vegetal, e uma terceira parte, finalmente, é dissolvida pelos acidos livres que se têm formado na infusão.

Segundo o mesmo Sr. Estanislau Martins, não é so o café que possui a propriedade de precipitar os dissolutos do sulphato de quinina. O cha forma, tambem com este sal, uma combinação insolúvel, que permite até o

poder-se apreciar o cha falsificado pelas flores indigenas, comparando-o com outro conhecidamente puro. O infuso do cha de boa qualidade, contendo bastante tannino, produz um precipitado abundante, apenas se lhe deita em cima algumas gottas de um soluto aquoso de sulphato de quinina, em tanto que o precipitado é quasi nullo com o cha falsificado.

O Sr. Thélou, publicou tambem as suas experiencias feitas com o cha, sobre o sulphato de quinina, e cujo artigo, traduzido pelo Sr. J. D. Corrêa, se publicou no tomo 5.º da 1.ª Serie do Jornal da Sociedade; porém, o trabalho do Sr. Thélou, so diz respeito á privação do sabor amargo do sulphato, e nada offerece acerca da sua modificação: e quem sabe se, a virtude febrifuga d'este interessante preparado, reside effectivamente no principio amargo tal e qual a sua composição primitiva o apresenta?

Nós vemos que quasi todos os febrifugos são amargos, ou quasi, todos os amargos de certa natureza, são os febrifugos.

Escrevendo estas observações, tivemos em vista chamar a attenção dos Clinicos sobre as particularidades mencionadas. Seria mui conveniente reiterar as experiencias, trabalho a que nos não podemos prestar, por carecermos de tempo para satisfazer aos encargos de que nos achamos incumbidos.

As observações e experiencias do Sr. Estanislaou Martins, sobre o sulphato de quinina, comprovam as suspeitas que havíamos tido da formação de um tannato insolúvel; e não estamos livres da suspeita, de eguaes factos, sempre que se associam diversas substancias, cujas reacções, formando novos compostos, podem influir bastante, pro ou contra, no bom resultado de suas applicações.

**Termometro alcoométrico, denominado Ebulloscopio hastado do Sr. Conaty. (\*)**

Este instrumento, approvado pela Academia das Sciencias em seu Relatorio ao Ministro da Fazenda, em data

(\*) Este instrumento existe no Gabinete de Pharmacia d'esta Sociedade.

de 16 d'Outubro de 1848, e depois adoptado pela Prefeitura de Policia, Casas Fiscaes de Paris onde se recebem tributos dos liquidos despachados (*Octrois*), pelo Ministro da Marinha, Administração dos Hospitaes e Hospicios Civis do Sena, pela Eschola de Pharmacia, e outras Estações publicas; serve para determinar em alguns minutos, *sem distillação*, e simplesmente por meio da ebullicão, a quantidade de alcohol contido em *todos os liquidos espirituosos*, taes como vinhos, cervejas, cidras, peradas, liquores, ratafias, aguas-ardentes, &c.

O seu fim é, ou fornecer ao Governo e ao Commercio um meio directo, simples e facil, de impedir as numerosas fraudes que se commettem, occultando a verdadeira qualidade dos alcohoes pela mistura do assucar ou outro sal que altere seu peso especifico, ou descobrir os grandes abusos practicados nos direitos dos vinhos (addições d'alcohol), que prejudicam ao mesmo tempo os rendimentos do Estado, os interesses da agricultura, do commercio, e do consumidor.

E com effeito, o uso d'este instrumento é util:

1.º *Nas administrações*, para evitar a fraude, collocando-as no estado d'apreciar a riqueza alcoolica de todos os liquidos espirituosos, quasi na razão d'um centesimo, quando aliás podem ser enganadas 10, 15, 20 graus, e mais, com os instrumentos actualmente em practica.

2.º *A' agricultura*, facilitando maior consumo de productos vinicolas, tão frequentemente substituidos por vinhos que d'elles so tem o nome.

3.º *Ao commercio*, como regulador e garantia nas transacções commerciaes, procurando aos proprietarios e aos distilladores uma guia, pela qual possam previamente determinar a quantidade d'alcohol contido em seus vinhos.

4.º *Ao consumidor*, descobrindo a falsificação dos vinhos que em tão grande escala se practica; principalmente nos grandes centros de consumo, em gravissimo detrimento da saúde publica.

*Extracto do Relatorio do Dr. ANDREW URE, Membro da Sociedade Real de Londres, e Chymico em Chefe da Administracão Inglesa.*

É um facto admittido pela sciencia, que a ebullicão da agua é *demorada*, logo que ella contém saes em dissolução; mas, por experiencias recentes feitas com o ebullioscopio hasteado, prova-se que a temperatura da ebullicão dos *liquidos espirituosos* é proporcional á quantidade de alcohol que os mesmos contem, quaesquer que sejam as misturas que se lhes tenham feito com o assucar ou outro sal.

Se a um liquido espirituoso se junctar certa porção d'assucar ou sal (principaes substancias empregadas para falsificar), não influirá sensivelmente no grau d'ebullicão; entretanto que, com os areometros vulgares, o grau indicado seria consideravelmente mudado pela mais pequena addição d'um d'estes corpos.

*Resultado das experiencias comparativas feitas officialmente pela Eschola de Pharmacia de Paris, em 12 de Dezembro de 1848, com o thermometro alcoometrico centesimal de GAY-LUSSAC e o apparelho distillatorio.*

	Alcohometro centesimal de Gay-Lussac.	Thermometro alcoometrico.	Distillação.
Vinho tincto. . . . .	0,00	9,50	9,00
Idem . . . . .	0,00	9,40	9,00
Idem . . . . .	0,00	8,75	8,50
Alcohol de 20° misturado com acetato de potassa.	13,00	20,05	20,00
Idem de 20° misturado com chlorureto de cal.	13,00	20,05	20,00
Idem de 20° misturado com assucar.	0,00	20,05	20,00

Vê-se que n'estas experiencias o alcohometro centesimal é completamente deficiente.

*Auto das experiencias feitas no Laboratorio do Sr. A. CHEVALLIER, Cavalheiro da Legião de Honra, a requerimento do Commercio de Bercy.*

Os abaixo assignados: Chevallier, Professor de Chymica na Eschola de Pharmacia, Membro do Conselho de Saúde; Depaquit e Camusat, Correctores-provadores jurados de vinhos e aguas-ardentes; Castérat, Chefe do Serviço da prova dos liquores da Cidade de Paris, reuniram-se no Laboratorio do Sr. Chevallier, Caes de S. Miguel n.º 25, afim de comparar, com o apparelho distillatorio, o novo instrumento inventado pelos Srs. Lerebours e Secretan, Opticos do Observatório, denominado thermometro alcohometrico aperfeçoado ou *ebullioscopio hasteado*, destinado a reconhecer mui promptamente (por meio da ebullição) a quantidade alcoolica de todos os liquidos espirituosos.

As experiencias comparativas principiaram ás 9 horas e 20 minutos, e acabaram pelas do ebullioscopio ás 10 ½ (durando cada experiencia, pouco mais ou menos, 10 minutos); e, com o apparelho distillatorio, começaram ás 2 horas e 30 minutos da tarde.

	Ebullioscopio,	Distillação.
	⎵	⎵
1.ª Experiencia, com vinho da Madeira, deu . . . . .	24,50	20,33
2.ª Idem com vinho de Marseilha, da colheita de 1847. . . . .	13,00	13,00
3.ª Idem com vinho tincto de Bordeos, da mesma colheita. . . . .	10,00	10,00
4.ª Idem com vinho tincto do Cher, do referido anno. . . . .	07,25	07,20

Para conhecer a differença que existe entre a qualidade indicada pela distillação e o ebullioscopio na primeira experiencia acima, e bem assim para verificar qual d'estes dous apparelhos dava a verdadeira qualidade, cortámos o predito vinho da Madeira com metade d'agua, e obtivemos os resultados seguintes:

O thermometro alcohometrico deu 12,25, *exactamente metade*, da gradação que tinha apresentado antes da mistura.

O aparelho distillatorio deu, n'esta segunda experiencia, 23,33, em vez de 20,33 achados na primeira.

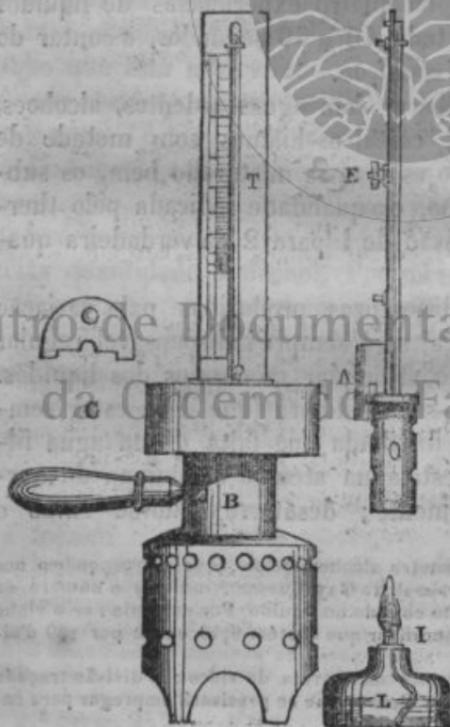
Na verdade é evidente, que todas as vezes que um vinho abunda em alcohol, torna-se necessario demorar mais a distillação ou, o que vale o mesmo, lançar agua no liquido.

Os abaixo-assignados ficaram summamente satisfeitos dos resultados, obtidos por suas experiencias, feitas com muito cuidado; e julgam que o thermometro alcoometrico pode substituir vantajosamente a operação longa, e por assim dizer scientifica da distillação.

Paris, em 18 de Janeiro de 1849.

Assignados, A. CHEVALLIER, DEPAQUIT, CAMUSAT, CASTÉRAT.

*Descripção e uso do instrumento.*



1.º Encher-se-ha d'espírito de vinho a alampada L, havendo cuidado de nunca dar á torcida mais altura que a do pequeno indicador I, afim de que a chamma não seja muito forte; e que a ebullição do liquido se faça regular.

2.º Fixar-se-ha o thermometro T, por meio da aza A, sobre a borda da caldeira B; que, enchendo-se do liquido que se quer ensaiar, se cobrirá com a tampa C, depois se collocará o aparelho só-

bre a alampada. Passados 8 ou 10 minutos, á medida que o liquido se vae aquecendo, a columna de mercurio principia a subir no tubo do thermometro; e, quando está *em completa ebullição*, o mercurio pára; então se tira a tampa C, e, o grau que n'esse momento indica o thermometro, é a *verdadeira qualidade do liquido*: apaga-se immediatamente a alampada, e se tira o thermometro de cima da caldeira, que se vasa, segurando o aparelho pelo cabo de pau. Cada operação exige 10 a 12 minutos.

Quando se opera com vinhos ou cervejas, é preciso não confundir a espuma que se forma, ao principio, sôbre a caldeira, com as ondas limpidas e mais fortes que vêm cobrir a tampa C, *no momento de completa ebullição*.

O *ponto de suspensão* do mercurio, que corresponde á completa ebullição, será determinado muito facil e exactamente depois de tres ou quatro experiencias de liquidos differentes; dura com tudo 40 a 50 segundos, a contar do momento *da completa ebullição*.

Se houvessemos d'operar com aguas-ardentes, alcohoes, ou liquores fortes (1), cortal-os-hiamos com metade de agua (2); e, depois de os termos misturado bem, os submetteriamos á ebullição, e a qualidade indicada pelo thermometro estaria na razão de 1 para 2 da verdadeira qualidade.

Para prevenir as differenças produzidas pela variação da pressão atmospherica, será sempre indispensavel regular o instrumento antes de principiar os ensaios dos liquidos. Eis a maneira: enche-se a caldeira (que deve estar sempre limpa) com agua distillada (na falta d'esta agua filtrada), e se faz ferver esta agua até que a columna de mercurio suspenda inteiramente; desatarraxando-se então o

(1) Os graus do thermometro alcohométrico, que correspondem aos graus do alcohometro centesimal de Gay-Lussac, indicam o numero de centesimos d'alcohol absoluto contido no liquido. Por exemplo: se o vinho marca 8,10 ou 12 graus, quer dizer que contém 8,10 ou 12 por 100 d'alcohol.

(2) Para isto, nos serviremos da proveta de vidro; a divisão traçada indica a quantidade d'agua e d'alcohol que se precisará empregar para encher a caldeira.

pequeno parafuso E, se fará subir ou descer a escala movel, até que o ponto de zero (3) corresponda exactamente ao nivel da columna de mercurio, e se fixará a dita escala, tornando a apertar o parafuso.

### *Utilidade geral do thermometro alcoometrico.*

#### *Util ao Commercio e á Agricultura.*

*Negociantes.* O negociante deixa de ser victima em suas transacções commerciaes. Conhecendo a riqueza alcoolica dos vinhos que compra, fixará mais precisamente o seu preço; e se certificará egualmente, ao recebê-los nas suas adegas, que não foram falsificados no transporte, pelo exame comparativo d'elles com as respectivas amostras.

*Adegas na Cidade.* O negociante que tem adegas na cidade é obrigado a confiar-se a caixeiros. Pelo exame do vinho que está nos cangirões, poderá, inesperadamente e a cada instante, assegurar-se de que os freguezes não são enganados, e que o caixeiro não commette fraudes.

*Vinhagem.* Os vinhos de muitas localidades soffrem o transporte, quer por terra quer por mar; e nem mesmo podem conservar-se nas adegas, sem se aquecerem com certa quantidade d'alcohol. Por meio do thermometro alcoometrico, se conhecerá a porção necessaria d'alcohol que se deve lançar nos vinhos, ou para o não empregar inutilmente, ou mesmo para não ultrapassar a quantidade fixada por lei, em fim, para se assegurar de que as pessoas, occupadas n'esta operação, se não utilisaram de parte do alcohol.

(3) Se, em virtude da transposição, a columna de mercurio se achar separada da haste do thermometro, facilmente se unirá, agitando o thermometro, ou antes aquecendo ligeiramente o cylindro do mercurio por meio da alampada d'espírito de vinho, até que as partes separadas venham reunir-se na pequena cavidade da parte superior do thermometro. Deixando-o depois arrefecer, a columna de mercurio descerá sem se dividir em seu reservatorio.

**Distilladores.** O vinho não é o unico liquido que se distilla para extrahir o alcohol; pois tambem se distillam para esse fim a cerveja, a cidra, e um grande numero d'outros liquidos espirituosos. O thermometro alcohemétrico indicará, com precisão, a riqueza alcoholica de todos estes liquidos, e por consequencia o producto que se obterá pela distillação, e junctamente o preço pelo qual se pode comprar.

**Os negociantes de vinho, donos de casas de pasto, pastelleiros, directores de collegios, &c. &c.,** tambem acharão grande vantagem no uso d'este instrumento; ou seja para a compra de seus vinhos e outros liquores, ou para se convencerem da fidelidade de seus despenseiros.

**Agricultura.** O proprietario de vinhas conhecerá, cada anno, a riqueza de seus vinhos; o que lhe facilitará a fixação do preço de venda.

**Util ás Cadéas, Hospitaes, Exercitos de Terra e de Mar.**

**Cadéas e Hospitaes.** Como todos estes estabelecimentos se fornecem de vinho por contracto, poderão os respectivos Directores, por meio d'um ensaio comparativo das amostras e do vinho effectivamente fornecido, assegurar-se de que o fornecedor cumpriu o seu contracto; e bem assim, com o auxilio do mesmo instrumento, poderão certificar-se de que o despenseiro não trahiua sua confiança, lançando agua no vinho.

**Aos Exercitos de Terra e de Mar.** Todas as vantagens que acabamos de mostrar, em quanto ás Cadéas e Hospitaes, podem igualmente applicar-se aos vinhos que os fornecedores ou commissarios dão ás tropas em campanha ou de guarnição.

*Mapa indicativo do numero d'hectolitros de vinho, que é necessario queimar, para obter um hectolitro d'alcohol de 85° ou  $\frac{3}{4}$ , segundo os graus indicados pelo thermometro alcohometrico.*

Indicação do thermometro alcohometrico, determinando o numero de centesimos d'alcohol puro ou absoluto, que contém o vinho submetido á experiencia.	Indicação do numero correspondente de centesimos d'alcohol de 85° ( $\frac{3}{4}$ ), que contém o vinho ensaiado.	Indicação da quantidade d'hectolitros de vinho, necessario para fazer um hectolitro d'alcohol de 85° ( $\frac{3}{4}$ ), para cada grau do thermometro alcohometrico.	
		hectolitros.	litros.
1°	1,21	82	64
2°	2,42	41	32
3°	3,63	27	55
4°	4,84	20	66
5°	6,05	16	53
6°	7,26	13	77
7°	8,47	11	81
8°	9,68	10	33
9°	10,89	9	18
10°	12,10	8	26
11°	13,31	7	51
12°	14,52	6	89
13°	15,73	6	36
14°	16,94	5	90
15°	18,15	5	51
16°	19,36	5	17
17°	20,57	4	86
18°	21,78	4	59
19°	22,99	4	35
20°	24,20	4	13

**EXEMPLO.**

Para um vinho que apresenta 10° no thermometro alcohometrico, seria necessario queimar 8 hectolitros, 26 litros para obter 1 hectolitro d'alcohol de 85° ou  $\frac{3}{4}$ , e assim successivamente.

Trad. por J. D. Corrêa.

Sobre a preparação dos xaropes de valeriana e de genciana; pelo Sr. Maillatre, Pharmaceutico em Batignolles.

O *modus faciendi* dado pelo Codex, para a preparação d'estes xaropes, parece-me podér ser completamente mudado, cuja transformação não so solicita uma dupla vantagem, permittindo operar-se d'uã maneira muito mais simples, consequentemente menos dispendiosa, menos longa, mas tambem dá um producto de superior qualidade; eis-aqui como se opéra:

Raizes sêccas, mondadas e contusas, de valeriana sylvestre . . .

500 gram. = 16 onças.

Assucar refinado . . . . 2667 „ = 7 lib. 1 onça e 3 oit.

Agua fria. . . . . q. s.

Collocada a raiz de valeriana no aparelho de deslocação, tendo em vista as necessarias precauções, se faça actuar sobre ella a quantidade d'agua sufficiente para se obter o pêso do liquor igual a 1350 (3 lib. e 7 onças); no qual se faça solver, a calor moderado e em vaso chato, a quantidade do assucar prescripto. Operando da mesma forma para o xarope de genciana, conservando como no precedente caso as quantidades prescriptas pelo Codex, se obtém ainda um producto melhor que o do mesmo Codex.

E' mais facil, e ainda melhor, fazer a lixiviação da genciana, operando sobre as raizes cortadas em talhadas finas, que sendo contundidas.

*Gottas lithonripticas de PALMIERI.*

Este remedio, que goza na Italia de grande reputação, como especifico contra as affecções lithiasicas dos rins, parece com effeito haver-se mostrado efficaz em alguns casos; ou seja porque determine a desaggregação dos calculos, ou pela dilatação das urethreas e da urethra, elle

produz sua expulsão directa, quando os calculos são apenas pouco volumosos.

O segredo de sua preparação, consiste em fazer ferver uma onça de flor d'enzofre em uma libra d'agua d'alca-trão; mantem-se a ebulição até que o liquor haja tomado a côr de rubim, decanta-se finalmente, e conserva-se para o uso. A dose é de 15 a 20 gottas, como remedio, e de 10 ditas como preventivo.

*Xarope contra a tosse convulsa; pelo Sr. L. DELAHAYES.*

Café torrado e pulverisado. . . . . 500 grammas = 16 onç.

Tracta-se o café pelo processo da deslocação, com agua fervendo, de maneira que se obtenham do liquor. . . . . 1000 „ = 32 „

Faça-se solver n'este liquor:

Extractos alcoholico de bella-donna e d'ipêcacuanha. . . . . 3ã 10 „ = 2 1/2 oit.

Juncte-se assucar. . . . . 2000 „ = 64 onç.

Feita a solução a B. M. filtre-se.

Empreguei este xarope pelo decurso d'algun tempo, com felizes resultados nos meninos, que haviam sido tractados por todos os meios conhecidos, e nenhum allivio haviam conseguido; commummente o tenho feito administrar na dose de 15 grammas de manhã, 15 ao meio dia, e 30 á noute ao deitar na cama, em duas ou tres colheres d'agua quente para os meninos de tres a cinco annos, e menos de metade para os menores d'esta idade.

*Infuso de rosas composto, da Ph. Lond.*

Rosas rubras. . . . . 12 gram. = 3 oitavas.

Acido sulphurico diluido. . . . . 6 „ = 1 1/2 „

Assucar. . . . . 24 „ = 6 „

Agua fervendo. . . . . 500 „ = 16 onças.

Mettam-se as rosas em vaso appropriado, lance-se-lhe por cima a agua fervendo, juncte o acido, e deixe infundir por 6 horas; cõe-se, e juncte-se o assucar.

Toma-se um copo de quatro ao quartilho, durante o dia, contra a leucorrhœa e hemorragias.

(*L'Abeille Médicale.*)

Trad. pelo Sr. J. J. de Queiroz e Silva.

## CHYMICA.

Relatório da primeira parte dos trabalhos da Comissão especial encarregada da Analyse das Aguas-Mineraes do Reino; continuado de pag. 65.

### AGUA DO TANQUE DAS LAVADEIRAS D'ALFAMA.

Entrando pelo Bêcco d'Alfama, que fica defronte e lado do N. do Terreiro do Trigo, entre os Banhos das Alcaçarias, denominados do Duque de Cadaval e de D. Clara, a O. do dito bêcco, acha-se situado este tanque.

A vossa Commissão, no dia 2 de Maio de 1847, pelas 6 horas da tarde, encontrou o tanque cheio d'agua, tendo dentro, mettidas quasi até meia altura do corpo, mais de sessenta mulheres a lavar roupa; batendo-a sobre pedras soltas e dispostas convenientemente.

A agua borbulha em diferentes pontos do tanque, ao lado do N.

Depois de varias observações e analyses, a que foi sujeita esta agua, tanto juncto ao tanque como no Laboratorio; apresentou os resultados seguintes:

#### *Propriedades physicas.*

1.º Limpida.

2.º Cór. . . . . } nullos.

3.º Cheiro. . . . . }

4.º Sabôr d'agua potavel.

5.º A temperatura, observada na vertente para o tanque, ás 6 horas da tarde do dia 2 de Maio de 1847, era de + 27,5, sendo a do ar atmospherico de + 18, e á pressão de 759,™45.

6.º A densidade, apreciada no Laboratorio, está para um egual volume d'agua distillada: : 1,078 : 1,000, & temperatura de + 13º, e á pressão de 761,<sup>m</sup>99.

*Ensaio chymico feito juncto ao Tanque.*

1.º Agitada — produziu bolhas, que se destruíram com muita facilidade.

2.º Com o alcoholado de tornasol — insensível; mostrando não conter acido livre.

3.º Com o hydrolado calcico — precipitado branco, insolúvel no excesso da mesma agua; accusando não conter acido carbonico livre.

4.º Com o acetato plumbico — precipitado branco, que não ennegreceu; mostrando a não existencia de gaz sulphydrico ou sulphuretos.

5.º Com o alcoholado de sabão — ligeira turvação branca; indicando conter pequena porção de saes calcicos ou magnescicos.

6.º Com o alcoholado de pau de Campêche — côr violeta; accusando a existencia de bi-carbonatos.

7.º Com o chlorureto calcico — insensível; indicando a não existencia de bi-carbonatos alcalinos.

8.º Com o sulphyrato ammonico — insensível; designando não conter saes metallicos.

TRABALHOS FEITOS NO LABORATORIO.

*Analyse qualitativa.*

1.º Um litro d'esta agua submettida á ebullição, e recolhidos os gazes produzidos para uma campanula, deu 31 centímetros cubicos dos ditos gazes; á temperatura de + 22,º e á pressão de 751,<sup>m</sup>83.

2.º Tractados estes gazes pela potassa caustica, deixaram 16 centímetros cubicos d'ar atmospherico.

3.º Outro litro da mesma agua, evaporada a calor brando, até á seccoira, em uma capsula de platina; produziu substancias fixas 0,<sup>gr</sup>47.

4.º Tractado este residuo da evaporação pela agua distillada, e filtrada a parte solúvel; deu o seguinte:

*A. Parte solúvel na agua distillada.*

5.º Acidulada com acido azotico e tractada pelo azotato argéutico — precipitado branco, solúvel na ammonia; mostrando haver chloruretos.

6.º Acidulada com acido chlorhydrico e tractada com o chlorureto barytico — precipitado branco; accusando conter sulphatos.

7.º Acidulada com acido sulphurico em excesso e tractada com o sulphato ferroso — insensível; indicando a não existencia de nitratos.

8.º Com o hydrolado d'amydo e agua recentemente oxygenada, pelo processo do Sr. Alvaro Reynoso — não deu coloração azul; accusando não conter iodo.

9.º Com o chlorureto e oxalato ammonicos — precipitado branco; mostrando a presença de saes calcicos.

*a.* Separado este precipitado pela filtração, o liquido foi dividido em duas porções; uma d'ellas tractada:

10.º Com o phosphato ammonico — ligeira turvação branca; indicando vestigios de saes magnésicos.

*b.* A outra porção do liquido filtrado *a*, evaporado até á secura, e calcinado até serem decompostos os saes ammonicos; foi em seguida dissolvido em agua distillada, e precipitada a magnesia e o acido sulphurico pela agua de baryta.

*c.* Filtrado este precipitado, e eliminado o excesso da baryta pelo carbonato ammonico; foi novamente filtrado, e o liquido evaporado até á secura e calcinado.

*d.* Este residuo calcinado, dissolvido em agua distillada, foi tractado:

11.º Com o bi-chlorureto platinico e alcohol de 36º — insensível; accusando não conter saes potassicos.

12.º Com o antimoniato potassico granuloso, e recentemente solvido n'agua distillada — precipitado branco crystallino; indicando a presença de saes sodicos.

**B. Parte insolúvel na água distillada.**

13.º Com o ácido chlorhydrico — dissolução incompleta com effervescencia.

e. A parte solúvel no ácido chlorhydrico, e neutralizado o seu excesso pelo ammoniaco, foi depois tractada pelos reagentes seguintes:

14.º Com o oxalato ammonico — precipitado branco; mostrando a presença de saes calcicas.

f. Filtrado este precipitado, o liquido restante tractado:

15.º Com o phosphato ammonico — ligeira turvação branca; indicando vestigios de saes magnescicos.

16.º Com o cyanureto ferroso potassico — ligeira coloração azul; designando vestigios de saes ferricos.

**C. Parte insolúvel na água distillada e no ácido chlorhydrico.**

17.º Com um soluto de carbonato potassico, tractado a quente e filtrado, este liquido produziu, com o chlorureto barytico, precipitado branco; e o residuo que ficou no filtro, tractado pelo ácido chlorhydrico, dissolveu-se em parte com effervescencia: neutralizado o excesso do ácido pelo ammoniaco, e tractado com o oxalato ammonico — deu diminuta porção de precipitado branco; accusando tudo isto vestigios de sulphato calcico.

g. A outra parte insolúvel do residuo (17º), reconheceu-se ser formada de silica e materia organica.

A Comissão, em presença d'estes trabalhos, é de parecer que esta água é potavel de boa qualidade; e propria para todos os usos domesticos, em que se costumam empregar as águas potaveis.

Duarte Nunes de Leão (20), descrevendo as águas existentes no Bairro d'Alfama, faz menção da d'este tanque; dizendo: « . . . . . Outras agoas ha pelo reino sê cheiro » de enxofre & de bõ sabor q̃ tẽ huã certa quêtura mimosa, como he a grãde copia de agoa, morna ou quasi

(20) Descripção do Reino de Portugal, 1 vol. 1610, 2.ª Serie, T. I. — N.º 3.

» quête q̃ em Lisboa sae embotões do chão; onde  
» chamão Alfama dêtro nos muros q̃ ás molheres de ser-  
» uiço, serue de em saboarê nella sua roupa, por escusarê  
» de aquêtar agoa, a qual se sebebese, parece que faria  
» algũ bõ effecto: & se a não buscão para beber, he por  
» terê hi jũto asalutifera agoa do chafariz delRei q̃ he  
» mui medicinal. . . . . »

### AGUA DO CHAFARIZ DE DENTRO.

Este chafariz, que tem o n.º 19, é assim chamado, como diz o Medico Fonseca Henriques (21) « por ficar den-  
» tro das portas da antiga muralha de Lisboa Oriental; que  
» todos os mays ficão da banda de fóra, e tão visinhos huns  
» dos outros, que em pouco differem as suas agoas. » Est-  
» tá situado ao N. do largo que lhe fica juncto, e ao L.  
dos Banhos das Alcaçarias, e pertence á Freguezia de S.  
Miguel d'Alfama, que consta de 686 fogos, e aproxima-  
damente de 2:000 habitantes, e ao 1.º Bairro (o d'Alfa-  
ma) d'esta Cidade, e ao 1.º Districto Criminal.

Segundo vemos da descripção que d'elle fez o Dr. Fon-  
seca Henriques no anno de 1726, este chafariz, que hoje  
tem quatro bicas, sendo duas do lado de O. e duas de  
L., tinha então apenas duas; a agua corre em grande  
quantidade por tubos de ferro, para dous pequenos tan-  
ques de pedra, que communicam com outro tanque grande  
tambem de pedra e quadrilongo, collocado no centro dos  
dous pequenos, aonde vão beber as cavalgadas, bois,  
&c. &c. D'este vae a agua que sobeja, por um encanamento,  
para o Tanque de Lavagem proximo ao Tejo, e de que  
adiante tractaremos.

Na parede anterior d'este chafariz existe o deposito da  
sua agua, todo formado de cantaria, com sufficiente cla-  
ridade e arejado, no fundo do qual borbulha a agua; sen-  
do a entrada para o dito deposito pelo lado de L. do cha-  
fariz, e Bêcco do Mexia.

(21) Obra citada (vide a nota 14.ª).

No centro e parte superior do tanque grande existe, gravada em cantaria, a inscripção seguinte:

ESTE CHAFARIS MANDOV A CA-  
MARA DESTA CIDADE REFORMAR NO  
ANNO DE 1622 SENDO PRESIDENTE DELLA  
JOÃO FVRTADO DE MENDONÇA DO  
CONSELHO DE SVA MAGESTADE.

Esta agua, depois de varias observações e analyses, feitas juncto ao chafariz e no Laboratorio; deu os resultados seguintes:

*Propriedades physicas.*

- 1.º Limpida.
- 2.º Cór.....
- 3.º Cheiro..... } nullos.
- 4.º Sabor — d'agua potavel.
- 5.º A temperatura, observada nas bicas ás 4 horas da tarde do dia 6 de Maio de 1847, era de + 25°, sendo a do ar atmospherico de + 16°, e a pressão de 741<sup>m</sup>, 67.
- 6.º A sua densidade, apreciada no Laboratorio, está para um egual volume d'agua distillada: : 1,066 : 1,000, á temperatura de + 13°,5, e á pressão de 759<sup>m</sup>, 45.

*Ensaio chymico feito juncto ao Chafariz.*

- 1.º Agitada — produziu bolhas que se destruíram com muita facilidade.
- 2.º Com o alcoholado de tornasol — insensível; mostrando não conter acido livre.
- 3.º Com o hydrolado calcico — precipitado branco, insolúvel no excesso da mesma agua; accusando não conter acido carbonico livre.
- 4.º Com o acetato plumbico — precipitado branco, que não ennegreceu; mostrando a não existencia de gaz sulphydrico ou sulphuretos.
- 5.º Com o alcoholado de sabão — ligeira turvação branca; indicando conter pequena porção de saes calcicos ou magnescicos.

6.º Com o alcoholado de pau de Campêche — côr violeta; accusando a existencia de bi-carbonatos.

7.º Com o chlorureto calcico — insensivel; indicando a não existencia de bi-carbonatos alcalinos.

8.º Com o sulphurato ammonico — insensivel; designando não conter saes metallicos.

### TRABALHOS FEITOS NO LABORATORIO.

#### *Analyse qualitativa.*

1.º Um litro d'esta agua submettida á ebullição, e recolhidos os gazes produzidos para uma campanula, deu 47 centimetros cubicos dos ditos gazes; á temperatura de  $+22^{\circ},5$  e á pressão de 739<sup>m</sup>,13.

2.º Tractados estes gazes pela potassa caustica, deixaram 19 centimetros cubicos d'ar atmosferico.

3.º Outro litro da mesma agua, evaporada a calor brando, até á seccura, em uma capsula de platina; produziu substancias fixas 0,57.

4.º Tractado este residuo da evaporação pela agua distillada, e filtrada a parte solavel; deu o seguinte:

#### *A. Parte solavel na agua distillada.*

5.º Acidulada com acido azotico e tractada pelo azotato argentario — precipitado branco, solavel na ammonia; mostrando haver chloruretos.

6.º Acidulada com acido chlorhydrico e tractada com o chlorureto barytico — precipitado branco; accusando conter sulphatos.

7.º Acidulada com acido sulphurico em excesso e tractada com o sulphato ferroso — insensivel; indicando a não existencia de nitratos.

8.º Com o hydrolado d'amydo e agua recentemente oxygenada, pelo processo do Sr. Alvaro Reynoso — não deu coloração azul; accusando não conter iodo.

9.º Com o chlorureto e oxalato ammonicos — precipitado branco; mostrando a presença de saes calcicos.

a. Separado este precipitado pela filtração, o liquido foi dividido em duas porções; uma d'ellas tractada:

10.º Com o phosphato ammonico — ligeira turvação branca; indicando vestigios de saes magnesicos.

b. A outra porção do liquido filtrado *a*, evaporado até á seccura, e calcinado até serem decompostos os saes ammonicos; foi em seguida dissolvido em agua distillada, e precipitada a magnesia e o acido sulphurico pela agua de baryta.

c. Filtrado este precipitado, e eliminado o excesso da baryta pelo carbonato ammonico; foi novamente filtrado, e o liquido evaporado até á seccura e calcinado.

d. Este residuo calcinado, dissolvido em agua distillada, foi tractado:

11.º Com o bi-chlorureto platinico e alcohol de 36º — insensivel; accusando não conter saes potassicos.

12.º Com o antimoniato potassico granuloso, e recentemente solvido n'agua distillada — precipitado branco crystallino; indicando a presença de saes sodicos.

*B. Parte insolúvel na agua distillada.*

13.º Com o acido chlorhydrico — dissolução incompleta com effervescencia.

e. A parte solúvel no acido chlorhydrico, e neutralizado o seu excesso pelo ammoniaco, foi depois tractada pelos reagentes seguintes:

14.º Com o oxalato ammonico — precipitado branco; mostrando a presença de saes calcicos.

f. Filtrado este precipitado, o liquido restante tractado:

15.º Com o phosphato ammonico — ligeira turvação branca; indicando vestigios de saes magnesicos.

16.º Com o cyanureto ferroso-potassico — não deu coloração azul; designando a não existencia de saes ferricos.

*C. Parte insolúvel na agua distillada e no acido chlorhydrico.*

17.º Com um soluto de carbonato potassico, tractado a quente e filtrado, este liquido produziu, com o chlorureto barytico, precipitado branco; e o residuo que ficou

no filtro, tractado pelo acido chlorhydrico, dissolveu-se em parte com effervescencia: neutralizado o excesso do acido pelo ammoniaco, e tractado com o oxalato ammonico — deu diminuta porção de precipitado branco; accusando tudo isto vestigios de sulphato calcico.

g. A outra parte insolúvel do residuo (17<sup>o</sup>), reconheceu-se ser formada de silica e materia organica.

A Commissão, em presença d'estes trabalhos, é de parecer que esta agua é potavel de boa qualidade; e propria para todos os usos domesticos, em que se costumam empregar as aguas potaveis. (Continúa.)



PEÇAS OFFICIAES.

Extracto das Actas das Sessões Litterarias.

Acta n.º 392, de 14 de Fevereiro 1850.

Presidencia do Sr. A. Carvalho.

Pelas 7 horas da noute abriu o Sr. Presidente a Sessão.

Foi lida e approvada a Acta da Sessão antecedente.

O Sr. Presidente, deu parte da Mesa ter hido cumprir com os seus deveres, para com o nosso Consocio o Sr. J. D. Corrêa, por occasião do funesto acontecimento que pôz em perigo a vida de seu Irmão o Sr. Lourenço Antonio Corrêa; ácerca do qual, accrescentou o Sr. 1.º Secretario, que tomando a Mesa todo o interesse pela saúde do illustre inferno, continuou a informar-se dos progressos das suas melhoras, em quanto lhe não constou que estava livre de perigo.

O Sr. J. D. Corrêa, usando das expressões da sua natural cortezia e gratidão, agradeceu á Sociedade em geral, e em particular a todos os Consocios e Amigos, que haviam manifestado, para com elle, tão profundo interesse, visitando-o e acompanhando-o no seu justo sentimento.

O mesmo Sr. 1.º Secretario, mencionando a correspondencia, leu um Officio do Sr. A. J. Almeida, participando que, pela sua sahida para Ponta Delgada, resignava todos os Cargos que estava exercendo, e que offerecia o seu prestimo n'aquella Ilha. Inteirada.

Leu mais alguns Officios a que se deu o competente destino.

O Sr. J. D. Corrêa, por parte da Commissão d'Analyse das

Aguas-Mineraes do Reino, propoz que se representasse ao Director da Alfandega Grande de Lisboa, e ao Inspector do Arsenal da Marinha, a fim d'obstarem ao uso interno das aguas que correm nas suas Repartições, visto que pela analyse se conheceu não serem potaveis.

O Sr. Presidente, fez a este respeito algumas observações em sentido negativo; mas, por outras feitas pelo Sr. J. A. Rodrigues, decidiu-se que a Commissão procedesse a analyse quantitativa, para depois se tomar a este respeito a devida resolução.

O Sr. P. F. Norberto, declarou que o Sr. 1.º Secretario da Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa, annuindo ao seu pedido, lhe havia dado os numeros do seu Jornal que faltavam para completar a nossa collecção, e que ja se achavam na Bibliotheca. A Sociedade recebeu com especial agrado esta offerta.

O Sr. J. D. Corrêa, mandou para a Mesa a seguinte proposta: "*Quaes são as impurezas e falsificações, a que o assucar está sujeito, e os meios d'as prevenir e reconhecer?*" Ficou para segunda leitura.

Passando-se á eleição de 2.º Secretario, e depois de corrido o escrutinio, verificou-se sabido unanimemente eleito o Sr. Sebastião Athanasio Estanislau da Silva.

Em seguida passou-se á eleição de 3.º Operador, ficando eleito para este cargo o Sr. Joaquim da Silva Gomes.

O Sr. J. A. Rodrigues, como Director da Commissão de Chymica, pediu que fosse convidado o Sr. J. Tedeschi para coadjuvar a Commissão nos seus trabalhos.

O Sr. J. Tedeschi, annuindo a este pedido, acceitou de boamente, promettendo fazer o que estivesse ao seu alcance.

Entrou em discussão o Parecer da Commissão de Direito Pharmaceutico, sobre a fixação de numero de Membros Benemeritos, Honorarios, &c.

1.ª Parte. Que o numero de Membros Benemeritos seja o de 12.

Depois de varias observações feitas pelos Srs., J. Tedeschi, J. D. Corrêa, J. A. Rodrigues, e Telles (Senior), foi approvada esta parte do Parecer.

2.ª Parte. Que o numero de Membros Honorarios seja o de 48.

Fallaram sobre esta parte os Srs., J. Tedeschi e Presidente, e posta a votos foi rejeitada; approvando-se um additamento do Sr. J. Tedeschi: "*Que seja fixado em 24 o numero de Membros Honorarios Nacionaes; á excepção de quando houver proposta para troca de Diplomas feita por alguma Academia ou Sociedade Scientifica.*"

Passando-se a tractar de Membros Honorarios Estrangeiros, ficou a materia adiada para a Sessão seguinte; para que a Commissão apresente as qualificações necessarias para se conceder aquella distincção.

Sendo 9 horas da noute fechou-se a Sessão.

Acta n.º 393, de 28 de Fevereiro de 1850.

Presidencia do Sr. A. Carvalho.

A's 7 horas da noite foi aberta a Sessão, e approvou-se a Acta da antecedente.

O Sr. 1.º Secretario, deu conta da correspondencia e objectos doados; participou que a Mesa, por Officio do Sr. 1.º Secretario da Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa, é convidada a concorrer no dia 1.º de Março á sua Sessão Anniversaria; e bem assim outro Officio do Sr. José Joaquim de Araujo, Official em Commissão no Ultramar, prestando-se á Sociedade, para o que podesse scientificamente servir. A Sociedade accellou e agradeceu.

Tendo segunda leitura a proposta do Sr. J. D. Corrêa, acerca dos assucares, apresentada na antecedente Sessão; foi dada para Ordem do Dia da seguinte.

O Sr. A. Carvalho, como Director da Commissão de Direito Pharmaceutico, leu um Parecer sobre qualificações de Socios; o qual ficou para se discutir na Sessão immediata.

Pelas 8 horas da noite fechou o Sr. Presidente a Sessão.

S. A. E. da Silva,

2.º Secretario.

SUMMARY.

Remedio contra a chlorosa, 73. — Efficacia da tinctura de digitalis em altas doses, em certos casos de tísica pulmonar; pelo Sr. Faure, 77. — Reflexões critico-pharmaceuticas, acerca da possibilidade que pode dar-se de alterar a natureza de um medicamento, querendo, pela associação de certos agentes, e disfarçar-lhe o sabor desagradavel; pelo Sr. H. J. S. Telles, 79. — Thermometro alcoometrico, denominado Ebulioscopio hasteado do Sr. Conaty, 83. — Sobre a preparação dos xaropes de valeriana e de genciana; pelo Sr. Malfilatre, 92. — Gotitas lithontriplicas de Palmieri, 92. — Xarope contra a tosse convulsa; pelo Sr. L. Delahayes, 93. — Infuso de rosas composto da Ph. Lond., 93. — Relatorio da primeira parte dos trabalhos da Commissão especial encarregada da Analyse das Aguas-Mineraes do Reino (continuação), 94. — Agua do Tanque das Lavadeiras d'Alfama, 94. — Agua do Chafariz de Dentro, 98. — Extracto das Actas das Sessões Litterarias, 102.

PHARMACIA.

Observações crítico-pharmaceuticas, ácerca do musgo islandico; pelo Membro Benemerito o Sr. Henrique José de Sousa Telles.

O artigo — *Observações geraes sobre os preparados de musgo islandico, pelo Sr. Bouchardat* — publicado pelo Sr. J. D. Corrêa, em o n.º 2 da 2.ª Serie do Jornal da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, fez-nos reviver algumas antigas ideias, que estão de perfeito accôrdo com as do Sr. Bouchardat, ácerca do musgo islandico, reputado, desde remotas epochas, um precioso agente da Medicina.

O *lichen islandicus*, é uma cryptogamia da familia das *lichenes*; e, segundo as analyses feitas, contém em sua composição um principio amargo, a *cetrarina*, solúvel em agua fria, uã materia colorante extractiva, cêra verde, fecula, e gomma. De parte d'estes contentos, ou do seu complexo, lhe provém o credito que tem tido esta producção natural, como util para combater certas affecções. É verdade que a sua applicação, mais ou menos constante, tem tido epochas estacionarias; d'esta sorte partilham quasi todas as substancias de um dominio tão extenso e caprichoso, como é o da Medicina: porém, andando sempre dentro dos limites de sua competencia, faz que, de vez em quando, revivam as reminiscencias d'essas producções benéficas, que os methodos e as innovações, por alguns espaços, paralisaram. Isto succede todos os dias, e ainda ácerca de mui preconizados medicamentos.

Mas voltando ao musgo, lemos, no Diccionario de Chevallier, quanto basta para provar o que avançamos. «Ha mais de 200 annos, que o musgo tem sido muito elogiado como um mui util medicamento, para curar ou combater as doenças do peito; chegando depois a ser inteiramente desprezado, porque entenderam que um medicamento tão innocente mui pouca acção podia ter contra molestias tão formidaveis, principalmente tractadas, estando ja nos periodos mais avançados. Todavia, a pesar do des-

credito em que foram cahindo as drogas, depois do principio d'este seculo, tornou o *musgo islandico* a ser applicado pelos Facultativos; por isso que n'elle tinham um medicamento simplesmente adoçante, e apenas nutriente, que, sem incurrir consequencia alguma incommoda, melhorava aos doentes desanimados grandes esperanças em suas curas. Assim rehabilitaram, de alguma sorte, o uso do *musgo islandico*, e a sua reputação, como excellente peitoral, administrando-o de todas as maneiras, principalmente em forma de *cosimento*, *xarope*, *massas*, e *geléas*. Em virtude do principio amargo, e algum tanto adstringente, que o musgo contém, entenderam que serviria tambem para combater a dysenteria, a diarrhéa chronica, &c. &c.»

Talvez estas ultimas ideias, mencionadas por Chevallier, não sejam hoje para desprezar; entretanto *afastar-nos-hemos* de emitir opinião alguma a esse respeito: so diremos, conformando-nos com Bouchardat, que o musgo, privado da *cetrarina*, parece menos interessante, para combater os padecimentos para que se recommenda. O seu principio amargo, não participa dos inconvenientes que ordinariamente acompanham o d'outras substancias. Nós temos visto, na practica empirico-popular, verificada, por varias vezes, a sua efficacia; pessoas de diferentes edades, atacadas por tosse violenta e incessante, tendo feito uso dos medicamentos apropriados, dietas regulares, estando mesmo em ares do campo, e tomando ja leite de burra, irem-se definhando gradualmente, e virem, em fim, a experimentar tambem progressivos allivios, com o seguinte medicamento, consultado primeiramente o respectivo Facultativo.

Musgo islandico, previamente es-	
caldado.....	1/2 onça = 16 gram.
Fêvera de vacca, bem picada, e	
limpa sem ser por lavagem....	4 onças = 125 „
Assucar de caixa, do melhor.....	4 „ = 125 „
Agua.....	3 libras = 1420 „
Ferva até se reduzir a uma	(375 grammas).

O modo de usar, é tomando quatro colheres das de sô-pá, de quatro em quatro horas, tepido.

É verdade que, o amargo do musgo, fica mui modificado pelo assucar, mas tambem esta modificação se pode dar nos outros preparados de musgo, sem ser preciso tirar-lhe o principio amargo, que parece contribuir tanto para os bons resultados d'este remedio; além de que, alguns d'estes doentes, a quem o uso dos adossicados excitou mais a tosse, não sentiam encommodo algum com este recheio. Se fosse preciso citaríamos exemplos incontestaveis.

Muitos outros factos temos nós presenciado; tosses rebeldes, que não cederam ás medicinas proprias, cederem ao uso prolongado do musgo amargo, tomado com leite, por conselho mesmo de Facultativos habeis. Nem isto é para admirar; Orfila refere casos quasi identicos, e, supposto que não diga expressamente que foram obtidos com o musgo amargo, bem se deixa ver, pelas suas expressões, que é aquelle principio que elle se refere.

« O musgo islandico, diz elle, é muito empregado em Medicina, como mucilaginoso, contra as tosses rebeldes, a hemoptyse, os catarrhos, e os primeiros graus da tísica pulmonar. Administra-se em decocção, e melhor ainda em forma de geléa. Nós temos tido occasião de reconhecer, muitas vezes, a efficacia d'esta ultima preparação, administra em fortes doses, e mesmo estamos persuadidos que os *Practicos* que a teem julgado menos efficaz, é por não fazerem tomar aos seus doentes mais do que algumas poucas colheres por dia. Nós temos dado, com o mais feliz successo, nas tosses inveteradas, a pessoas dispostas á tísica pulmonar, uma libra de geléa de musgo, com egual porção de leite, bebida por tres doses em 24 horas. »

De tudo isto ousamos convir com o Sr. Bouchardat, que o musgo é muito mais medicinal, com o seu principio amargo, do que privado d'elle. Agora no que não convimos, absolutamente, é na *deficiencia*, em que se quer lançar o musgo, privado do seu amargo. Sem cahirmos em contradicção, intendemos que, o *musgo doce*, considerado como substancia feculosa, ainda assim é mui superior ás outras

feculas, e muito mais medicinal; parece mesmo, que a sua parte nutritiva, tem maior acção sobre os órgãos digestivos, e que a sua *assimilação* se opera toda em proveito da nutrição: o estomago supporta-a melhor, e não tem, como as outras feculas, a facilidade de se azedar, antes da sua commutação. Demais: nos decoctos, xaropes, e geléas de musgo, a sua mucilagem ajuda e conserva o suspenso da fecula, de um modo mais perfeito, mais regular, e coadjuva melhor a sua efficacia.

Esta acção nutritiva do musgo, é attestada por diversos Practicos, e entre elles continuaremos a citar o Sr. Orfila, cujos conhecimentos na materia, não podem ser duvidosos; por isso que os abona a sua grande experiencia como Medico e como Chymico. «O musgo, diz elle, serve » de alimento nutritivo na Islandia; e, na verdade, a farinha que elle fornece, desembaraçada do principio amargo, é tão nutritiva como metade do seu peso de farinha » de trigo.»

Não se levem a mal estas observações, que parecem uma aberração, talvez, do circulo a que nos deviamos circumscrever; nem lembrarei que, o dominio da sciencia, é hoje mui amplo, e tem-se tornado o patrimonio de todo aquelle que se quizer habilitar para a sua herança. Nós estamos muito áquem d'essas habilitações; deveriamos ser mais reservados; conhecemo-lo perfeitamente, e por isso appellamos para a indulgencia dos nossos amigos. Isto supposto, diremos ainda duas palayras, ácerca da privação da *cetrarina* ou principio amargo do musgo.

¿ Quem ha, ali, que ignore esses processos? ¿ Precisamos nós, por ventura, fazer ensaios contingentes e duvidosos? ¿ Não temos os processos de Van-Mons, de Westring, e de Berzelio? ¿ Não se encontram nos Annaes de Chymica, em Cadet, em Bouchardat, e outros Auctores, como Orfila, &c., aonde elles se podem estudar? Ninguem o duvidará. Quanto a nós, ha muito que empregamos aquelles processos, e sempre d'elles tiramos bons resultados. A agua fria alcalisada prefere, sem contradicção. O alcali dissolve, na agua fria, a cetrarina; pelo menos acha-

mos o liquido do macerado bem amargo, pouco tempo depois d'immergido o musgo, previamente escolhido e bem cortado.

Berzelio manda macerar, por 24 horas, 16 onças de musgo, preparado como fica dito, em 24 libras (de 16 onças) d'agua fria, em que se tenha dissolvido cousa d'uma onça de carbonato de potassa, agitando-o, de vez em quando; passado aquelle tempo, esgotta-se a agua, e lava-se o musgo, duas ou tres vezes, deixando-o ficar em agua outras 24 horas; e depois esgotta-se e secca-se. Van-Mons, modifica este processo, unicamente no que diz respeito ás horas da maceração; é o que nós temos seguido, porque achamos mais util reunir a brevidade ao bom resultado. Escolhemos muito bem o musgo, e o cortamos miudamente; d'esta forma se abrandam melhor os tecidos, e se estabelece mais facilmente o ponto de contacto do liquido com o interior das cellulas ou vesiculas, e facilita a extracção do amargo, immergimo-lo na agua fria, previamente alcalisada, revolvendo-o de tempo a tempo, isto é com pequenos intervallos; no dia seguinte esgottamos o liquido sobre um sedaço, depois do que o lavamos mui bem em nova agua fria, tornamos a esgottal-o da mesma forma; e sobre o mesmo sedaço fazemos cahir, por meio d'um *erivo*, a agua sufficientemente, para a lavagem ser completa, evitando sempre a compressão, e o deixamos secar ao ar livre, ou no mesmo sedaço suspenso sobre um apoio, ou estendendo-o sobre um plano de papel de grandeza conveniente.

O musgo fica de mui bello aspecto, e perdem-se 13 a 14 oitavas por cada 16 onças de peso. A primeira agua, da maceração alcalina, fica mui amarga, subcarregada de parte corante e d'aspecto espumoso. Algum musgo ha em que variam estes accidentes.

Ja uma vez procedemos com a agua proxima á ebullição; perdeu-se quasi meio por meio, e o esqueleto do musgo fez-se mui aspero, fragil, e resequido.

Se o alcali não dissolve a *cetrarina*, mas sim a *neutralisa*, não podemos nós verificar. Achamos o macerado

amargo, e amargas encontrámos as aguas da lavagem, perdendo este sabor á proporção que se continuava a dita lavagem, até ficarem, a final, sem gosto algum. ; Mas como se poderia effectuar a neutralisação? ; O que é a cetrarina? ; É um principio *immediato* do musgo; um alcaloide, por ventura? E n'este caso poderia salficar-se com algum acido, mas neutralisar-se pelo carbonato, e perder o seu amargo; facto é que precisa confirmado por experiencias, que ainda, talvez o venhamos a fazer: por em quanto terminamos estas observações, na expectativa de outras mais importantes, sobre uma questão que diz respeito aos interesses da vida, e d'esse bem precioso, a *saúde*, sem a qual são nullos todos os outros bens.

**Descripção do Dilatometro de Silbermann. (\*)**

Este instrumento é composto d'um thermometro L, contendo o liquido destinado ao ensaio, e d'um thermometro de mercurio M, tendo unicamente dous pontos de divisão, um em A para 25°, e o outro em B para 50°, que são as duas temperaturas a que se submete o instrumento, prompto para o ensaio.

Estes dous thermometros são collocados sobre uma lamina de cobre, que contém ao mesmo tempo a escala respectiva a cada um d'elles. O thermometro L, que encerra o liquido, é uma verdadeira pipetta de vidro aberta nas duas extremidades: a superior C é larga e cylindrica, destinada para receber um embolo de couro de forma convexa P, e a inferior é um tubo estreito formando o bico da pipetta. Esta parte inferior está aberta ou fechada, segundo a acção do obturador R, que consiste em uma lamina de cortiça ou outra substancia, sustentada por uma mola, da qual uma das pontas se fixa em Q, e a outra é movel em S por meio d'uma haste forte T, que pode subir ou descer ao longo da lamina, cujo movimento lhe

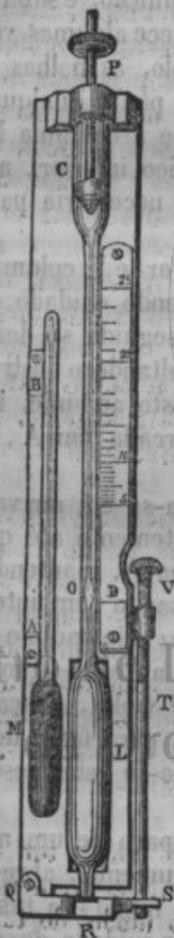
(\*) Este instrumento existe no Gabinete de Pharmacia d'esta Sociedade.  
Os Redactores.

é dado por um botão superiormente; a parte V que tem roscas, voltando-se o botão, sobe ou desce, e comunica seu movimento á extremidade inferior S, que está adstricta á mola.

*Methodo d'operar.*

Lança-se em um vidro uma pequena quantidade do liquido a ensaiar, no qual se mergulha a parte inferior do aparelho, e se abre o bico da pipetta, voltando sobre si mesmo o botão da haste T: para introduzir o liquido, no thermometro, basta aspirar na parte superior, ou seja pelo modo ordinario com a bocca, ou por meio do embolo P, apropriado para semelhante effeito; este embolo tem a haste furada, e se humedece mergulhando-o no liquido, para assim o esgottar, depois de introduzido o mesmo embolo no cylindro C, havendo cuidado, para o levantar, de o tapar pondo um dedo molhado sobre sua extremidade superior, afim de que possa deixar um vacuo apoz de si, e, chegado ao fim, tira-se o dedo para immediatamente o carregar, e dar passagem ao ar que sahe; eleva-se de novo, repetindo-se estes movimentos, como na bomba aspirante, e sem demora o reservatorio L, a oliva O, o tubo e uma porção do cylindro C, serão cheios de liquido: levanta-se então o obturador para fechar a pipetta em R.

Tracta-se depois de privar este liquido do ar ou do gaz que pode ter em dissolução; para o que, estando o embolo todo mettido e o dedo sobre a abertura superior, basta levantar o mesmo embolo, apoiar com força o



dedo sobre o seu orificio, e bem depressa se desembaraçará o gaz de todos os pontos das paredes do vaso e proprio liquido; suspender-se-ha o embolo, para dar tempo a que o gaz atravesse o reservatorio, a oliva, todo o tubo, e chegue debaixo do embolo, e, movendo-se este, duas ou tres vezes, o liquido será despojado do ar: é inutil conservar o vacuo mais tempo, porque n'esse caso o liquido entraria em ebullicão, e subiria o alcohol, o que é necessario evitar. Acontece algumas vezes que, levantando-se muito alto o embolo, as bolhas se accumulam no orificio do tubo ou em um ponto qualquer de sua extensão; e n'este caso, para que a columna liquida não seja interrompida, abre-se o bico inferior, aspirando de novo a quantidade de liquido necessaria para fazer chegar a bolha debaixo do embolo.

Achando-se pois o liquido despojado d'ar e a columna não interrompida, tira-se o embolo, havendo cuidado de levantar immediatamente o dedo, e em seguida se deita o resto do liquido no cylindro superior, voltando o instrumento apenas estiver prompto para ser pôsto ao lume, levando-o primeiramente á temperatura marcada em A, e depois na de B.

Para o levar á temperatura A, mergulha-se em um vaso contendo agua, que se aqueça convenientemente até que o thermometro de mercurio chegue á linha A, mantendo-se invariavelmente esta temperatura, agitando sem interrupção a agua com o instrumento, que faz elle mesmo as vezes de agitador; caso o mercurio tenda a elevar-se mais alto, se tirará a alampada do espirito de vinho, lançando no esquentador uma pouca d'agua fria, para fazer descer o thermometro ao ponto fixo, obtendo-se estes resultados por meio d'uma unica operação.

Tendo-se conservado este ponto por espaço de um minuto ou pouco mais, sem levantar o instrumento, abre-se o bico da pipetta para fazer sahir, pelo fundo do tubo, o liquido n'elle contido; havendo porém o cuidado de suspender o corrimento, quando o liquido chega á linha D debaixo da oliva: para não exceder este ponto, basta manter esta linha perto de 15 millimetros sobre o nivel do

banho, de levantar ou baixar mais ou menos o instrumento, a fim de que a sua extremidade superior se ajuste com a linha, fechando-se então de novo o bico com o obturador; se o nível não varia, ao mesmo tempo que a temperatura se conserva invariavel, nos convenceremos de que o ponto da separação D está quasi exacto, mas se tem sobrevindo alguma ligeira variação, se por exemplo havia muito liquido, deixar-se-hia sahir a porção necessaria; e quando pelo contrario não fosse o sufficiente, junctariamos simplesmente uma pouca d'agua do banho, mergulhando ligeiramente o instrumento, e abrindo ao mesmo tempo o bico inferior: esta pequena quantidade d'agua simples não faria variar sensivelmente a indicação, para se dever tomar em consideração similhante addição d'agua, que realmente não passará  $\frac{1}{1000}$  do volume total de  $\frac{1}{100}$  do grau alcoometrico, e isto n'uma operação em que se não exige esta exactidão.

Para levar o instrumento á segunda temperatura, se aquecerá agua do mesmo vaso, ou d'outro, se houver ensaios a fazer, até que o thermometro chegue a B, applicando o mesmo cuidado que precedentemente, para sustentar a temperatura egual e constante; e depois que o liquido estiver no mesmo ponto, se fará a divisão sobre que se fixa: este estudo será o grau alcoometrico que se procura.

Se pretendermos verificar a operação, tomaremos dous vasos, e mergulhando o apparelho n'um d'elles, apresentará a temperatura A, e o liquido virá a parar na linha D.; leyaremos depois o mesmo liquido á temperatura B do segundo vaso, repetindo-se estas duas experiencias as vezes que quizermos. Da mesma forma, que com o thermometro de alcohol, se podem indeterminadamente tomar duas temperaturas quaesquer da sua escala; porque, ainda que n'este caso o instrumento esteja aberto por cima, a evaporação é muito fraca para se dever receiar.

Trad. por J. D. Corrêa.

*Mistura alcoholica* (Mistura spiritus vini).

Agua-ardente . . . . .	}ãa 96 gram. = 3 onças.
— de canella . . . . .	
Gemas d'ovos . . . . .	n.º 2.
Assucar . . . . .	15 gram. = 3 oit. e 54 gr.
Tinctura de canella . . . . .	0,8 „ = 16 grãos.

Esta mistura, cuja formula se prescreve nas principaes Pharmacopeias Inglezas, é uma imitação da mistura bem conhecida em Inglaterra, com o nome de *Egg-flip*. Ella faz ainda lembrar, uma preparação popular em França, designada pelo nome de *lait de poule*.

Estimulante restaurativo. Dose: 10 a 50 grammas (2½ a 12½ oitavas). (L'Abeille Médicale.)

Trad. pelo Sr. H. J. S. Telles.

*Solutio atrophico* do Sr. F. MAGENDIE.

Agua distillada d'alface . . . . .	8 onças = 250 gram.
— d'hortelã . . . . .	2 oitavas = 8 „
Iodureto de potassio . . . . .	4 „ = 16 „
Xarope d'althea . . . . .	1 onça = 32 „

Uma colher de sopa, de manhã e de tarde, em pouca agua. Pode-se augmentar a dose até duas colheres, de tarde e de manhã.

Acontece muitas vezes que a hypertrophia dos ventriculos, que é caracterisada por uma impulsão forte, e por um roido de choque surdo, ainda que intenso, é acompanhada da acceleração do movimento do coração; então ajuncta-se ao soluto a tinctura alcoholica de dedaleira, na proporção seguinte:

Agua distillada d'alface . . . . .	8 onças = 250 gram.
— de flor de laranja . . . . .	1 oitava = 4 „
Iodureto de potassio . . . . .	4 „ = 16 „
Tinctura alcoholica de dedaleira . . . . .	1 ou 2 oit. = 4 ou 8 „
Xarope d'althea . . . . .	1½ onça = 48 „

Para uma colher de sopa, de manhã e de tarde, em

uma pouca d'agua; ou, com mais exactidão, para meia onça (16 grammas) do soluto, de tarde e de manhã.

*Elixir aloetico-febrifugo contra as febres intermittentes.*

O Sr. Recamier, procurando evitar os inconvenientes que algumas vezes resultam da applicação therapeutica do sulphato de quinina, e todavia conservar suas vantagens; prescreve este medicamento pela maneira seguinte:

Azevre succotrino em po	6 gram.	= 1 ½ oitava.
Myrrha escolhida . . . . .	6 „	= 1 ½ „
Rhum . . . . .	150 „	= 4 onças e 6 ½ oitava.
Alcohol de 32° . . . . .	20 „	= 5 oitavas.

Macera-se por vinte e quatro horas, filtra-se depois, e no liquido dissolve-se:

Sulphato de quinina . . . . . 6 gram. = 1 ½ oitava.

Ajuneta-se com acido sulphurico, em quantidade sufficiente; isto é, 25 a 30 gottas.

Addiciona-se finalmente:

Laudano de Sydenham . . . . . 6 gram. = 1 ½ oitava.

Este elixir deve ser tomado pelos adultos, na dose d'uma colher de sopa; e pelos jovens, na d'uma colher de café.

Depois de cada dose, convém que o doente se conserve agasalhado, e fique, pelo menos, duas horas sem beber cousa alguma.

(Revue Médicale.)

Trad. por J. D. Corrêa.

Centro de Documentação Farmacêutica

Ordem dos Farmacêuticos

CHYMICA.

Relatorio da primeira parte dos trabalhos da Commissão especial encarregada da Analyse das Aguas-Mineraes do Reino; continuado de pag. 102.

AGUA DO CHAFARIZ DA PRAIA.

Este chafariz, que tem o n.º 20, está situado defronte do Chafariz de Dentro, ao S. do mesmo largo, e a L.

do Terreiro do Trigo, e pertencente á mesma Freguezia de S. Miguel d'Alfama.

O Dr. Fonseca Henriques, tractando d'este chafariz, diz, em 1726, que elle tinha cinco bicas; hoje reduzidas a quatro, sendo de bronze as duas que olham ao N., e de ferro as que olham ao S.

Não tem tanque; sendo a agua, que se não aproveita, conduzida por uma calha de pedra, com direcção a um canno que desagua no Tejo.

Na parte superior d'este chafariz, e do lado que olha ao N., contém a inscripção seguinte:

ACVSTA DO REAL DO  
POVO NA ERA DE 1625.

Submettida esta agua a varias observações e analyses, tanto juncto ao chafariz como no Laboratorio; deu os resultados seguintes:

*Propriedades physicas.*

- 1.º Limpida.
- 2.º Cór. . . . . } nullos.
- 3.º Cheiro. . . . . }
- 4.º Sabor — d'agua potavel.
- 5.º A temperatura, observada nas bicas ás 6 horas e quinze minutos da tarde do dia 6 de Maio de 1847, era de  $+ 23,^{\circ}5$ , sendo a do ar atmospherico de  $+ 15^{\circ}$ , e á pressão de  $739,^{m}13$ .
- 6.º A sua densidade, apreciada no Laboratorio, está para um egual volume d'agua distillada:  $1,067 : 1,000$ , á temperatura de  $+ 13,^{\circ}5$ , e á pressão  $759,^{m}45$ .

*Ensaio chymico feito juncto ao Chafariz.*

- 1.º Agitada — produziu bôlhas que se destruíram com muita facilidade.
- 2.º Com o alcoholado de tornasol — insensivel; mostrando não conter acido livre.
- 3.º Com o hydrolado calçico — precipitado branco, in-

solúvel no excesso da mesma agua; accusando não conter acido carbonico livre.

4.º Com o acetato plumbico — precipitado branco, que não ennegreceu; mostrando a não existencia de gaz sulphurico ou sulphuretos.

5.º Com o alcoholado de sabão — ligeira turvação branca; indicando conter pequena porção de saes calcicos ou magnescicos.

6.º Com o alcoholado de pau de Campêche — côr violeta; accusando a existencia de bi-carbonatos.

7.º Com o chlorureto calcico — insensível; indicando a não existencia de bi-carbonatos alcalinos.

8.º Com o sulphurato ammonico — insensível; designando não conter saes metallicos.

#### TRABALHOS FEITOS NO LABORATORIO.

##### *Analyse qualitativa.*

1.º Um litro d'esta agua submettida á ebullição, e recolhidos os gazes produzidos para uma campanula, deu 48 centimetros cubicos dos ditos gazes; á temperatura de +22º, e á pressão de 751,<sup>m</sup>83.

2.º Tractados estes gazes pela potassa caustica, deixaram 20 centimetros cubicos d'ar atmospherico.

3.º Outro litro da mesma agua, evaporada a calor brando, até á secco, em uma capsula de platina; produziu substancias fixas 0,<sup>gr</sup>.6.

4.º Tractado este residuo da evaporação pela agua distillada, e filtrada a parte solúvel; deu o seguinte:

##### *A. Parte solúvel na agua distillada.*

5.º Acidulada com acido azotico e tractada pelo azotato argenticco — precipitado branco, solúvel na ammonia; mostrando haver chloruretos.

6.º Acidulada com acido chlorhydrico e tractada com o chlorureto barytico — precipitado branco; accusando conter sulphatos.

7.º Acidulada com acido sulphurico em excesso, e tractada com o sulphato ferroso — insensivel; indicando a não existencia de nitratos.

8.º Com o hydrolado d'amydo e agua recentemente oxygenada, pelo processo do Sr. Alvaro Reynoso — não deu coloração azul; accusando não conter iodo.

9.º Com o chlorureto e oxalato ammonicos — precipitado branco; mostrando a presença de saes calcicos.

a. Separado este precipitado pela filtração, o liquido foi dividido em duas porções; uma d'ellas tractada:

10.º Com o phosphato ammonico — ligeira turvação branca; indicando vestigios de saes magnesicos.

b. A outra porção do liquido filtrado a, evaporado até á seccura, e calcinado até serem decompostos os saes ammonicos; foi em seguida dissolvido em agua distillada, e precipitada a magnesia e o acido sulphurico pela agua de baryta.

c. Filtrado este precipitado, e eliminado o excesso da baryta pelo carbonato ammonico; foi novamente filtrado, e o liquido evaporado até á seccura e calcinado.

d. Este residuo calcinado, dissolvido em agua distillada, foi tractado:

11.º Com o bi-chlorureto platinico e alcohol de 36º — insensivel; accusando não conter saes potassicos.

12.º Com o antimoniato potassico granuloso, e recentemente solvido n'agua distillada — precipitado branco crystallino; indicando a presença de saes sodicos.

*B.* Parte insolúvel na agua distillada.

13.º Com o acido chlorhydrico — dissolução incompleta com effervescencia.

e. A parte solúvel no acido chlorhydrico, e neutralisado o seu excesso pelo ammoniaco, foi depois tractada pelos reagentes seguintes:

14.º Com o oxalato ammonico — precipitado branco; mostrando a presença de saes calcicos.

f. Filtrado este precipitado, o liquido restante tractado:

15.º Com o phosphato ammonico — ligeira turvação branca; indicando vestigios de saes magnésicos.

16.º Com o cyanureto ferroso-potassico — não deu coloração azul; designando a não existencia de saes ferricos.

C. Parte insolúvel na agua distillada e no acido chlorhydrico.

17.º Com um soluto de carbonato potassico, tractado a quente e filtrado, este liquido produziu, com o chlorureto baryto, precipitado branco; e o residuo que ficou no filtro, tractado pelo acido chlorhydrico, dissolveu-se em parte com effervescencia: neutralizado o excesso do acido pelo ammoniaco, e tractado com o oxalato ammonico — deu diminuta porção de precipitado branco; accusando tudo isto vestigios de sulphato calcico.

g. A outra parte insolúvel do residuo (17º), reconheceu-se ser formada de silica e materia organica.

A Commissão, em presença d'estes trabalhos, é de parecer que esta agua é potavel de boa qualidade; e propria para todos os usos domesticos, em que se costumam empregar as aguas potaveis.

#### **AGUA DO TANQUE DE LAVAGEM JUNCTO AO TEJO.**

Este tanque está situado ao S. da Rua do Jardim do Tabaco, indo do lado do O.; tem a forma quadrangular, é mui espaçoso, e todo formado de cantaria. Para este tanque, e por uma bica de cantaria do lado do O., cahe a agua que sobeja do tanque grande do Chafariz de Dentro, correndo por um encanamento que passa por baixo do largo do dito chafariz.

N'este tanque lavam roupa muitas mulheres do bairro;

#### **AGUA DO POÇO NO BECCO DE PENA-BOQUEL.**

Este bécco está situado na parte inferior da Rua dos Remedios, ao N. da Rua do Jardim do Tabaco, pertencente á Freguezia de S. Estevão d'Alfama, e ao lado de

L. do Chafariz de Dentro. A entrada para este bêcco é por um arco d'alvenaria.

O poço no Bêcco de Pena-Boquel, existe no centro da área que comprehende este bêcco, e um pouco encostado á parte de L. A bocca do poço é quadrangular, toda formada de cantaria, e tapada com duas lageas.

Como a agua d'este poço seja potavel, a Ex.<sup>ma</sup> Camara Municipal de Lisboa, por occasião de grandes seccas ou faltas d'agua na Cidade, tem mandado abrir o poço e facultado ao Povo o uso da mesma agua; ja analysada por esta Sociedade, em virtude de convite da dita Camara Municipal, por seu Officio de 5 d'Agosto de 1837 (22).

#### AGUA DO CHAFARIZ DA BICA DO ÇAPATO.

Este chafariz, que tem o n.º 21, está situado ao N. da Rua da Bica do Çapato, e defronte do Caes do Tojo; pertencente á Freguezia de Sancta Eufrazia, que consta de 1:945 fogos, e approximadamente de 7:700 habitantes, e ao 1.º dos Bairros (o d'Alfama) em que se divide a Cidade, e ao 1.º Districto Criminal.

Tem duas entradas, pelos lados do O. e L., descendo-se por este lado por dez degraus de pedra, e pelo outro por uma pequena ladeira de calçada; correndo a agua, que de verão é muito pouca, por duas bicas de ferro, e para um tanque de pedra, de forma quadrilonga, destinado para n'elle beberem as cavalgaduras, bois, &c.

Na parte superior do chafariz, e em cantaria, está inscripta a era de 1674.

Depois de submittida esta agua a varias observações e analyses, tanto juncto ao chafariz como no Laboratorio; deu os resultados seguintes:

#### *Propriedades physicas.*

- 1.º Limpida.
- 2.º Cór. . . . . } nullos.
- 3.º Cheiro. . . . . }

4.º Sabôr — d'agua potavel.

5.º A temperatura, observada nas bicas ás 5 horas e meia da tarde do dia 10 de Maio de 1847, era de + 18,5, sendo a do ar atmospherico de + 16,5, e á pressão de 744,21.

6.º A sua densidade, apreciada no Laboratorio, está para um egual volume d'agua distillada : : 1,079 : 1,000, á temperatura de + 13,5, e á pressão de 759,45.

*Ensaio chymico feito juncto ao Chafariz.*

1.º Agitada — produziu bôlhas que se destruíram com muita facilidade.

2.º Com o alcoholado de tornasol — insensível ; mostrando não conter acido livre.

3.º Com o hydrolado calcico — precipitado branco, insolúvel no excesso da mesma agua ; accusando não conter acido carbonico livre.

4.º Com o acetato plumbico — precipitado branco, que não ennegreceu ; mostrando a não existencia de gaz sulphydrico ou sulphuretos.

5.º Com o alcoholado de sabão — ligeira turvação branca ; indicando conter pequena porção de saes calcicos ou magnescicos.

6.º Com o alcoholado de pau de Campêche — cor violeta ; accusando a existencia de bi-carbonatos.

7.º Com o chlorureto calcico — insensível ; indicando a não existencia de bi-carbonatos alcalinos.

8.º Com o sulphyrato ammonico — insensível ; designando não conter saes metallicos.

**TRABALHOS FEITOS NO LABORATORIO.**

*Analyse qualitativa.*

1.º Um litro d'esta agua submettida á ebullição, e re-

2.ª *Serie, T. I. — N.º 4.*

colhidos os gazes produzidos para uma campanula, deu 44 centímetros cubicos dos ditos gazes; á temperatura de +22°, e á pressão de 751,<sup>m</sup>83.

2.º Tractados estes gazes pela potassa caustica, deixaram 20 centímetros cubicos d'ar atmosferico.

3.º Outro litro da mesma agua, evaporada a calor brando até á seccura, em uma capsula de platina; produziu substancias fixas 0,<sup>gr</sup>.75.

4.º Tractado este residuo da evaporação pela agua distillada, e filtrada a parte solúvel; deu o seguinte:

4. Parte solúvel na agua distillada.

5.º Acidulada com acido azotico e tractada pelo azotato argéutico — precipitado branco, solúvel na ammonia; mostrando haver chloruretos.

6.º Acidulada com acido chlorhydrico e tractada com o chlorureto barytico — precipitado branco; accusando conter sulphatos.

7.º Acidulada com acido sulphurico em excesso, e tractada com o sulphato ferroso — ligeira coloração purpurea; indicando a existencia de nitratos.

8.º Com o hydrolado d'amydo e agua recentemente oxygenada, pelo processo do Sr. Alvaro Reynoso — não deu coloração azul; accusando não conter iodo. (\*)

9.º Com o chlorureto e oxalato ammonicos — precipitado branco abundante; mostrando a presença de grande quantidade de saes calcicos.

a. Separado este precipitado pela filtração, o liquido foi dividido em duas porções; uma d'ellas tractada:

10.º Com o phosphato ammonico — ligeira turvação branca; indicando vestigios de saes magnésicos.

b. A outra porção do liquido filtrado a, evaporado até á seccura, e calcinado até serem decompostos os saes am-

(\*) Esta observação, e todas as mencionadas nas analyses das outras aguas já publicadas, nas quaes se empregou o processo do Sr. Reynoso, foram feitas no anno de 1849.

monicos; foi em seguida dissolvido em agua distillada, e precipitada a magnesia e o acido sulphurico pela agua de baryta.

c. Filtrado este precipitado, e eliminado o excesso da baryta pelo carbonato ammonico; foi novamente filtrado, e o liquido evaporado até á secco e calcinado.

d. Este residuo calcinado, dissolvido em agua distillada, foi tractado:

11.º Com o bi-chlorureto platinico e alcohol de 36º — insensivel; accusando não conter saes potassicos.

12.º Com o antimoniato potassico granuloso, e recentemente solvido n'agua distillada — precipitado branco crystallino; indicando a presença de saes sodicos.

**B. Parte insolúvel na agua distillada.**

13.º Com o acido chlorhydrico — dissolução incompleta com effervescencia.

e. A parte soluvel no acido chlorhydrico, e neutralisado o seu excesso pelo ammoniaco, foi depois tractada pelos reagentes seguintes:

14.º Com o oxalato ammonico — precipitado branco abundante; mostrando a presença de grande quantidade de saes calcicos.

f. Filtrado este precipitado, o liquido restante tractado:

15.º Com o phosphato ammonico — ligeiro precipitado branco; indicando pequena porção de saes magnésicos.

16.º Com o cyanureto ferroso-potassico — não deu coloração azul; designando a não existencia de saes ferricos.

**C. Parte insolúvel na agua distillada e no acido chlorhydrico.**

17.º Com um soluto de carbonato potassico, tractado a quente e filtrado, este liquido produziu, com o chlorureto barytico, precipitado branco; e o residuo que ficou

no filtro, tractado pelo acido chlorhydrico, dissolveu-se em parte com effervescencia: neutralizado o excesso do acido pelo ammoniaco, e tractado com o oxalato ammonico — deu diminuta porção de precipitado branco; accusando tudo isto a presença de sulphato calcico.

g. A outra parte insolavel do residuo (17°), reconheceu-se ser formada de silica e materia organica.

A Commissão, em presença d'estes trabalhos, é de parecer que esta agua é potavel de inferior qualidade; e propria para os usos domesticos, em que se costumam empregar as aguas potaveis.

O Medico Dr. Fonseca Henriques (23), descrevendo os usos medicinaes d'esta agua, diz « que serve para intemperanças quentes, e para curar achaques cutaneos, a que chamão do figado; e assim tambem para as queyxas da ourina, dysuria, estranguria; e finalmente para todos os males que procederem de calor. »

Havendo pois a Commissão terminado a noticia das aguas das immediações dos Banhos das Alcaçarias, acompanhada das respectivas observações; seja-lhe ainda permitido apresentar-vos o Mappa analytico e comparativo das referidas aguas, e bem assim algumas considerações e apontamentos historicos, concernentes ao local d'estas aguas.

O Castello de Lisboa, desde a summidade da Torre, que serviu d'Observatorio, até ao nivel do Tejo, tem d'altura 462 palmos (24).

Todas as aguas de que acima demos noticia, e as dos Banhos das Alcaçarias, com as quaes ainda temos de nos occupar, vertem d'este monte; sendo em consequencia da disposição e declivio das camadas dos terrenos do referido monte, que a maior parte das ditas aguas correm para o lado do S. a ajunctarem-se ás do Tejo. Para o lado do N. mui poucas são as de que temos conhecimento, e essas mesmas não potaveis.

(23) Obra citada (vide a nota 14°).

(24) O palmo equivale a 0,22 centimetros da nova medida franceza; e 1 braça é igual a 2 metros e 1 quinto: 139  $\frac{1}{2}$  palmos equivalem a 100 pes inglezes.

*MAPPA analytico e comparativo das Aguas existentes no districto das Alcaçarias de Lisboa.*

ANALYSE QUALITATIVA.	Agua do Arco da Senhora da Conceição.	Aguas do Chafariz d'El-Rei.		Agua do Tanque das Lavadeiras d'Alfama.	Agua do Chafariz de Dentro.	Agua do Chafariz da Praia.	Agua do Chafariz da Bica do Çapato.
		Das 7 bicas a O. do chafariz.	Das 2 bicas a L. do chafariz.				
<i>Propriedades physicas.</i>							
Estado . . . . .	Limpida.	Limpida.	Limpida.	Limpida.	Limpida.	Limpida.	Limpida.
Côr. . . . .	Nulla.	Nulla.	Nulla.	Nulla.	Nulla.	Nulla.	Nulla.
Cheiro . . . . .	Nulla.	Nulla.	Nulla.	Nulla.	Nulla.	Nulla.	Nulla.
Sabor . . . . .	Salobra.	Potavel.	Potavel.	Potavel.	Potavel.	Potavel.	Potavel.
Temperatura da agua . . . . .	19,° 5	24,° 5	18,° 5	27,° 5	25°	23,° 5	18,° 5
— do ar atmospherico . . . . .	18,° 5	16°	16°	18°	16°	15°	16,° 5
Pressão barometrica . . . . .	739, <sup>m</sup> 13	741, <sup>m</sup> 67	741, <sup>c</sup> 67	759, <sup>m</sup> 45	741, <sup>m</sup> 67	739, <sup>c</sup> 13	744, <sup>m</sup> 21
Densidade { está para um equal vol. d'agua distill. <sup>a</sup>	:: 1,105 : 1,000	:: 1,079 : 1,000	:: 1,046 : 1,000	:: 1,078 : 1,000	:: 1,066 : 1,000	:: 1,067 : 1,000	:: 1,079 : 1,000
{ á temperatura de . . . . .	17°	13,° 5	13,° 5	13°	13,° 5	13,° 5	13,° 5
{ e á pressão de . . . . .	736, <sup>m</sup> 59	779, <sup>m</sup> 77	779, <sup>m</sup> 77	761, <sup>m</sup> 99	759, <sup>m</sup> 45	759, <sup>m</sup> 45	759, <sup>m</sup> 45
<i>Ensaio chymico feito juncto aos Chafarizes.</i>							
Agitada, produziu bôlhas que se destruíram com. . .	Facilidade.	Muita facilidade.	Muita facilidade.	Muita facilidade.	Muita facilidade.	Muita facilidade.	Muita facilidade.
Alcoholado de tornasol. . . . .	Insensível.	Insensível.	Insensível.	Insensível.	Insensível.	Insensível.	Insensível.
Hydrolado calcico. . . . .	Precipitado branco.	Precipitado branco.	Precipitado branco.	Precipitado branco.	Precipitado branco.	Precipitado branco.	Precipitado branco.
Acetato plumbico . . . . .	Idem.	Idem.	Idem.	Idem.	Idem.	Idem.	Idem.
Alcoholado de sabão. . . . .	Pr. <sup>do</sup> br. <sup>o</sup> abund. <sup>o</sup>	Ligeira turv. <sup>ção</sup> br. <sup>ca</sup>					
— de pau de Campêche . . . . .	Côr violeta.	Côr violeta.	Côr violeta.	Côr violeta.	Côr violeta.	Côr violeta.	Côr violeta.
Chlorureto calcico . . . . .	Insensível.	Insensível.	Insensível.	Insensível.	Insensível.	Insensível.	Insensível.
Sulphyrato ammonico . . . . .	Idem.	Idem.	Idem.	Idem.	Idem.	Idem.	Idem.



Centro de Documentação Farmacêutica  
da Ordem dos Farmacêuticos

ANALYSE QUALITATIVA.	Agua do Arco da Se- nhora da Coneição.	Aguas do Chafariz d'El-Rei.		Agua do Tanque das Lavadeiras d'Alfama.	Agua do Chafariz de Dentro.	Agua do Chafariz da Praia.	Agua do Chafariz da Bica do Çapato.	
		Das 7 bicas a O. do chafariz.	Das 2 bicas a L. do chafariz.					
<b>TRABALHOS FEITOS NO LABORATORIO.</b>								
Um litro d'agua, produziu	gazes . . . . . à temperatura de . . . . . e à pressão de . . . . . ar atmosferico . . . . . substancias fixas . . . . .	26 cent. cub. 22,° 5 759, <sup>m</sup> 45. 16 cent. cub. 1,gr. 07	31 cent. cub. 19° 751, <sup>m</sup> 83 22 cent. cub. 0,gr. 5	25 cent. cub. 22° 739, <sup>m</sup> 13 18 cent. cub. 0,gr. 3	31 cent. cub. 22° 751, <sup>m</sup> 83 16 cent. cub. 0,gr. 47	47 cent. cub. 22,° 5 739, <sup>m</sup> 13 19 cent. cub. 0,gr. 57	48 cent. cub. 22° 751, <sup>m</sup> 83. 20 cent. cub. 0,gr. 6	44 cent. cub. 22° 751, <sup>m</sup> 83 20 cent. cub. 0,gr. 75
Parte solúvel na agua distillada.								
Acido azotico e azotato argenticó . . . . . — chlorhydrico e chlorureto barytico . . . . . — sulphurico em excesso e sulphato ferroso . . . . . Hydrolado d'amydo e agua recentemente oxygenada. Chlorureto e oxalato ammonicos . . . . . Phosphato ammonico . . . . . Bi-chlorureto platinico e alcohol de 36° . . . . . Antimoniato potassico . . . . .	Precipitado branco. Idem. Coloração purpurea. Insensivel. Pr. br.° m.° abund.° Precipitado branco. Insensivel. Precip. do br.° cryst.°	Precipitado branco. Idem. Lig. ra col. ção purp.° Insensivel. Precip. do br.° ab.° Lig. ra turv. ção branca. Insensivel. Precip. do br.° cryst.°	Precipitado branco. Idem. Insensivel. Idem. Precipitado branco. Lig. ra turv. ção branca. Insensivel. Precip. do br.° cryst.°	Precipitado branco. Idem. Insensivel. Idem. Precipitado branco. Lig. ra turv. ção branca. Insensivel. Precip. do br.° cryst.°	Precipitado branco. Idem. Insensivel. Idem. Precipitado branco. Lig. ra turv. ção branca. Insensivel. Precip. do br.° cryst.°	Precipitado branco. Idem. Insensivel. Idem. Precipitado branco. Lig. ra turv. ção branca. Insensivel. Precip. do br.° cryst.°	Precipitado branco. Idem. Ligeira col. purp. Insensivel. Precip. do br.° ab.° Lig. ra turv. ção branca. Insensivel. Precip. do br.° cryst.°	
Parte insolúvel na agua distillada.								
Acido chlorhydrico . . . . . Oxalato ammonico . . . . . Phosphato ammonico . . . . . Cyanureto ferroso-potassico . . . . .	Diss. ção incompleta. Pr. br.° m.° abund.° Precipitado branco. Insensivel.	Diss. ção incompleta. Precip. do br.° ab.° Lig. ra turv. ção branca. Insensivel.	Diss. ção incompleta. Precipitado branco. Lig. ra turv. ção branca. Insensivel.	Diss. ção incompleta. Precipitado branco. Lig. ra turv. ção branca. Ligeira col. ção azul.	Diss. ção incompleta. Precipitado branco. Lig. ra turv. ção branca. Insensivel.	Diss. ção incompleta. Precipitado branco. Lig. ra turv. ção branca. Insensivel.	Diss. ção incompleta. Precip. do br.° ab.° Lig.° prec.° branco. Insensivel.	
<b>N. B.</b> A parte insolúvel na agua distillada e no acido chlorhydrico, reconheceu-se ser formada de:	Sulphato calcico . . . . . Silica . . . . . Materia organica . . . . .	Quantidade abund.° Vestigios. Indicios.	Pequena quantidade. Vestigios. Indicios.	Dimin. quantidade. Vestigios. Indicios.	Dimin. quantidade. Vestigios. Indicios.	Dimin. quantidade. Vestigios. Indicios.	Pequena quantidade. Vestigios. Indicios.	

Posto que os Escriptores, antigos e modernos, que hão tractado d'estas aguas, deem o seu *manancial em torno do monte do Castello*, e assim o pareçam indicar as *noticias tradicionaes*, e os *monumentos historicos*; a Commissão não achou todavia observação alguma feita, pela qual se podesse convencer de que a origem das mencionadas aguas resida no dito monte: porque não julga sufficiente, para isso se dar como provado, o terem-se encontrado alguns monumentos ou edificios de *thermas* ou banhos em torno do referido monte.

Durante estas indagações, constou á Commissão que, por experiencias feitas pela Repartição das Aguas-Livres, e pela Inspeção dos Incendios, as aguas dos Chafarizes, d'El-Rei, de Dentro, e da Prata, correm em menos quantidade no principio do inverno que no verão; e esta circumstancia não pode deixar de ser tomada em consideração, na presença das opiniões acima descriptas, pois de certo modo assés fortifica a supposição de que a origem d'estas aguas não existe no monte do Castello de Lisboa.

Não cabia por certo á vossa Commissão occupar-se d'este importante trabalho; uma Commissão especial, nomeada pelo Governo, seria talvez a mais conveniente para examinar este assumpto, e com mais proficuidade resolver este problema.

As aguas dos tres chafarizes acima mencionados, correm na quantidade de menos dez por cento que toda a do Aque ducto Geral das Aguas-Livres. Os dous Mappas que se seguem, e que nos foram offerecidos, confirmam o que acabamos d'expôr.

*Mapa da quantidade d'agua corrente nos chafarizes abaixo designados; observação feita no dia 8 de Maio de 1848, pelo Inspector dos Incendios o Sr. João Maria Ferrô.*

Chafarizes.	Designação das bicas.	Segundos que gastou a encher um barril d'agua dentro.	Quantos almu-des por hora.	Quantos almu-des por dia.	Total d'almu-des por dia, em cada cha-fariz.	Total d'almu-des por dia, nos tres cha-farizes.
D'El-Rei...	1. <sup>a</sup> (começando do O.)	65	85,38	€0,49,12	}	}
	2. <sup>a</sup>	68	79,41	1905,84		
	3. <sup>a</sup>	30	180,00	4320,00		
	4. <sup>a</sup>	40	135,00	€240,00	}	
	5. <sup>a</sup>	45	120,00	€2880,00		
	6. <sup>a</sup>	40	135,00	€240,00		
	7. <sup>a</sup>	40	135,00	€240,00	}	
	8. <sup>a</sup>	150	36,00	864,00		
	9. <sup>a</sup>	105	61,44	1234,56		
De Dentro.	1. <sup>a</sup> (começando do O.)	40	136,00	€240,00	}	}
	2. <sup>a</sup>	75	73,98	1775,50		
	3. <sup>a</sup>	85	67,05	1609,20	}	
	4. <sup>a</sup>	55	98,23	€257,52		
	5. <sup>a</sup>	48	112,50	€2700,00		
Da Praia...	1. <sup>a</sup> (de L. que olha ao N.)	40	135,00	€240,00	}	}
	2. <sup>a</sup>	90	60,00	1440,00		
	3. <sup>a</sup> (de O. que olha ao S.)	71	76,06	1825,44		
						41161,18

Centro de Farmacêutica da Ordem dos Farmacêuticos

*Mappa da quantidade d'agua que forneceu ao publico o Aqueducto Geral das Aguas-Livres, nos annos abaixo designados, com a differença entre a primeira e a segunda medição; feito em 16 de Maio de 1848, pelo Mestre Geral das Aguas-Livres o Sr. FELIX JOSÉ DA COSTA.*

Annos.	Primeira medição.				Segunda medição.				Differen- ças da 1. <sup>a</sup> & 2. <sup>a</sup> me- dição.		
	Dias.	Mezes.	Pennas.	Anneis.	Dias.	Mezes.	Pennas.	Anneis.	Pennas.	Anneis.	
1836	27	Julho	64	4	20	Dez. <sup>bro</sup>	30	2	33	2	
1837	16	Maio	56	3	1	Dito	25	1	31	2	
1838	23	Agosto	65	"	3	Nov. <sup>bro</sup>	49	4	15	4	
1839	5	Julho	60	6	15	Outubro	38	3	22	3	
1840	4	Agosto	63	5	1	Dito	49	4	13	6	
1841	16	Dito	64	2	15	Set. <sup>bro</sup>	55	3	8	7	
1842	12	Julho	62	6	17	Outubro	41	5	21	1	
1843	17	Agosto	73	5	16	Dez. <sup>bro</sup>	49	"	24	3	
1844	25	Julho	61	3	16	Outubro	34	6	26	5	
1845	4	Set. <sup>bro</sup>	61	1	17	Dito	57	"	4	1	
1846	18	Agosto	65	3	17	Nov. <sup>bro</sup>	47	1	18	2	
1847	16	Dito	66	3	1	Outubro	51	6	5	2	
Termo medio dos ditos mezes			63	7				44	2	18	5

*Aguas particulares que entram e sahem do Aqueducto Geral.*

1836		8	1		4	"	4	1
1837		6	1		4	6	1	3
1838		3	6		3	1	3	5
1839		4	"		2	6	1	2
1840		4	7½		3	6½	1	1
1841		4	7		4	3½	"	3½
1842		7	6½		4	5½	3	1
1843		7	7		5	4	2	3
1844		6	6		4	2	2	4
1845		7	4		7	1	"	3
1846		8	1		4	"	4	1
1847		8	6		6	6	2	"
Termo medio dos ditos annos			6	5		4	2½	2 proxim. <sup>te</sup>

Em quanto á natureza geognostica do terreno, cumpre a esta Commissão apresentar-vos um extracto dos trabalhos do Sr. Barão d'Eschwege, insertos nas Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa, tomo XI, 1831.

Diz que « a formação de *Jura* he descoberta pelo Terreno » terciario de bancos *calcareos marnosos*, de *Argillas plasticas*, » de *Aréas verdes* com *Marnes*, e de *Calcareo grosseiro* (*Calcaire de París*): desde o alto da rua da *Boa vista* ao longo do Tejo acima até á *Povoa*, e *Alverca*, e se estende » para o Norte até o *Lumiar*, e *Friellas*, comprehendendo-se as alturas de *Santa Catharina*, a *Patriarchal Queimada*, o *Campo de Santa Anna*, as alturas do *Castello*, » da *Graça*, e da *Penha de França*, *Arroios*, e todo o *Campo grande*, &c. . . . . »

Differentes obras e escriptos antigos nos certificam de que, além dos chafarizes de que ja demos noticia, haviam proximos: o *Chafariz dos Pãos*, situado entre os Banhos das Alcaçarias e o Chafariz de Dentro, que tinha quatro bicas, e d'elle faziam aguada os navios; o *Chafariz dos Cavallos*, na Rua Nova de Lisboa Occidental, onde havia dous cavallos de bronze, por onde sahia a agua, e que se tiraram no tempo d'El-Rei D. FERNANDO I, por occasião da guerra com a Hespanha, para que os não levassem; e o *Chafariz do Terreiro do Paço*, que tinha quatro bicas de agua que ia do Chafariz d'El-Rei.

Depois do terremoto que teve logar no 1.º de Novembro de 1755, e pela abertura dos alicerces para a reedificação da Cidade, se encontraram antigos edificios, mormente junctos ao monte do Castello; os quaes nos persuadem de que, no tempo dos Romanos, serviam para banhos quentes.

O Padre D. Thomás Caetano de Bem, Clerigo Regular (25), diz o seguinte: « Trabalhando-se (em 1772) nos ali-

(25) Noticia das *Thermas*, ou Banhos Cassianos, e outros Monumentos Romanos, modernamente descobertos na Cidade de Lisboa.

Esta Obra inedita existe na Sala dos Manuscriptos da Bibliotheca Publica de Lisboa: tem 17 paginas, tres notas escriptas nas pag. 2, 5, e 14, e uma declaração (que se diz) feita pela letra do mesmo Auctor, e no fim da Obra.

» cerces do Palacio que o Correio Mor deste Reino (per-  
» tencente á casa do Conde de Penafiel) levantava das rui-  
» nas do grande Terremoto de 1755, contiguo ao sitio das  
» Pedras Negras, se descobrirão para a parte do Poente  
» humas Thermas, ou Banhos com huma grande abundancia  
» d'agua. A sua fabrica se conheceu logo ser obra dos Ro-  
» manos, e do tempo em que o seu Imperio mais florescia,  
» pela elegancia e magestade da construcção, e pela noticia  
» que dava a Inscricção, que a acompanhava.

.....  
» As sobreditas Thermas ou Banhos, parece comprehen-  
» dião um grande espaço: por quanto correndo deste lu-  
» gar quasi trezentos passos para a parte do Meiodia na  
» Rua Bella da Rainha, vulgarmente chamada da Prata,  
» e defronte da Parochial Igreja de Santa Maria Magdalena,  
» trabalhando-se para abrir alicerces de algumas cazas de  
» pessoas particulares (no anno de 1773), se descobrirão  
» outros muitos nichos, ou tanques de semelhante fabrica  
» e construcção; e junto a estes a seguinte Inscricção:

SACRUM  
ÆSCULAPIO  
M. AFRANIUS EUBOROENSIS  
ET  
L. FABIVS DAPHNVS  
A. V. G.  
MUNICIPIO. D. L.

» Diz: *Sacrum Æsculapio Marcus Afranius Euboroensis*  
» *et Lucius Fabius Daphnus Augustali Municipio Dicant La-*  
» *pidem.* Em Portuguez: Memoria consagrada a Esculapio.  
» Marco Afranio Euboroense, e Lucio Fabio Daphno no  
» Augusto Municipio Dedicarão este padrão.  
» A renovação desta Fabrica entendemos ser feita no  
» anno de Christo 335 ou 336, e da Fundação de Roma  
» 1088 ou 1089: trigesimo do Imperador Constantino,  
» porque n'este tal anno erão Consules em Roma Flavio  
» Nepociano e Popilio Facundo, sobre o que se pode ver  
» 2.<sup>a</sup> Serie, T. I. — N.<sup>o</sup> 4.

» (entre outros) o M. Flores na sua *Hespanha Sagrada* tom. IV. pag. 516 e 525.

» Em pouca distancia destes Banhos estava hum Templo de Esculapio, como se vê da Memoria que refere » Marinho no livro 3. cap. 7, e he a seguinte:

ÆSCULAPIO SACRUM.  
CULTORIBUS LARUM  
MARIO ET MANLIO AQUILIO COSS. IT.  
JULIUS MACRINUS.

D.

» Diz em Portuguez: *Memoria consagrada a Esculapio* » *pellos Veneradores dos Deoses Lares, sendo Consules se-* » *gunda vez Mario e Manlio Aquilio. Julio Maerino a deu.* » Corresponde ao anno da Fundação de Roma 653, cem » annos antes do nascimento de Christo.»

» O Dr. Francisco Tavares (26) refere que « entre o Caes, » do Tojo e o dos Soldados, mui perto da corrente do Te- » jo, abrindo-se alicerces para se edificarem as cazas, que » da banda de L. fazem frente ao largo do Quartel Militar, » appareceu poucos annos ha quantidade de agua thermal, » e com indicio de antigo banho; que se entulhou, e con- » fundio no alicerce sem maior averiguação ou por igno- » rancia, ou por negligencia.»

» O Sr. Dr. Bernardino Antonio Gomes, nosso Consocio » Honorario, e Antonio Pedro Cardoso, que exercia o lo- » gar de Secretario e Demonstrador de Cirurgia da Eschola » Medico-Cirurgica de Lisboa (27), dizem o seguinte: « que » na occasião, em que se abriu o cano da Rua da Con- » ceição (vulgo dos Retrozeiros) se achára entre a Rua vul- » gamente chamada da Prata, e a Rua Augusta, na pro- » fundidade de 14 palmos pouco mais ou menos uma es- » pecie de cano, que seguido para a parte do nascente hia » em direcção ao largo da Magdalena, e no sentido opposto » corria com obliquidade para a Rua dos Algebibes, que

(26) Obra citada (vide a nota 19<sup>a</sup>).

(27) *Jornal das Sciencias Medicas de Lisboa*, 1.<sup>a</sup> Serie, tomo 2.<sup>o</sup> 1835.

» Ihe fica immediata e parallela..... que a agua, que  
» por ali corria, era dotada de certas *virtudes curati-*  
*vas.....* »

» Nas casas, que fazem frente para a Rua da Prata, e  
» dos Retrozeiros do lado meridional, he tambem geral-  
» mente constante, que apparecêra no tempo da construc-  
» ção dessa propriedade um poço, cuja agua tinha quali-  
» dades sulfureas, e que hoje nos dizem, se acha tapado. »

No Panorama, volume 2.<sup>o</sup> de 1838, e pag. 116, vem  
a noticia de uma cisterna maravilhosa; da qual consta que  
« defronte da porta do Castello de Lisboa, chamada d'Al-  
» fôfa estão umas casas que foram do desembargador Má-  
» nuel Pinto de Mira..... Estas casas teem um quintal  
» com parreiras e muro para a parte do seminario de S.  
» Patricio, e nelle uma pequena estrebaria, na qual tem  
» uma cisterna (que tal não é, nem foi, nem será facil  
» saber-se o seu principio, e o que hoje é): tem bocal de  
» poço de pedra, que lhe fizeram ha poucos annos; porém  
» mostra que foi achada por acaso, porque a abobada é  
» monstruosa, e mostra que foi quebrada para se ver o  
» que continha: é tão grande, que dizendo-se uma pala-  
» vra no bocal, a repete o echo inteira e clara, quasi um  
» quarto de hora: tem tanta agua, que nunca com bom-  
» bas se pôde diminuir e menos esgotar..... »

Eis-aqui, Senhores, o que a vossa Commissão encon-  
trou de mais interessante sobre as mencionadas aguas e  
diversos monumentos. Foi por ventura um pouco extensa  
na sua narração, mas a importancia do assumpto assim o  
exigia; e não menos a persuasão de que o nosso trabalho  
seria mais completo, reunindo n'este Relatorio o que achá-  
mos disperso em diferentes Escriptos, tanto antigos como  
modernos.

Passaremos por tanto a descrever as Aguas dos Banhos  
das Alcaçarias, e bem assim as suas analyses qualitativa  
e quantitativa. (Continúa.)

PEÇAS OFFICIAES,

Extracto das Actas das Sessões Litterarias.

Acta n.º 394, de 14 de Março de 1850.

Presidencia do Sr. A. Carvalho.

Pelas 7 horas da noite declarou o Sr. Presidente aberta a Sessão; foi lida e approvada a Acta da antecedente.

O Sr. 1.º Secretario, deu conta da correspondencia e objectos doados; e bem assim declarou: 1.º, ter visitado o nosso Conscocio o Sr. Ogando, e que se achava melhor do seu encommodo; 2.º, ter fallado com o Sr. José Joaquim d'Araujo, Official em Commissão no Ultramar, acerca do seu importante offerecimento feito á Sociedade; 3.º, ter a Camara dos Srs. Deputados approvado, sem discussão, o Parecer n.º 4 F da Commissão de Guerra, indeferindo a Representação d'esta Sociedade, em que se pedia a concessão de Patentes para os Pharmaceuticos do Exercito; e 4.º, ter recebido do Sr. Antonio Vaz Teixeira, Pharmaceutico em Tonga, uma planta para ser estudada pela Sociedade, a qual foi remettida á Commissão d'Historia Natural.

O Sr. J. Tedeschi, requereu se mencionasse na Acta, que a Sociedade recebera, com profundo sentimento, a conclusão do Parecer da Commissão de Guerra, por ser fundado com inexactidão; por quanto são mais os Pharmaceuticos empregados permanentemente no Serviço do Exercito. Approvado.

Os Srs. Telles Senior, em nome do Sr. Cardoso, de Mirandella, e J. Tedeschi, fixeram propostas de Candidatos para Socios; e, dispensadas as formalidades do Regimento, foram admittidos para a Classe de Correspondentes Nacionaes, os Srs., José Vicente Pires, Pharmaceutico na Torre de D. Chama, e André Martins Heitor, Pharmaceutico no Crato.

O Sr. J. Tedeschi, propoz, com urgencia, que se representasse á Camara dos Dignos Pares do Reino, pedindo que, na confecção da Lei de pesos e medidas, seja substituida a nomenclatura, adoptada pela Camara dos Srs. Deputados, pela scientifica e philosophica; como mais simples, facil, significativa, e commoda. Foi admittida á discussão e approvada; bem como foi auctorisada a Mesa para fazer a Representação e remettel-a ao seu destino.

Discutiui-se, e foi approvado, com uma pequena modificação feita pelo Sr. J. Tedeschi, o Parecer da Commissão de Direito-Pharmaceutico, que regula as condições indispensaveis para a

admissão de Membros, Benemeritos, Honorarios, e Correspondentes Estrangeiros.

O Sr. J. D. Corrêa, lembrou que estas disposições additionaes ao Regimento Interno da Sociedade, deviam ser impressas no Jornal. Approvado.

Foi admittido, como Membro Correspondente Estrangeiro, o Sr. Lobão, residente no Maranhão.

Pelas 9<sup>h</sup> horas da noute fechou-se a Sessão.

S. A. E. da Silva,  
2.<sup>o</sup> Secretario.

### DIVERSIDADES.

Vida de Nicolau Lémery. Memoria de Sr. P. A. Cap.;  
continuada de pag. 72.

Depois da apparição do seu Diccionario, um grande numero de substancias desappareceram do catalogo dos agentes medicinaes; o commercio das drogas mudou de curso e d'objectos, as mesmas drogas, que são trazidas de paizes estrangeiros, teem soffrido modificações em sua natureza e em seus caracteres apparentes. É preciso pois possuir um vasto repertorio, no qual se possa encontrar com certeza os caracteres que lhe serviram de typo em uma epocha ja remota, como aquelles que se applicavam a uma immensidade de substancias que cessaram de figurar nas obras modernas. O Diccionario das Drogas simples é escripto n'um estylo sempre claro e resumido. Vê-se que as investigações, de que elle apresenta o resultado, foram feitas com consciencia, exactidão e boa fé. A synonymia, que acompanha cada artigo, é igualmente completa como o podia ser então. Em fim a historia recente a esta epocha, e da descoberta d'algumas substancias d'um subido interesse therapeutic, taes como foram a quina, o cato, o cacau, o ricino, a ipecacuanha, a nicociana, e uma immensidade d'outras, dará sempre a este livro um grau incontestavel de auctoridade e importancia na Materia Medica.

A ultima Obra de Lémery é o seu *Tractado do Antimonio*. Este livro é a collecção de diversas Memorias que

o Auctor tinha lido na Academia das Sciencias, sobre este vasto objecto, desde o anno de 1700 até 1707, epocha em que elle appareceu; obra eminentemente practica, escripta toda inteira no laboratorio, e onde se reconhece egualmente toda a sagacidade d'um Chymico consumado, e habilidade d'um practico de primeira ordem. Os preparados de que o antimonio é base, na Obra de Lémery são muito mais numerosos do que os que encerram hoje os nossos Tractados de Chymica. Alguns d'esses preparados foram desprezados, ou porque conheceram que os diversos processos dariam muitas vezes logar a productos identicos, ou porque foram julgados inuteis ou inefficazes. Outros, mas em mui pequeno numero, foram descobertos depois. Tal é o kermes, que, todavia, Lémery parece ter obtido sem o distinguir bem do enxôfre dourado d'antimonio, como o estabeleceu Lémery, o filho. O *Tractado do Antimonio* é um livro que se estuda ainda com fructo, quando se tracta d'este metal, e que se queira apoiar n'estas pesquisas sobre um excellente guia.

Nos ultimos annos da sua vida, Lémery limitou-se a revêr as edições successivas das suas Obras, e a ler na Academia das Sciencias algumas Memorias sobre diferentes objectos de Chymica e de Historia Natural. As mais notaveis, depois da que se refere ao antimonio, são a sua explicação sobre a formação dos Volcões e das Aguas-Mineraes, seu exame das Aguas de Passy, observações sobre a camphora, mel, cera, e manna, em fim experiencias cheias d'interesse sobre a preparação do sublimado corrosivo.

Seja qual for a parte que Lémery tinha tomado nos progressos geraes da Chymica, e principalmente pelos serviços que fez ás Sciencias Medicas, tem o direito ao reconhecimento e aos elogios da posteridade. Bem que levado por uma inclinação natural, para as elevadas investigações da sciencia, não esqueceu nunca de que era Medico, e que principalmente tinha principiado pelo estudo e practica da Pharmacia. Tocado da incerteza dos meios materiaes da Arte de Curar, do pouco que se sabia da origem e natureza das substancias medicinaes, da imperfei-

ção dos processos pharmaceuticos, da diversidade e confusão que existiam nas formulas, resolveu levar a luz a essas trevas, e tirar a Arte dos Medicamentos do estado deploravel no qual ella se exauria.

A Pharmacia, com effeito, muito tempo confundida no cahos das composições arabes, não tinha tentado sahir d'elle senão para cahir em outro excesso, adoptando cegamente e sem reserva as preparações chymicas preconizadas pela Eschola de Paracelso. Foi então uma confusão geral. Os Medicos da antiga Eschola não prescreviam senão electuarios, confeições, antidotos, composições monstruosas que Gui Patin, com seu humor caustico, chamava *Cosinha Arabesca*, e que se appellidava mais seriamente da Pharmacia Galenica, ainda que ella fosse tão alongada d'Arte que tinha ensinado e practicado Galeno. Pelo contrario os Paracelsistas não empregavam senão preparados metallicos ou mineraes, pretendendo pôr a Arte dos Medicamentos em uma nova estrada, á qual deram o nome de Pharmacia-Chymica. Os primeiros, conformando suas prescrições á sua singular doutrina, sobre a natureza das molestias, não viam nas substancias medicinaes senão *alterantes, estimulantes, e incrassantes*; enchiam suas formulas d'uma multidão de drogas, das quaes umas formavam a base do medicamento, ao mesmo tempo que outras faziam funcções de correctivo, d'adjuvante, ou que deviam dirigi-las a travez do labyrintho do organismo. Os Medicos-Chymicos, a seu turno condemnando esse faustoso desinvolvimento de forças medicamentosas, pareciam não contar senão sobre a acção simples e energica dos preparados tirados do Reino Mineral, mas não sem abraçar o emprego dos prestigios, da cabala, da magia, e d'explicações estranhas da *Philosophia occulta*.

No meio d'esse deploravel conflicto, os Pharmaceuticos, modestos e cegos executores de sentenças tão oppostas, e tanto mais contradictorias que as que os levava a dar menos conta dos seus motivos, chamavam com todos os seus votos uma reforma que viesse tiral-os do cahos que os rodeava de todas as partes. Na verdade, quando se pensa no estado da

Pharmacia, no principio do seculo 17.<sup>o</sup>, pode conceber-se todo o sal das galantarias, as quaes estavam em contradicção com os Pharmaceuticos da epocha; mas é evidente que estes sarcasmos recahiam antes todos sobre a Medicina, tão pouco capaz tambem de dirigir a Pharmacia em uã melhor estrada, e primeira causa da confusão funesta, na qual a Arte se achava então mergulhada. Por ultimo, esses espirituosos ataques deviam logo alcançar seu fructo, e a Pharmacia não é dos ramos da Medicina que deve aproveitar-se menos do interesse da sciencia, como no da humanidade.

Não tardou com effeito a comprehender-se todos os perigos d'uma tal posição. Assustaram-se dos abusos que podiam resultar da incerteza, da multiplicidade das formulas; conheceram a necessidade de as terminar d'uã maneira precisa e uniforme; publicaram-se Dispensatorios nacionaes e officiaes; Medicos Philosophicos corrigiram e simplificaram as composições officinaes; os mesmos Pharmaceuticos principiavam a escrever sobre a sua Arte; a razão penetrava insensivelmente na confusão das prescrições pharmaceuticas, e a critica principiou a dar um certo realce ás Obras de Chymica e de Pharmacia.

(Continúa.)

Trad. pelo Sr. *F. B. Santos*.

## da Ordem dos Farmacêuticos

### SUMMARIO.

Observações critico-pharmaceuticas, acerca do musgo islandico; pelo Sr. H. J. S. Telles, 105. — Descrição do dilatometro de Silbermann, 110. — Mistura alcoholica, 114. — Solutio atrophico do Sr. F. Magendie, 114. — Elixir aloetico-febrifugo contra as febres intermittentes, 115. — Relatorio da primeira parte dos trabalhos da Commissão especial encarregada da Analyse das Aguas-Mineraes do Reino (continuação), 115. — Agua do Chafariz da Praia, 115. — Agua do Tanque de Lavagem juncto ao Tejo, 119. — Agua do Poço no Bêcco de Pena-Boquel, 119. — Agua do Chafariz da Bica do Çapato, 120. — Extracto das Actas das Sessões Litterarias, 132. — Vida de Nicolau Lémery (continuação), 133.

## PHARMACIA.

**Opinião acerca dos xaropes; pelo Sr. Dr. Florencio Peres Furtado Galvão, Lente de Matéria Medica e de Pharmacia da Universidade de Coimbra.**

Os xaropes não devem ser olhados so pelo lado da sua conservação e agrado, mas sim, e mui principalmente, pela sua utilidade clinica; por ser certo que so para esta as Pharmacopeias os conservam, e os Practicos os formulam. Posto isto, deverão ser conservados nas Pharmacopeias? Não; 1.º, porque realmente os medicamentos, debaixo d'esta forma pharmaceutica, alteram-se muito mais promptamente do que sêccos, ou de outra maneira conservados. Grande differença existe entre medicamentos muito alteraveis por sua natureza, ou pela manipulação que nós lhes damos: isto está no nosso poder e dever evital-o, aquella excede-os. Na sua preparação assentamos que não ha as mais escrupulosas cautelas, como é mister; mas tambem acreditamos que, na condição da sua preparação, vae vicio irremediavel.

Sabemos, pelas ultimas experiencias, que os corpos mais fixos e reputados mais persistentes, se alteram e perdem pela acção do calorico. O que não acontecerá aos organicos e mudaveis? A opinião acerca d'estes, d'ha muito está formada, mas successivamente novos factos a corroboram e ampliam. A preparação dos xaropes por solução inteiramente a frio, e os levados a uma baixa temperatura, para a solução do assucar unicamente, provam o que deixo dito; sendo os primeiros mais perfeitos em sabor, cheiro, e transparencia, do que os segundos, como quem quer pode verificar.

¿ Mas, se os xaropes forem feitos com liquidos medicinaes obtidos a frio, e a frio acabados? Pode alguem perguntar: nem assim deixa de ficar firme a nossa opinião, logo que eu posso conservar essas substancias de que elles são feitos, ou sêccos, ou em extractos, ou mesmo em al-

coholatos, alcoholeos, hydrolatos, segundo a sua natureza chymica e virtude pharmacologica, e os posso administrar debaixo d'outra forma.

2.º, porque, o gosto agradável do xarope, obtido á custa do assucar do xarope, longe de ser uma condição boa, para os effeitos dos medicamentos, é-lhe contraria; salvo nos medicamentos de propriedades sensiveis, pouco ou nada energicas — mas para estes tambem não precisamos d'as subscrever. É contraria tal circumstancia aos bons effeitos dos medicamentos; porque, sem ella, elles commecam logo a modificar a economia nos orgãos do gosto e olfacto, e a serem muito mais promptamente absorvidos, para poderem obrar em pontos distantes do logar da sua applicação, e por consequencia com resultados mais promptos e energicos.

Nós não admittimos os effeitos geraes dos medicamentos, transmittidos por sympathia; porém, aquelles que assim julgarem, devem conceder que os xaropes se oppõem ao seu desinvolverto e actividade: em todos os casos fica em pe a nossa proposição. Se este fôra o logar proprio, ou se alguem impugnasse esta nossa opinião, tractariamos da desinvolverto. Não pareça de pouco momento o que acabamos de expôr, attendendo aos maravilhosos resultados do ether e chloroformio, pelo olfacto administrados, e ás modificações assim produzidas; principalmente no bello sexo, em condições em que o seu systema nervoso está mais impressionavel, sem fallar na administração homœopathica.

3.º, em fim, para os medicamentos de virtude activa, ou propriamente medicamentos (em nossa opinião nem tudo que se usa como medicamento, merece este nome), o assucar do xarope é um correctivo, diminuindo a sua acção, e corrigindo-a, como tal nada util ou antes prejudicial. Amo a monopharmacia, por tanto desprezo os correctivos, substituindo o seu officio — com doses — e diluições em liquidos mais abundantes. Não sendo, na minha opinião, a forma — xaropes — na manipulação ou preparação dos medicamentos, nem a mais duradoura, nem

a mais vantajosa na praxe medica, é uma consequencia necessaria a resposta que dei á primeira pergunta.

Eu reconheço muito bem, e talvez melhor que muitos Pharmaceuticos, por desgraça d'elles, nossa, e da Sociedade geral — o valioso prestimo — prestantes serviços — immensa influencia da sua nobre e indispensavel Profissão; concorrendo irmanmente para que a Sciencia e Arte de conservar a saúde, e de a recuperar quando perdida, seja o que Deus quiz ella fosse — o mais poderoso instrumento de sustentar a sua obra, feita á sua Imagem e Semelhança; reconheço a excellencia da Pharmacia ou Pharmaconomia, repito, para não querer que ella naufrague; porém intendo tambem que não hade ser com o correctivo — xaropes — que a havemos salvar: de medicamentos mais activos carece ella. Opportunamente ja propuzemos alguns: ex. gr. distinguir os Pharmaceuticos filhos das Escolas dos que o não são — dar mais garantias áquelles; sendo, entre outras, uma a — preferencia para todos os logares respectivos, retribuidos pelo Thesouro — Municipios — Estabelecimentos Pios —; e até mesmo a de estabelecimento em certo numero de fogos, com exclusão dos que não são filhos das Escolas, &c. &c. Podendo todavia, em quanto a Pharmaconomia não chegar ao grau de perfeição de que é susceptivel, estes passar para a primeira classe — filhos da Escola — mediante certas habilitações, &c. &c. Sobretudo os Pharmaceuticos muito devem melhorar a sua condição, com boas Leis e Regulamentos de Saúde Publica, e com a sua rigorosa execução: em quanto continuar o abandono actual, penso que não ha remedio possivel.

Quem assim deseja vêr garantida a Pharmaconomia, digna d'este nome, não lhe deve ser suspeito, e tem direito a esperar que sejam as suas opiniões recebidas como filhas do seu modo de vêr os objectos, e nunca com fins sinistros.

Não largarei a penna sem lembrar, fora do principal objecto, que Chatin pensa ter descoberto iodo no phellandrio, e outras plantas d'agua doce. Se a Commissão *ad hoc*,

nomeada a 25 de Março ultimo, pela Academia das Sciencias de Paris, verificar taes factos, muito melhor se explicarão algumas virtudes pharmacologicas d'estes vegetaes.

Tambem a — massadura — feita, ou com a mão toda, como que apertando a parte, ou so com a eminencia thenar, carregando-a em rotação, tem sido ultimamente aconselhada como muito proveitosa no tractamento do rheumatismo muscular, sendo exercida de 5 até 10 minutos, &c. Eu padeço este rheumatismo; na realidade encontrei beneficos effeitos d'um tão simples processo, o qual, augmentando no principio a dôr, esta desaparece por fim.

**Observações ácerca dos extractos; pelo Membro Benemerito, o Sr. Francisco Bernardo dos Santos, do Porto.**

Estes compostos chronizoicos (officinaes), de que moderadamente se tem occupado todos os nossos Pharmacologistas, tem merecido egualmente a attenção dos Medicos, para regularisar as suas prescripções aos enfermos, dependendo da sua boa ou má preparação os resultados therapeuticos que tenham a esperar d'estes compostos; cujas virtudes estão na razão directa da maxima ou minima quantidade dos mesmos, e segundo a maior ou menor actividade dos principios immediatos de cada uma das substancias de que sejam extrahidos.

D'aqui vem que, sendo practica antiga, n'esta qualidade de preparados, submitter as substancias a um aturado decocto, nascia d'aqui um resultado a que chamavam *extracto*, a que somente se deveria chamar um *magma*, composto de — fecula — mucilagem — extractivo — e partes insolueis n'agua. Graças ás modernas theorias, e ao methodo da deslocação, que veio esclarecer os nossos practicos e remover ao mesmo tempo aquella viciosa practica quanto erronea.

É por isso que, sendo so conhecida, desde 1835, esta theoria, que tantos e tão valiosos serviços veio prestar á nossa profissão, e por conseguinte á humanidade inferma; antes d'esta epocha preparavam-se estes extractos pelos methodos descriptos em todas as Pharmacopeias, que não

abrangiam esta theoria, e isto por falta de conhecimentos de Chymica organica, e pelos quaes se conhecem os principios que importa dissolver, e que tenham todas as propriedades activas da substancia de que fôr extrahido, e não das partes insolueis e inertes que o aturado decocto costumava extrahir, de mistura com o extractivo propriamente dito e a parte activa, qualquer alcaloide que o caracterisava.

Sem conhecermos ainda estas theorias, e segundo o antigo methodo, quizemos dar-nos a uma especie de trabalho; qual foi, saber a quantidade do producto a extrahir d'uma dada quantidade de substancia submettida á operação. O bom ou mau resultado, a boa ou ma qualidade do producto, dependeram sempre do processo que empregamos, seguindo a nova theoria.

Com este intuito, desde 1829, deliberamos registrar de experiencias tendentes ao nosso fim, para nos servirem de guia e na practica que de futuro tivéssemos a seguir. Estas notas, como ja dissemos, foram so feitas para nos servirem de guia, e não com intuitos de futura publicidade; por isso que, não lhe principiámos a dar aquella latitude e desinvolvimento que n'estes casos se costuma praticar.

Assim informes e sem methodo, não estão longe dos que descreve os nossos Collegas os Srs. Henry e Guibourt, na sua excellente tabella dos productos dos extractos, a paginas 275 a 277 do 1.º tomo, edição de 1834, da sua Pharmacopeia racional. O nosso unico fim, se a Sociedade Pharmaceutica Lusitana annuir aos nossos desejos, é dar publicidade a esta tabella, para servir de guia aos nossos Collegas que d'ella se quizerem aproveitar; posto que merecimento nenhum tenha, para ter as honras da impressão e n'um Jornal como o da nossa Sociedade.

Não causa duvida, nem façam reparo os nossos Collegas, as repetições que fazemos na referida tabella; como foi escripta debaixo de datas, era forçoso que mencionássemos, n'este ou n'aquelle dia, mez e anno, a factura do extracto d'alcaçús, e mais d'ahi a seis mezes, por exemplo, tornar a mencionar o extracto da mesma substancia, e d'outras a seu turno.

**Tabella demonstrativa da quantidade d'extracto que produz**

Dias.	Mezes.	Annos.	Nomes das substancias.
17	Setembro	1829	Rhuibarbo
21	Dezembro	"	Quina fina amarella
12	Janeiro	1830	Quassia raspada
1	"	1831	Alcaçús
13	Maio	"	Fumaria, s. expr.
2	Junho	"	Opio do commercio
24	"	"	Alcaçús
28	"	"	Rhuibarbo
16	Novembro	"	Bagas de zimbro
28	Dezembro	"	Quina fina amarella
5	Abril	1832	Genciana
2	"	1833	Opio do commercio
4	Fevereiro	1834	Alcaçús
2	Abril	"	Polygala
12	"	"	Alcaçús
27	"	1835	Fumaria, s. expr.
29	"	"	Noz vomica
13	Maio	"	Ratanhia
21	"	"	Rhuibarbo
26	"	"	Alface, s. dep. dos talos e fo- lhas
10	Junho	"	Estramonio, s. dep.
22	Agosto	"	Quassia
12	Setembro	1836	Estramonio, s. dep.
20	"	"	Fel da terra, summ.
9	Novembro	"	Doç'amarga, f. e talos
20	"	"	Opio do commercio
9	Janeiro	1837	Doç'amarga, f. e talos
10	Julho	"	Alcaçús
14	Novembro	"	Taraxaco, a raiz
15	Março	1838	Calumba
10	Abril	"	Marroios brancos
3	Agosto	"	Noz vomica

*uma dada quantidade de substancias n'ella especificada.*

Quantidades.	Liquidos.	Methodos.	Productos resultante em extractivo.
lb 1 civil (1)	Ag. e alc.	Maceração	7 onças e 6 oitavas.
lb 1 medic.	"	"	1½ onça.
lb 2 c	Agua	Decocção	3 oitavas.
lb 1 c	"	"	2 onças e 6 oitavas.
lb 6½ m	"	"	6 onças.
8 onç.	Ag. e alc.	Mac. a frio	extr. g. 1½ onç. e res. 3 oit.
lb 2 c	Agua	Decocção	5 onças e 3 oitavas.
12 onç.	Ag. e alc.	Maceração	6 onças.
lb 1 c	Agua	Decocção	3 onças e 3 oitavas.
lb 2 c	Ag. e alc.	M. e decoc.	6 onças.
lb 1 c	Agua	Decocção	7 onças e 5 oitavas.
8 onç.	"	Mac. a frio	5 onças e 3 oitavas.
lb 2 c	"	Decocção	10 onças.
lb 1 c	"	"	4 onças.
lb 2 c	"	Desl. a frio	6 onças e 6 oitavas.
lb 4 m	"	"	3 onças e 3 oitavas.
8 onç.	Alcohol	"	3½ oitavas.
8 onç.	"	"	2 onças e 5 oitavas.
lb 1 c	Ag. e alc.	Maceração	6 onças e 7 oitavas.
30 affaces ordinarias	"	"	3 onças e 3½ oitavas.
lb 3½ m	"	"	2 onças.
lb 4 c	Agua	Decocção	1 onça e 6 oitavas.
lb 4½ m	"	"	3 onças e 2 oitavas.
lb 1 c	Agua	Decocção	3 onças.
26 onç.	"	"	2 onças.
8 onç.	Ag. e alc.	Maceração	aq. 4 onças e res. 5 oit.
10 onç.	Agua	Desl. a frio	1 onça e 1 oitava.
lb 2 c	"	"	6 onças.
lb 1 c	"	Decocção	1 onça e 5 oitavas.
lb 1 c	Ag. e alc.	Desl. a frio	2 onças.
lb 1 c	Agua	Decocção	2 onças e 6 oitavas.
lb 1 c	Alcohol	Desl. a frio	1 onça e 1 oitava.

Dias.	Mezes.	Annos.	Nomes das substancias.
4	Agosto	1838	Alface, as f. sêccas
28	Abril	1839	Genciana
29	"	"	Marroios brancos
2	Maio	"	Fumaria, a pl. sêcca
5	"	"	Alcaçús
30	"	"	Doç'amarga
8	Junho	"	Ipecacuanha
23	"	"	Taraxaco
17	Março	1840	Alcaçús
2	Junho	"	Ipecacuanha
7	Julho	"	Alface, a pl. sêcca
7	Outubro	"	Quassia
11	Maio	1841	Rhuibarbo
26	Junho	"	Opio do commercio
30	"	"	Alcaçús
17	Agosto	"	Dedaleira sêcca
6	Setembro	"	Genciana
7	"	"	Estramonio sêcco
28	"	1842	Opio do commercio
18	Abril	1843	Alcaçús
11	Maio	"	Fumaria, pl. sêcca
15	"	"	Taraxaco
27	Junho	"	Losna
8	Agosto	"	Trifolio fibrino
11	Setembro	"	Bella-dona, a pl.
14	Fevereiro	1844	Alcaçús
4	Abril	"	Ipecacuanha
10	"	"	Bella-dona, a pl.
18	Novembro	"	Opio do commercio
2	Julho	1845	Dormideiras
16	Outubro	"	Alcaçús
28	"	"	Ipecacuanha
19	Novembro	1846	Genciana
6	Fevereiro	"	Opio do commercio
28	Julho	"	Bella-dona, a pl.
"	"	"	Dormideiras
25	Agosto	"	Alcaçús
9	Setembro	"	Folhas de nogueira sêccas
12	"	"	Dormideiras

Quantidades.	Liquidos.	Methodos.	Productos resultante em extractivo.
14 onç.	Alcohol	Desl. a frio	3 onças.
lb 1 c	Agua	Maceração	6 onças e 3 oitavas.
lb 2 c	"	"	3 onças.
lb 1 c	"	"	2½ onças.
lb 1 c	"	Deslocação	3 onças e 6 oitavas.
lb 2 c	"	"	5 onças e 1 oitava.
6 onç.	Alcohol	"	7 oitavas.
lb 2 c	Agua	"	4 onças.
lb 2 c	"	"	2½ onças.
7 onç. e ⅓	Alcohol	"	1 onça e 2 oitavas.
8 onç.	"	"	1 onça e 2 oitavas.
lb 4 c	Agua	"	1 onça e 6 oitavas.
lb 1 c	Ag. e alc.	"	5 onças e 2 oitavas.
8 onç.	"	Maceração	aq. 5 onças e res. 6 oit.
lb 2 c	Agua	Deslocação	4½ onças.
lb 1 c	Alcohol	"	6 onças e 2 oitavas.
lb 1½ c	Agua	"	8 onças e 1 oitava.
lb 1 c	"	Decocção	4 onças e ½ oitava.
6 onç.	"	Deslocação	3 onças.
lb 2 c	"	"	6 onças e 2 oitavas.
lb 2½ c	"	Maceração	6 onças.
lb 2 c	"	"	3½ onças.
lb 1 m	"	"	2 onças.
8 onç.	"	"	1½ onça.
26 onç.	"	"	5 onças.
lb 3½ c	"	"	9 onças.
6 onç.	Alcohol	Deslocação	6½ oitavas.
lb 4 c	Agua	Maceração	18 onças e 5 oitavas.
6 onç.	Ag. e alc.	"	aq. 3 onças e res. 7 oit.
lb 1½ c	Agua	Deslocação	1 onça e 6 oitavas.
lb 2 c	"	"	7 onças e 4 oitavas.
22 onç.	Alcohol	"	5 onças e 5 oitavas.
lb 1 ⅓ c	Agua	Maceração	5½ onças. (2)
8 onç.	Ag. e alc.	"	aq. 4 onç. 6 oit. e res. 14 oit.
lb 5 c	Agua	"	17 onças e 1 oitava.
40 onç.	Alcohol	Deslocação	2 onças e 2 oitavas.
lb 2 c	Agua	"	6 onças e 6 oitavas.
lb 2½ c	"	"	6 onças e 7 oitavas.
lb 2 c	"	"	4 onças.

Dias.	Mezes.	Annos.	Nomes das substancias.
18	Setembro	1847	Opio do commercio
22	Novembro	"	Cantharidas
12	Abril	1848	Alcaçú
22	Maio	"	Taraxaco
20	Julho	"	Meimendro negro, pl. sêcca
10	Outubro	"	Genciana
26	Fevereiro	1849	Aconito, pl. sêcca.
2	Maio	"	Doç amarga
27	Julho	"	Dormideiras
31	"	"	Marroios brancos
4	Agosto	"	Alcaçú
30	"	"	Estramonio, f. sêccas
17	Dezembro	"	Noz vomica
29	"	"	Ipecacuanha
30	Janeiro	1850	Salsa-parrilha
12	Fevereiro	"	Dita

(1) Abreviaturas — lb c, libra civil — lb m, libra medicinal — Ag., agua — Alc., alcohol — Decoc., decocção — Desl., deslocação — Mac., maceração.

(2) Esta raiz não se pôde tractar pelo methodo de deslocação, em razão de conter muita mucilagem, que communica ao liquido não o deixando deslocar; é preciso tractar-a pela maceração como eu fiz, ou depois de a ter em contacto com o liquido deslocante por espaço de 12 horas, espreme-la, para dar sahida á mucilagem, e depois desloca mui facilmente.

(3) Por varias vezes, como deixamos notado na tabella, temos preparado o extracto de dormideiras, e a principio fazia-mo-lo com

Quantidades.	Liquidos.	Methodos.	Producto resultante em extractivo.
6 onç.	Agua	Deslocação	3 $\frac{1}{2}$ onças.
4 onç.	"	"	3 oitavas.
1b 2 c	"	"	8 onças.
1b 3 c	"	"	9 onças e 7 oitavas.
1b 2 c	"	"	9 $\frac{1}{2}$ onças.
14 onç.	"	Maceração	6 onças e 3 oitavas.
8 onç.	"	Deslocação	2 $\frac{1}{2}$ onças.
1b 1 c	"	"	2 onças e 1 oitava.
1b 4 c	"	"	8 onças e 3 $\frac{1}{2}$ oitavas. (3)
1b 1 c	"	"	2 onças e 5 oitavas.
1b 2 c	"	"	6 onças e 6 oitavas.
1b 1 c	"	"	5 onças e 7 oitavas.
8 onç.	Alcohol	"	3 $\frac{1}{2}$ oitavas.
1b 1 $\frac{1}{2}$ c	"	"	2 onças e 6 oitavas.
1b 2 c	Agua	Decocção	5 $\frac{1}{2}$ onças.
1b 1 c	Alcohol	Maceração	5 oitavas.

• hyalcohol, conforme o processo descripto a pag. 5 a 9 do T. 3.<sup>o</sup> da 1.<sup>a</sup> Serie do Jornal da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, e era com este extracto que preparavamos o xaropé de diacodio, que empregavamos em a nossa officina; mas, desde que vimos inserto no J. dos Conh. Med. pract. e de Pharm. de Paris o processo da preparação d'este extracto, abandonámos aquelle e seguimos este. E' um extracto obtido por um menstruo aquoso (a agua), e de mais a mais esempto da fecula e saes, que se lhe fazem precipitar pelo alcohol. Ja se vê que esta preferencia é bem fundada, tendo n'este extracto toda a parte extractiva das dormideiras; e o xaropé, feito com elle, esempto da parte fermentescivel, para a sua melhor conservação.

**Preparados do phellandrio aquatico.**

*Po fundente de BRERA.*

Sementes de phellandrio. . . . . 1 escropulo = 1, 3 gram.  
Gomma arabica. . . . . 2 oitavas = 8 „

Depois das duas substancias reduzidas a po, divida em 6 papeis. — Um de tres em tres horas, nas escrofulas.

*Po anti-catarrhal de RADIUS.*

Sementes de phellandrio. . . . . } aa  $\frac{1}{2}$  onça = 16 gram.  
Assucar de leite. . . . . }  
Myrrha . . . . . 2 „ = 64 „

Uma colher de café, quatro a seis vezes por dia.

*Po anti-catarrhal de SAINTE MARIE.*

Sementes de phellandrio. . . . . 1 oitava = 4 gram.  
Gomma arabica. . . . . } aa 1 onça = 32 „  
Salepo . . . . . }  
Assucar de leite. . . . . 2 „ = 64 „

Uma colher de café, em um copo d'agua.

*Po anti-catarrhal de AUGUSTIN.*

Sementes de phellandrio . . . . . 5 grãos = 0, 25 gram.  
Gomma arabica . . . . . 8 „ = 0, 4 „  
Nitro . . . . . 6 „ = 0, 3 „  
Assucar . . . . . 10 „ = 0, 50 „

Repete-se por tres vezes por dia.

*Pilulas fundentes de BRERA.*

Sementes de phellandrio. . . . . 30 grãos = 1, 5 gram.  
Mercurio doce. . . . . 4 „ = 0, 2 „  
Extracto d'alcaçú. . . . . q. b.

Faça 15 pilulas. — Tres, de duas em duas horas, nos catarrhos chronicos.

*Emulsão anti-catarrhal de VAN-MONS.*

Sementes de phellandrio. . . . . 1 onça = 32 gram.

Gomma arabica.....	1 oitava =	4 gram.
Agua.....	9 onças =	288 „
Xarope simples.....	1 „ =	32 „

Faça emulsão.

*Infuso de phellandrio de RADIUS.*

Sementes de phellandrio.....	3 oitavas =	12 gram.
Agua fervendo.....	q. s.	

Para obter 6 onças (192 gram.) d'infuso.

Uma colher de duas em duas horas, na tísica pulmonar.

*Poção anti-tísica de RADIUS.*

Sementes de phellandrio.....	2 oitavas =	8 gram.
Agua fervendo.....	q. s.	

Para obter 6 onças (192 gram.) d'infuso; e ajunte depois de coado:

Ammoniaco anisado.....	2 oitavas =	8 gram.
Xarope simples.....	4 „ =	16 „

Uma a duas colheres por hora.

*Poção peitoral de BRERA.*

Sementes de phellandrio.....	1 oitava =	4 gram.
Doç'amarga.....	2 „ =	8 „
Agua.....	q. s.	

Para obter 8 onças (250 gram.) de decocto; e ajunte depois de coado:

Emulsão gommosa.....	2 onças =	64 gram.
Oxymel.....	1 „ =	32 „

Para tomar em duas vezes.

*Poção peitoral de PHOEBUS.*

Infuso de phellandrio.....	6 onças =	192 gram.
Extracto de myrrha.....	1 oitava =	4 „
Assucar de leite.....	4 „ =	16 „

Uma colher de hora a hora.

*Tinctura de phellandrio de BÉRAL.*

Sementes de phellandrio.....	1 parte.	
Alcohol de 25°.....	6 „	

Filtre no fim de oito dias.

*Tinctura anti-tisica de MARTIUS.*

Sequentes de phellandrio, . . . . . 4 oitavas = 16 gram.

Alcohol . . . . . 6 onças = 192 „

Depois de 24 horas ajuncte :

Vinho de moscatel. . . . . 6 „ = 192 „

Filtra-se passados dous dias.

Dose, 10 a 60 gottas.

Trad. pelo Sr. *J. A. F. Chaves*, de Faro.



**Relatorio da segunda parte dos trabalhos da Commissão especial encarregada da Analyse das Aguas-Mineraes do Reino. (\*)**

SENHORES! — A vossa Commissão especial encarregada da Analyse das Aguas-Mineraes do Reino, em virtude da Lei de 31 de Julho e Portaria do Ministerio do Reino de 3 d'Outubro de 1839, tem a honra de submeter á vossa consideração a segunda parte dos seus trabalhos analyticos, como promettera no seu Relatorio, datado do primeiro do presente mez; no qual ja lhe coube a honra de expôr-vos as causas da demora na apresentação d'esta sua laboriosa tarefa.

Consta esta segunda parte da Analyse da Agua da Fonte dos Passarinhos, existente na Quinta do Real Palacio de Castello da Pena na Serra de Cintra, pertencente a El-Rei O SENHOR D. FERNANDO II, nosso Augusto Protector; e a Commissão, Senhores, sente, com toda a Sociedade Pharmaceutica Lusitana, o maior prazer em apresentar este seu trabalho, por se proporcionar occasião de darmos a Sua Magestade este debil testemunho do nosso respeito e dedicação.

(\*) Os Membros d'esta Commissão, são: os Srs., José Dionysio Correia, Director e Relator; João José de Sousa Telles, Vice-Director; Izidoro da Costa Azevedo; Anacleto Antonio Rodrigues d'Oliveira; e Pedro Ferreira Norberto. Os Redactores.

○ Desejando a vossa Commissão, na sua jornada a Cintra, e nos poucos dias que alli permaneceu, enriquecer mais os seus trabalhos analyticos, colheu e analysou chymicamente não só a dita *Agua da Fonte dos Passarinhos*, mas também mais tres de que tivemos conhecimento, e que julgámos importantes; sendo estas, a *da Fonte de S. Eufemia*, a *Ferrea da Serra do Duque de Cadaval*, e a *Ferrea da Quinta do Thomazini*.

Antes d'entrarmos na descripção das referidas aguas, que terminaremos com a da *Fonte dos Passarinhos*, seja permittido á Commissão, em cumprimento do seu programma, dar uma noticia abbreviada da Villa e Serra de Cintra, extrahida de varias Obras que consultámos.

Duarte Nunes de Leão (1) diz: « . . . . A serra de » que se muito pode dizer, he a de Sintra, mui conhecida » da dos nauegâtes de todas as nações, e mui digna dese » nella fallar, assi por ella ser o marco, & limite per onde » de (como diz Plinio) se dividem & apartaõ os elementos » da terra, agoa, & ar, & ser o ultimo lugar do mûdo » pela parte do Occidente, como por afresquiadaõ & amenidade della: por aqual & pola deleitosa vista que para » o mar, & para a terra tẽ os Reis de Portugal na villa » de Sintra, que ao pee desta serra stã, costumauã passar os meses do estio em hũs riquissimos paços que hi » tem. O cabo desta serra que entesta no mar aquẽ os » nauegâtes chamaõ Rocha de Sintra, chamauã os Geographos antigos Promõtório da Lua, & outros Olisiponense, por a vizinhança que com Lisboa tem, de que » dista cinco legoas. Outros (segundo Strabão) lhe chamauã Hierna. . . . »

O Padre D. Raphael Bluteau (2) exprime-se: « . . . . Foy » esta Villa ganhada aos Mouros por el-Rey D. Affonso VI » & rebellada, foy segunda vez ganhada pelo Conde Dom » Henrique, & depois de recahir do senhorio dos Mouros, foy » terceyra vez ganhada por el-Rey D. Affonso Henriquez. » Segundo Dom Fr. Amador Arraiz, nos seus Dialogos,

(1) Descripção do Reino de Portugal, 1 vol, 1610.

(2) Vocabulario Portuguez e Latino, 9 vol, 1712.

» pag. 111 col. 2. chamou Varro á Serra de Sintra, O  
» *Monte Trago*; outros lhe chamaraõ O *Monte Scynthia*,  
» ou mais propriamente Cinthia, isto he *da Lua*; donde  
» sahe o Cabo chamado da Lua, em Latim (*Promontorium*  
» *Lunæ*), para o Oceano; em as raizes deste Cabo, na  
» praya, esteve antigamente o templo do Sol, & da Lua,  
» venerado com summa religiaõ. A inscriçaõ do templo,  
» que (segundo o dito Autor) ainda hoje se vê, diz assim :

» *Soli æterno, & Lunæ*  
» *Pro æternitate Imperii,*  
» *Et salute Imp. Cai Septimii*  
» *Severi Augusti Pii, & Imp. Cæs,*  
» *M. Aurelis Antonini, &*

Joaõ Bautista de Castro (3), fallando da Serra de Cintra, diz: « . . . . dista de Lisboa cinco leguas, he huma  
» das mais famosas do Reino pela composição rara com  
» que a natureza a organisou; pois consta de calhãos tão  
» grandes, que alguns tem vinte pés de diametro, postos  
» huns sobre outros, como se fossem montes de nozes;  
» mas com tal ligação, que parecendo estarem ameaçan-  
» do eminente ruina, elles se sustentaõ no seu natural equi-  
» librio. No cume da serra se descobrem vestigios de an-  
» tiga fortificação com cinco torres arruinadas, que se sup-  
» põem ser fabrica de Mouros. Em tempo dos Romanos  
» foy chamada esta serra *Promontorio da Lua*, donde Ca-  
» mões veyo a dizer:

» *E nas serras da Lua conhecidas*  
» *Subjuga a fria Cintra o duro braço.*

» Teve principio este nome desde que os habitadores  
» Gentios desta serra determinando dedicar a Octaviano  
» Augusto hum templo, que o Imperador naõ quiz accei-  
» tar, elles o offereceraõ como idolatras ao Sol, e à Lua;  
» e porque a esta chamavaõ *Cynthia*, se derivou della o  
» nome de *Cintra*.

(3) *Mappe de Portugal*, 3 vol. 1762.

» Disse Gabriel Pereira ; e Francisco Botelho no seu Alfonso :

» *Diola nombre un gran templo , que aun expone*

» *De Cynthia tan magnifico , y notable ,*

» *Que ser pudo d'el risco ala oportuna*

» *Casa del Sol el templo de la Luna.*»

« A Serra de Cintra (4) está a cinco leguas Oes-Noroeste de Lisboa, em um terreno pouco plano, posto que aprazível, . . . . prolonga-se até ao mar, onde termina, no Cabo da Roca, ou Rocha de Cintra, que os antigos Geographos appellidaram de varios nomes: Promontorio Magno, Olisiponense, Artabro, cujos moradores, segundo diz Silio Italico, acompanharam Annibal nas suas victorias de Trasimeno e Cannas.

» *Jamque Ebussius Phenicia movit Artabrus arma.*

» Confinam os limites do seu Concelho, pelo Norte, com os do Concelho de Mafra; pelo Sul, com os de Cascaes e Bellas; pelo nascente, com o Termo de Lisboa; e pelo poente, com o de Collares.»

O Concelho de Cintra pertence ao Districto Administrativo de Lisboa, e á Primeira Divisão Militar.

Muito desejava a vossa Commissão accrescentar ainda a bella descripção que do Concelho e Serra de Cintra fez o Sr. Abbade A. D. de Castro e Sousa (5), e bem assim o excellente artigo inserto no 2.º vol. do Panorama, pag. 9; mas receiando parecer demasiado prolixa, passa ja a occupar-se das aguas.

#### AGUA DA FONTE DE SANCTA EUFEMIA.

Esta fonte está situada ao subir da serra, e proxima ao caminho do Castello da Pena; acha-se no centro d'u-

(4) Cintra Pinturesca ou Memoria descriptiva da Villa de Cintra, Collares, e seus arredores, 1 vol. 1838.

(5) Memoria historica sobre a origem da fundação do Real Mosteiro de N. S.ª da Pena, que pertenceu aos Monges da Ordem de S. Jeronymo; actualmente Palacio acastellado, situado na Serra de Cintra, &c. 1 folheto 1841.

ma pequena excavação, de 10 palmos d'altura, e 3 de largo. Tem duas inscripções :

A primeira diz que *Esta obra mandou fazer á sua custa o Capitão Francisco Lopes Izidro de Azevedo, no anno 1758. E esta é a agua milagrosa da Sr.<sup>a</sup> S.<sup>ta</sup> Eufemia. E alli está a casa onde se tomam os banhos.*

A segunda diz que *O Conde de Carvalhaes mandou concertar a sua mina e a de S.<sup>ta</sup> Eufemia. Anno de 1845.*

A agua d'esta fonte corre por uma bica que olha ao N., e é potavel.

A Commissão, no dia 16 d'Agosto de 1847, ás 11 horas e meia da manhã, observou que a temperatura da agua, tomada na bica, era de  $+15^{\circ}$ , sendo a do ar atmosphérico de  $+19^{\circ}$ , e á pressão de 736<sup>m</sup>, 59.

Apreciada a sua densidade, está para um equal volume d'agua distillada :: 1,046 : 1,000, á temperatura de  $+15^{\circ}$ , e á pressão de 713<sup>m</sup>, 73.

Depois d'estas e outras observações, que abaixo vão mencionadas, a agua foi ainda tractada, juncto á fonte, por alguns reagentes chymicos; e deu os resultados seguintes:

- 1.<sup>o</sup> Limpida.
- 2.<sup>o</sup> Cór. . . . }
- 3.<sup>o</sup> Cheiro. . }
- 4.<sup>o</sup> Sabor — d'agua potavel.
- 5.<sup>o</sup> Agitada — produziu bôlhas, que se destruíram com facilidade.
- 6.<sup>o</sup> Com o alcoholado de tornasol — insensivel.
- 7.<sup>o</sup> Com o hydrolado calcico — precipitado branco, insolavel no excesso da mesma agua.
- 8.<sup>o</sup> Com as laminas de cobre, chumbo, e zinco — não offereceram mudança ou alteração alguma.
- 9.<sup>o</sup> Com o alcoholado de sabão — dissolveu-se.
- 10.<sup>o</sup> Com o alcoholado de pau fernambuco — insensivel.
- 11.<sup>o</sup> Com o cyanureto ferroso-potassico — insensivel.
- 12.<sup>o</sup> Com o azotato argenticco — precipitado branco, insolavel no acido azotico e soluvel na ammonia; mostrando conter chloruretos.
- 13.<sup>o</sup> Com o chlorureto barytico — precipitado branco,

solúvel em parte no ácido chlorhídrico; indicando conter sulphatos.

14.º Com o oxalato ammonico — precipitado branco; mostrando a existencia de saes calcicos. Separado este precipitado pela filtração, e tractado o liquido:

15.º Com o phosphato ammonico — precipitado branco; accusando a presença de saes magneticos.

#### AGUA FERREA DA SERRA DO DUQUE DE CADAVAL.

N'esta serra, na estrada de Cintra para Collares, e no sitio da Piedade, existem duas vertentes d'agua ferrea, proximas uma da outra, sobre a preza grande das Quintas da Casa do Duque de Cadaval; uma collocada na parte mais inferior, outra na mais superior da dita serra.

A mais inferior, verte em uã mina artificial, de comprimento de 70 palmos, e na quantidade de 1 litro em 18"; e a outra em uma cavidade natural de granito ferruginoso, correndo na direcção de Sueste para Nordeste, e na quantidade de 1 litro em 1'. Esta vertente achase rodeada de pequenas penhas graniticas, formando um pequeno valle, no qual vegetam pinheiros, fetos, junças, urzes, &c. &c. O Sr. João Carlos de Orta, no anno de 1847, e pouco depois d'esta Commissão alli ter estado, mandou fazer n'aquelle local uma pia e assentos para comodidade do publico.

No dia 15 d'Agosto de 1847, achando-se a Commissão no sitio d'estas duas aguas, e na persuasão de que ambas as vertentes eram da mesma agua, mas que aquella que brota na parte mais superior, e na cavidade natural, seria preferivel, por isso que reúne melhores condições e commodidades para as pessoas que d'ella necessitarem fazer uso medicinal, ou para a transportarem para outros logares; a ella limitou as suas experiencias, e são as que se seguem:

N'este mesmo dia, e ás 10½ horas da manhã, a temperatura d'esta agua, tomada na vertente, era de + 16°, sendo a do ar atmospherico de + 23°,5, e á pressão de 749<sup>m</sup>,29.

A sua densidade está para um egual volume d'agua dis-

tillada : : 1,033 : 1,000 , á temperatura de + 14°,5 , e á pressão de 756<sup>m</sup>,91.

Submettida a agua , juncto á vertente , a outras observações e á acção d'alguns reagentes chymicos ; deu em resultado :

- 1.º Limpida.
- 2.º Cór . . . .
- 3.º Cheiro . .
- 4.º Sabôr — ferruginoso.
- 5.º Agitada — produziu bôlhas , que se destruíram com facilidade.
- 6.º Com o alcoholado de tornasol — ligeira coloração avermelhada ; mostrando a presença d'acido livre.
- 7.º Com o hydrolado calcico — ligeira turvação branca , que desapareceu pela addição de nova agua ; indicando a presença d'acido carbonico livre.
- 8.º Com o acetato plumbico — apresentou precipitado branco , mas não ennegreceu ; indicando não conter gaz sulphydrico ou sulphuretos.
- 9.º Com o alcoholado de sabão — dissolveu-se.
- 10.º Com o alcoholado de pau fernambuco — mui ligeira côr arrôxada.
- 11.º Com o acido galhico , e ao contacto do ar — côr rôxo-negra ; mostrando conter saes ferricos.
- 12.º Com o cyanureto ferroso-potassico — precipitado azulado ; designando o mesmo.
- 13.º Com o sulphurato ammonico — precipitado negro floccoso ; indicando o mesmo.
- 14.º Com o azotato argéntico — precipitado branco , insolúvel no acido azotico e soluvel na ammonia ; mostrando a existencia de chloraretos.
- 15.º Com o chlorureto barytico — mui ligeiro precipitado branco , soluvel em parte no acido azotico ; accusando conter mui pequena quantidade de sulphatos.
- 16.º Com o oxalato ammonico — pouco precipitado branco ; mostrando haver saes calcicos em diminuta quantidade. Separado este precipitado pela filtração , foi depois o liquido tractado :

17.º Com o phosphato ammonico — turvação branca ; indicando pequenissima quantidade de saes magnésicos.

Em presença d'estas experiencias chymicas, a vossa Commissão julga poder concluir que esta agua ferrea é carbonatada, e que deve ser reputada de boa qualidade para os usos medicinaes.

#### AGUA FERREA DA QUINTA DO THOMAZINI.

Esta quinta, de que é dono o Sr. Francisco Antonio de Quadros, está contigua á estrada de Cintra a Collares, mui proxima ao sitio denominado da Uguaria, districto da Freguezia de N. Sr.ª da Assumpção, que consta de 680 fogos, e approximadamente 2:666 habitantes, e pertence ao Concelho e Julgado de Collares, á Comarca de Cintra, ao Districto Administrativo de Lisboa, e ao da Primeira Divisão Militar.

No centro da quinta, e ao lado de L. de um parallelogrammo, de 25 palmos de comprido e 14 de largo, coberto de buxo, com assentos á roda e lageado, eleva-se um pequeno nicho d'alvenaria, por onde sahe a agua atravessando uma pequena bica de pau; a qual corre em quantidade de 1 litro em 82".

Esta agua ferrea vem da serra, que fica situada a O.; é pouco procurada, talvez em virtude da sua qualidade, e pela haver gratuita no sitio da Piedade, e que acima denominamos da Serra do Duque de Cadaval, assim como porque cada pessoa que a vac beber tem de dar 20 réis, e por garrafa 40 réis.

A vossa Commissão, no dia 15 d'Agosto de 1847, ás 2 ½ horas da tarde, observou que a temperatura d'esta agua tomada na bica, era de + 17º, sendo a do ar atmosphérico de + 20º, e á pressão de 756<sup>m</sup>,91.

Apreciada a sua densidade, está para um equal volume d'agua distillada :: 1,030 : 1,000, á temperatura de + 14º, e á pressão de 764<sup>m</sup>,53.

Juncto á mesma bica, foi submittida a varias observações, e á acção d'alguns reagentes chymicos; e deu os resultados seguintes:

- 1.º Limpida.
  - 2.º Cór. . . . }
  - 3.º Cheiro. . . } nullos.
  - 4.º Sabor — pronunciado a sulphato de ferro.
  - 5.º Agitada — produziu algumas bôlhas, que se desprenderam com facilidade.
  - 6.º Com o alcoholado de tornasol — insensivel.
  - 7.º Com o hydrolado calcico — não precipitou.
  - 8.º Com o acetato plumbico — deu precipitado branco.
  - 9.º Com o alcoholado de sabão — produziu nebulosidades; accusando porção de saes calcicos ou magnescicos.
  - 10.º Com o alcoholado de pau fernambuco — arrôxou muito.
  - 11.º Com o acido galhico, e ao contacto do ar — côr negra muito intensa.
  - 12.º Com o cyanureto ferroso-potassico — precipitado azul-escuro.
  - 13.º Com o sulphurato ammonico — precipitado negro.
  - 14.º Com o azotato argenticco — precipitado branco, insolvel no acido azotico e soluvel na ammonia.
  - 15.º Com o chlorureto barytico — precipitado branco abundante, insolvel no acido azotico.
  - 16.º Com o oxalato ammonico — precipitado branco. Separado este precipitado, o liquido filtrado tractado:
  - 17.º Com o phosphato ammonico — precipitado branco.
- A Commissão, em presença d'estas experiencias, conclue que esta agua ferrea é sulphatada.

#### AGUA DA FONTE DOS PASSARINHOS.

A fonte dos Passarinhos está situada dentro da Quinta do Real Palacio e Castello da Pena na Serra de Cintra, propriedade d'ElRei O SENHOR D. FERNANDO II.

O Palacio pertence ao districto da Freguezia de S. Pedro de Penaferrim, que tem 504 fogos e approximadamente 1:834 habitantes, ao Concelho, Julgado, e Comarca de Cintra. Está construido sobre um dos mais altos pincares da serra, e foi antigamente Mosteiro dos

Monges de S. Jerónimo, edificado por El Rei D. MANUEL em o anno de 1503, pelo risco e desenho de André Con-  
tucci de Sansovino, Florentino, para recordação da volta  
da segunda viagem do Descobridor da India, D. Vasco  
da Gama, em 10 de Novembro d'aquelle mesmo anno.

O terrasso do Torreão do Palacio, está na latitude de  
38°, 47', 21" N., e na longitude de 0°, 15', 24" a O.  
do Observatorio do Castello de Lisboa.

Para dar-vos, Senhores, uma ideia de como se acha  
este Palacio, do seu engrandecimento, e dos assignalados  
serviços que El Rei O SENHOR D. FERNANDO tem feito  
às Artes em Portugal; salvando das ruinas um monumento  
artístico, que é ao mesmo tempo precioso padrão da nossa  
antiga gloria: permittí que a vossa Commissão apresente um  
extracto da descripção feita pelo nosso Consocio Honora-  
rio, o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Marino Miguel Franzini (6).

« ... Foi no anno de 1838 que Sua Magestade com-  
prou em hasta publica pelo diminuto preço de 700\$000  
réis, em que estava avaliada a cêrca e Convento da Peña,  
como propriedade nacional, achando-se na maior depre-  
ciação e ameaçada de cahir no poder de especuladores  
que projectavam demolir aquelle glorioso monumento, pa-  
ra vender a retalho seus preciosos materiaes. ... Logo  
que tomou posse, foi seu primeiro cuidado mandar cons-  
truir uma formosa e commoda estrada *macadamizada*, de  
um terço de legua de comprimento, que de S. Pedro abris-  
se facil communicação até á summidade da serra, aonde se  
acha edificado o antigo Convento, na altura de 2:300 pal-  
mos sobre o nivel do mar; pois o escabroso e empinado tri-  
lho que existia apenas permittia a descida dos carrós que ex-  
portavam a madeira procedente da devastação do pinhal. ...

» Em 1841 transformou-se e ampliou-se a antiga torre  
dos sinos, construindo-se mais outra circular, em torno  
da qual passa a estrada do *Tunnel*. ...

» Em 1842 foi ampliado o pateo do adro da Igreja,  
construindo-se grandes paredes sobre os rochedos que o

(6) Diario do Governo, n.º 254, 1848.

cercam do lado do norte; coroando-as de arcadas mouriscas, que terminam em uma pequena torre, de novo construída, a qual vai transformar-se em *minaret*, que dará entrada, por meio de um corredor, para os quartos de Sua Magestade A Rainha.

» Em 1843 se começaram a lançar os alicerces de um novo edificio, cujos subterraneos deverão servir de cavallariças. . . . No referido anno de 1843 teve logar a construção de um portico exterior, em frente da ponte levadiça, no mesmo estylo mourisco; o qual não só dá maior realce á entrada do Castello, mas tambem reforça as obras anteriormente construídas.

» Em 1844 foi começada a primeira parte do novo Palacio, que communica com o antigo edificio, levantando-se o bello portico allegorico da creação do mundo; cuja entrada conduz a um vestibulo coberto por um elegante tecto de gosto arabe, imitando estalactites naturaes, apparecendo á direita uma estatua collossal de antigo cavalleiro, que representa ser o guarda do Castello. No mesmo anno se levantou um novo portico no mesmo estylo arabe; sendo este uma fiel imitação da porta da justiça, existente no maravilhoso edificio da Alhambra.

» Assim tem continuado, sem interrupção, todas as obras. . . .

» A par d'estes grandes trabalhos de construção foram igualmente executados os agronomicos, não só na antiga cerca do Convento, mas tambem nos terrenos que Sua Magestade foi successivamente adquirindo por aforamentos; devendo especialmente mencionar-se o antigo e romantico castello dos mouros, cujas muralhas, em muitos sitios derubadas, foram novamente levantadas no estylo originario, imitando-se até a antiguidade de sua côr. . . .»

Senhores, no dia 16 d'Agosto de 1847, pelas 5 horas da tarde, achava-se esta Comissão no local da Fonte dos Passarinhos, e observou que a sua nascente está a meia altura da serra, e olha ao Noroeste; cuja agua verte na rocha granitica, e corre em quantidade de 1 litro em 8", por uma bica de pedra situada dentro d'uma casa d'abo-

bada d'alvenaria, com assentos de pedra, lagedada, e com duas portas de madeira, fechada com chave.

A agua da bica cahe para uma pia de pedra, com abertura que communica com um encanamento que vae em direcção ao Real Paço de Cintra.

A Commissão não poude deixar de observar, que a mencionada pia não tem as condições indispensaveis para preservar a agua, que entra no mencionado encanamento, de todos os corpos estranhos, que possam ser lançados dentro da pia, em prejuizo das pessoas que a beberem no Paço; parecendo-lhe por isso que muito conviria elevar ao Conhecimento de Sua Magestade, que a agua não deve cahir na referida pia, antes d'entrar no encanamento, onde convirá entrar por outro qualquer modo que evite o damno a que está exposta.

Antes de se proceder á colheita d'esta agua, que veio conduzida para o Laboratorio d'esta Sociedade em frascos de vidro bem lavados com a mesma agua, completamente cheios e bem rolhados; a Commissão observou as suas propriedades organolepticas, temperatura e pressão atmospherica, assim como a submetteu á acção dos reagentes que, junctos á mesma fonte, costumam ser empregados nos primeiros ensaios chymicos.

*Propriedades physicas.*

- 1.º Limpida.
- 2.º Cór. . . . . } nullos.
- 3.º Cheiro. . . . . }
- 4.º Sabor — de boa agua potavel.
- 5.º A temperatura d'esta agua, observada na fonte, ás 6 horas da tarde do mesmo dia 16 d'Agosto de 1847, era de  $+14^{\circ},5$ , sendo a do ar atmospherico de  $+18^{\circ}$ , e á pressão de  $726^m,43$ .

6.º Apreciada a sua densidade, no Laboratorio, está para um egual volume d'agua distillada ::  $1,015 : 1,000$ , á temperatura de  $+12^{\circ},5$ , e á pressão de  $756^m,91$ .

Centro de Documentação Farmacêutica  
Ordem dos Farmacêuticos

*Ensaio chymico feito juncto á Fonte.*

- 1.º Agitada — produziu bôlhas, que se destruíram com muita facilidade.
- 2.º Com o alcoholado de tornasol — coloração avermelhada; mostrando a presença d'acido livre.
- 3.º Com o hydrolado calcico — precipitado branco pulverulento, que desappareceu com a addição de nova agua; indicando conter acido carbonico livre.
- 4.º Com as laminas de cobre, chumbo, e zinco — não apresentaram mudança ou alteração alguma, e com o acetato plumbico; pequena turvação branca, que não ennegreceu; indicando não ter em solução gaz sulphydrico ou sulphuretos.
- 5.º Com o alcoholado de sabão — não produziu nebulosidades; accusando, por este meio, não conter porção sensível de saes calcicos ou magnescicos.
- 6.º Com o alcoholado de pau fernambuco — insensível.
- 7.º Com o cyanureto ferroso-potassico — insensível.
- 8.º Com o azotato argenticó — ligeira turvação, insolúvel no acido azotico e solúvel na ammonia; apresentando chloruretos.
- 9.º Com o chlorureto barytico — pequena turvação de precipitado branco, quasi completamente solúvel em um excesso d'acido chlorhydrico; indicando conter diminuta quantidade de sulphatos.
- 10.º Com o oxalato ammonico — insensível.
- 11.º Com o phosphato ammonico — insensível.

A vossa Commissão, no dia immediato ao da sua chegada a Lisboa, deu começo aos seus trabalhos no Laboratorio, onde previamente deixara tudo dispôsto, para proceder ás analyses qualitativa e quantitativa; tendo repetido esses trabalhos chymicos por tres vezes consecutivas, a fim de obter a meia proporção dos seus productos gazosos e fixos.

(*Continúa.*)

**Processo para reconhecer a presença da estrychnina; pelo Sr. Lewis Thompson.**

Deita-se, em um vidro de relójo, uma gotta d'acido sulphurico puro e concentrado, ajuncta-se-lhe uma pequena quantidade da substancia a ensaiar, e se favorece a solução, agitando a mistura com tubo de vidro; lança-se depois, sobre o soluto, uma pequena porção de bi-chromato de potassa pulverisado, mexendo-se brandamente.

Se a substancia ensaiada contém estrychnina, observa-se immediatamente, com o contacto das particulas do chromato, uma bella côr violeta, que, em pouco tempo, passa a amarello, mas que pode ser renovada por uma nova addição do chromato.

O Sr. Tompson submetteu, a este ensaio, a morphina, brucina, aconitina, atropina, codeína, narcotina, picrotoxina, chinchonina, quinina, solanina, veratrina, e a phloridzina; e nenhuma d'estas substancias lhe apresentou phenomenos analogos, que podessem pôr em duvida o processo por elle propôsto para reconhecer a estrychnina.

(*Pharmaceutical Journal.*)

Trad. por J. D. Corrêa.

## PEÇAS OFFICIAES.

Extracto das Actas das Sessões Litterarias.

Acta n.º 395, de 11 d'Abril de 1850.

Presidencia do Sr. J. D. Corrêa.

Aberta a Sessão ás 7 horas da noite, leu-se a Acta antecedente que foi approvada, e deu-se conta da correspondencia e objectos dandos.

O Sr. 1.º Secretario, chamou a attenção da Sociedade, que tendo-se recebido do Pará uma grande porção d'assacú, e distribuido pela Commissão Administrativa do Hospital de S. José, e alguns Peritos, para os convenientes ensaios, não tinham até hoje dado informações dos resultados obtidos; terminando que se devia officiar n'este sentido áquella Commissão.

O Sr. J. Tedeschi, em addicionamento aoque acabava de expôr o Sr. 1.º Secretario, requereu que o pedido da Sociedade fosse igualmente feito a todas as pessoas que receberam o assacú.

A Sociedade deliberou que se officiasse, no sentido dos dous dignos Socios.

O Sr. Oliveira, propoz um Candidato para Membro Correspondente Nacional; e, dispensadas as formalidades do Regimento, foi admittido o Sr. Antonio Baptista Alves Leitão, Pharmaceutico na Covilhã.

O Sr. J. D. Corrêa, fez uma proposta de Candidato para Membro Honorario. Corrida a cedula pelas mãos de todos os Socios presentes, foi remettida para a Commissão de Direito Pharmaceutico.

Passou-se á discussão da proposta do Sr. J. D. Corrêa, feita em Sessão de 14 de Fevereiro ultimo: "*Quaes são as impurezas e falsificações a que o assucar está sujeito, e os meios d'as prevenir e reconhecer?*"

O Sr. J. D. Corrêa, achando-se presidindo á Sessão, e declarando querer entrar na discussão, convidou o Sr. J. Tedeschi a occupar a cadeira da Presidencia; e, sendo-lhe concedida a palavra, o mesmo Sr. Corrêa disse o seguinte:

Sr. Presidente, é do meu dever, como auctor da presente proposta, encetar a discussão. Posto que deseje ser breve, não posso todavia dispensar-me de apresentar algumas considerações preliminares, para depois entrar com maior segurança na apreciação dos preceitos a seguir, e dos meios que a nossa practica julga preferiveis.

O assucar, principal agente da fermentação, é d'um uso quasi universal, tanto na economia domestica como na Pharmacia; e encontra-se em quasi todas as substancias alimentares vegetaes. Entre nós o assucar mais usado é o de canna; e antigamente havia o proverbio de *não poder existir botica sem elle*, por ser um poderoso conservador, adjuvante, e correctivo de muitos medicamentos.

A canna do assucar (*saccharum officinarum*), como sabeis, pertence á triandria digynia de Linneo, e á familia das gramineas de Jussieu; foi transportada para a Arabia no fim do seculo 13.º, e d'ahi passou ao Egypto, Syria, Chypre e Sicilia. Em 1420, depois da descoberta da Ilha da Madeira, por Gonçalves Zarco, o nosso Infante D. HENRIQUE mandou vir cannas d'assucar da Sicilia, e as fez cultivar n'aquella Ilha, onde prosperaram tanto, que chegaram a fazer o principal ramo do seu commercio; e d'ahi vem serem as Armas da Cidade de Funchal tres paes d'assucar: mas foi na America que esta planta se multiplicou espantosamente.

Descreveremos o assucar americano, por ser o que concorre em maior porção ao nosso mercado; ainda que, das nossas Possessões d'Ultrammar, nos sejam importadas algumas quantidades.

O assucar de canna, como não ignoramos, quando puro, é amorpho, branco, brilhante, d'um sabor particular, muito doce e extremamente suave; contundindo-se em logar escuro, tor-